

ESCRITA MALDITA



BEN OLIVEIRA



Este livro foi disponibilizado pela equipe do [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

Escrita Maldita

Ben Oliveira

Direitos autorais do texto original © 2016

Ben Oliveira

Todos os direitos reservados

Parte 1

“Não obstante, tão certo como existe minha alma, creio que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano – uma das faculdades, ou sentimentos primários, que dirigem o caráter do homem”. – Edgar Allan Poe, O Gato

Capítulo 1

As luzes do palco iluminaram os rostos dos dois homens. Pela primeira vez, Daniel Luckman recebia das mãos do famoso escritor de terror, Laurence Loud, um prêmio literário graças ao seu romance *Lágrimas Negras*. Era um divisor de águas na vida do jovem autor.

Aplausos se espalharam pelo salão. Ele jamais imaginaria que o seu livro faria tanto sucesso e que receberia a benção do seu escritor favorito ainda vivo – os outros foram devorados pelos vermes, como traças que se alimentaram de seus papéis rabiscados. Uma nuvem de borboletas selvagens provocava uma tempestade no seu estômago, uma sensação maravilhosa e angustiante ao mesmo tempo. *Eu não mereço tudo isso. Sou uma fraude.* Parecia coisa de outro mundo ter se tornado um autor best-seller em menos de um ano. Lembrou-se da morte de Edgar Allan Poe sem o devido reconhecimento. Perto dele, ele não era ninguém. *Eu estou imaginando tudo isso. Não, agora não é o momento para isso.*

Daniel e Laurence posaram para centenas de fotos naquela noite. O escritor contemporâneo e o tradicional na mesma fotografia. Os jornalistas adoravam especular bobearias sobre aquilo. Tudo era válido para conseguir uma reportagem que chamasse a atenção dos leitores. Daniel Luckman nunca havia se esquecido do que o seu professor de escrita criativa havia dito: *“É melhor receber uma crítica negativa a não ser notado”*. Se havia algo com o que Daniel não precisava se preocupar era com os comentários negativos. Um livro contemporâneo de terror dificilmente agradava a crítica especializada, o mercado editorial e os leitores, mas *Lágrimas Negras* tinha tudo aquilo.

– Aqui estão vocês! Parabéns novamente, Daniel – disse John K., o editor, dando um tapinha no ombro do rapaz – Obrigado por participar da entrega, Laurence. Se importa de me emprestá-lo por um instante?

John K. e Laurence se afastaram de Daniel. Ele precisava daquele minuto para respirar, processar tudo o que acontecia. Sentiu vontade de se estapear, para ver se tudo aquilo não se

passava de um sonho, mas se deu conta do quanto pareceria estúpido se fizesse aquilo, com tantas raposas carniceiras preparadas para o ataque com suas câmeras e bloquinhos.

– Você está bem? – disse Marissa, ao se aproximar de Daniel. Sempre que aquelas coisas tentavam tomar controle do homem, era como se ela adivinhasse a hora certa de se aproximar.

– Maravilhoso. É tudo tão novo e assustador.

– Estou tão orgulhosa de você, meu amor.

Marissa beijou Daniel. Naquele instante, ele realmente se sentiu o cara mais sortudo do mundo. O que mais poderia desejar? Sua vida parecia perfeita. Trabalharia escrevendo, fazendo aquilo o que mais amava. Quantas pessoas tinham a oportunidade de correr atrás dos seus sonhos? Tinha uma bela namorada. E logo viriam contratos para seus novos livros, ou assim esperava. Aquilo estava acontecendo rápido demais, mas precisava aproveitar a onda ou se afogaria no mar de desilusão. Não havia tempo para pensar. Era como escrever, sem deixar as inseguranças segurarem suas mãos e anoitecerem seus pensamentos. Quando o sucesso batia na porta era melhor deixá-lo entrar ou ele jamais se aproximaria.

A limusine preta estacionou em frente ao teatro. Daniel segurou a mão de Marissa, abriu a porta para ela entrar e em seguida se sentou no banco de couro. Não foi preciso trocar uma palavra com o motorista que já sabia qual era o plano da noite.

Daniel abriu a garrafa de champanhe e serviu duas taças. A namorada sorria tanto quanto ele. Ela sempre acreditara que um dia Daniel seria um sucesso. Agora, não precisava esconder dos pais a verdadeira profissão do homem que ela amava. Marissa imaginava a cara que a mãe faria ao contá-la que o futuro marido era um contador de histórias e a frustração do pai que era um médico e desejava que a filha se envolvesse com alguém com uma carreira estável. Era patético, ela sabia, mas os pais ainda eram um tanto tradicionais para aceitar que sua princesinha estivesse com um escritor. Então, ela preferia dizer que ele dava aulas de literatura

e escrita criativa.

– Um brinde ao seu sucesso! – Marissa levantou a taça, abrindo seu sorriso perolado.

– A nós dois. Sem o seu apoio, não sei se teria conseguido. Namorar um escritor não é fácil, eu sei... – respondeu Daniel, se lembrando das últimas ex-namoradas que sempre o viam como um derrotado e reclamavam da falta de tempo: *“Você gasta mais tempo na cama com os livros do que com sua namorada”*.

Quando as taças se encostaram, a champanhe espirrou no rosto de Daniel. Ele estava tão feliz que não se importou. Tudo o que ele queria era aproveitar aquele momento com a namorada, em um dos hotéis mais caros da cidade. Era a primeira vez que ele iria até lá. Normalmente não teria dinheiro para se hospedar em um lugar tão chique e frequentado somente pela elite, porém se deu ao direito de gastar além do que deveria, para agradar sua adorável Marissa.

Enquanto o motorista dirigia sem ver o que acontecia na traseira da limusine, Daniel e Marissa começaram a comemoração antecipadamente. Ele a beijou com vontade, uma fome do afeto dela que não parava de aumentar.

– Você é linda! Tenho a sorte de ter uma mulher maravilhosa como você, corajosa para namorar um escritor chato e louco como eu – sussurrou Daniel no ouvido da mulher.

– Xii... Não fala nada... – respondeu Marissa, colocando o dedo nos lábios de Daniel. – Você sabe como é gostoso o silêncio das entrelinhas... – as palavras combinadas com o toque eram como uma injeção de cocaína em suas veias.

A temperatura no interior da limusine mudou de uma hora para a outra. O ar-condicionado não davam conta das peles febris. Daniel imaginou a manchete sensacionalista, que só um daqueles jornais populares e desesperados pela atenção da audiência publicariam: *“Casal bota fogo em limusine: Motorista morreu sorrindo”*.

– Você está com calor? – perguntou Daniel, observando Marissa descabelada, mas ainda

tão deslumbrante que, às vezes, aquele relacionamento parecia bom demais para ser verdade. Desde o início do namoro, Daniel se questionava se ela não passava de sua imaginação, se era sua musa, uma personagem que insistia tanto em ter sua história contada por ele e não o deixaria em paz até conquistar o que queria.

– Mor-ren-do – disse com a voz rouca, do jeito que o enlouquecia. – Por que você não me dá uma ajudinha com o vestido?

Daniel balançou a própria cabeça, tentando colocar as ideias no lugar e foi salvo pelo motorista alertando que chegaram ao hotel.

Ele ajeitou o cabelo e a roupa antes de sair do carro e depois puxou a namorada pela mão. Quando Marissa ajeitou o vestido prateado, que podia cegar alguém de tanto brilho, o escritor deu graças a Deus por todas as mulheres que haviam passado em sua vida, todos os relacionamentos que não funcionaram. Nenhuma delas chegava aos pés de Marissa.

Daniel bateu na janela do motorista e o dispensou. O homem acenou com a cabeça e dirigiu. Marissa mal acreditava que os dois passariam a noite naquele hotel cinco estrelas. Parada em frente ao enorme prédio, Daniel admirou a beleza exótica daquela morena, de cabelos cacheados e olhos verdes. *Quais são as chances de ganhar na loteria duas vezes no mesmo dia?* Ela era baixinha em relação a ele, mas quando usava aqueles saltos altos, além de evidenciar o belo par de pernas, ficava a altura dele. Enquanto caminhava com o braço ao redor de Marissa, ele se perguntava o que ela havia visto nele? Era tão branco que parecia pálido, não era gordo nem magro e o único exercício que fazia era a corrida, que ajudava com os bloqueios criativos; o cabelo dele era loiro e apesar dos 25 anos, o seu rosto parecia o de um adolescente. Ele não era o tipo de homem atraente para uma jovem tão quente como Marissa. A personalidade de Daniel também não era das melhores. Ele era obcecado pela escrita e leitura, viciado em café, e quase nunca dava atenção suficiente à namorada, mas ela o amava mesmo assim.

– Sejam bem-vindos ao *King's Hotel* – disse o atendente, trazendo Daniel de volta à

realidade. – Desejam fazer uma reserva?

– Você não sabe quem ele é? – perguntou Marissa, cheia de graça. – Se ainda não leu o livro dele, um dia você vai ler. Anote o nome dele: *Daniel Luckman*.

– Senhor e senhora, Luckman – falou o homem num tom de indiferença, deixando o escritor sem graça. – O quarto de vocês é o 1307. Alguma bagagem?

Daniel respondeu com um levantar de ombros e segurou a chave.

– Se precisarem de alguma coisa, é só pedir.

– Obrigado – respondeu Daniel.

Daniel e Marissa andavam e observavam cada canto do hotel com maravilha. Os olhos dela brilhavam e só de vê-la feliz daquele jeito, o escritor se sentia aliviado. Toda aquela grana por uma noite de hospedagem valeria a pena. Os lustres de cristal eram tão brilhantes, mas ainda assim não podiam competir com a beleza de Marissa. Os quadros e estátuas, tudo ali parecia surreal demais, parte de um mundo que Daniel só conhecia pelas revistas. Ele se lembrou de quando precisava escrever artigos de turismo, como freelancer, para ganhar dinheiro. A empresa costumava pagar sua hospedagem e, às vezes, passagens aéreas para outros destinos, no entanto nunca tinha ficado em um lugar tão incrível como aquele.

– Espero que esteja feliz comigo, Marissa. Você é muito importante para mim e aquele prêmio não valeria nada se eu não estivesse contigo ao meu lado para compartilhar o momento.

– Daniel, não precisa de um hotel luxuoso para me agradar. Poderia passar a noite numa espelunca com você e estaria feliz. Não vou mentir... Estou adorando tudo isso.

– Ótimo! – respondeu Daniel, levantando as sobrancelhas e um olhar enigmático. – Este é só o começo e uma forma de demonstrar a minha gratidão pelo seu apoio.

Eles entraram no elevador e o funcionário já sabia qual era o andar deles. Assim que desceram, Marissa beijou Daniel de surpresa, deixando-o mais feliz ainda. Tudo estava indo

conforme ele havia imaginado.

Daniel segurou o cartão do hotel e encostou ao lado da porta. Uma luz verde acendeu e a porta se abriu. Ele se controlou para não parecer um adolescente bobo, como quando leu Lolita pela primeira vez, recomendado pelo professor de literatura que quase havia sido expulso do colégio por causa da reclamação das famílias dos estudantes; Ou quando achou uma revista masculina de mulheres peladas, que o pai escondia no criado-mudo ao lado da cama. Se continuasse escrevendo com a alma, tocando seus leitores, se tornando um sucesso de vendas e agradando até mesmo aos críticos literários que costumavam destruir autores best-sellers, ele teria mais oportunidades como aquela.

Aquele momento congelou na cabeça de Daniel. Ele queria registrar como uma fotografia e nunca mais se esquecer. O olhar de surpresa de Marissa ao ver a cama cheia de pétalas de rosas, a champanhe, em seguida, as lágrimas de felicidade rolando pelo seu rosto delicado.

– Amor, não precisava tudo isso. Estou me sentindo mal. Era eu quem deveria mimar você e não o contrário.

Ele fechou a porta e se preparou para dizer as palavras que estavam engasgadas. *Não há nada mais irônico do que um escritor que não sabia como falar o que tinha em mente.* Não era fácil encará-la e despejar tudo o que estava guardado em seu coração, era tão difícil quanto foi terminar de escrever seu livro, revisá-lo e se despedir dele, depois de tanto tempo dedicando horas preso naquele mundo inventado por ele.

– Daniel, você me faz a mulher mais feliz do mundo... – disse Marissa, com os olhos verdes ficando avermelhados.

Não havia momento mais adequado para fazer o que ele desejava do que aquele. Daniel segurou o livro, cheio de orgulho, e o entregou para Marissa. Ela não entendia o que ele pretendia, mas aceitou.

– Você sabe que eu já tenho o seu livro, amor.

– Este é especial.

– Hum... – suspirou a mulher. – Uma dedicatória especial? – perguntou Marissa, enquanto abria seu exemplar de Lágrimas Negras.

Marissa,

Ao longo da vida nos fazemos uma série de perguntas. Cabe a cada um de nós ter a coragem para descobrir suas respostas. Abra o livro na página 54.

Os olhos curiosos de Marissa não escondiam a estranheza daquelas palavras. Não havia alternativa, a não ser fazer o que Daniel lhe pedia. Delicadamente, ela moveu os dedos até a página que estava entreaberta. Ela quase engasgou com a champanhe quando viu o objeto reluzente. Daniel havia sacrificado algumas páginas, para manter o anel seguro.

– Você aceita casar comigo? – perguntou Daniel, envolto numa aura alcoólica de romance.

– Sim. Sim. Seu escritor maluco e adorável! – respondeu ela, tão rápido, como se esperasse por aquele momento há anos.

Três anos de namoro, e só agora Daniel teve coragem de pedi-la em casamento, embora a vontade estivesse dentro dele quando percebeu que ela era a mulher certa. Marissa não era chata ou carente como suas ex-namoradas, ela gostava de livros – não tanto quanto ele, mas era melhor do que nada –, não era fútil e viciada em comprar roupas da moda. Era o tipo de mulher com personalidade forte, sem precisar chamar a atenção com coisas materiais. Por esses e tantos outros motivos, aquela insegurança de que Marissa fosse só um personagem, às vezes, insistia em martelar na cabeça de Daniel. Em algum recanto escuro da mente dele, aquela ideia fixa o incomodava, mas bastava ver o sorriso mais lindo que ele já havia visto no mundo e tocá-la para que todas as vozes se silenciassem, ao menos temporariamente. Estava ali e agora, e nada mais importava.

Os dois choraram como duas crianças. As lágrimas eram de alegria. De repente, até os estúpidos livros de romance fizeram sentido para Daniel, que achava as narrativas exageradas. Os autores apelavam para as afetações, desesperados para escreverem obras que vendessem – principalmente para mulheres sonharem com amores utópicos, saírem da cinzenta vida real. Tudo era subjetivo demais, pensou. Cada emoção sentida naqueles microssegundos era verdadeira.

Daniel amava Marissa e os dois iriam se casar.

Capítulo 2

Um ano depois.

Fazia frio. Daniel tomava sua xícara de café, quando o telefone começou a tocar, tornando difícil ignorar. Aquele som o irritava tanto, que ele sentia vontade de esmagar o aparelho contra a parede, até que só restassem pedaços de plástico. Odiava receber ligações quando estava em seu processo criativo, mas Marissa havia ido ao mercado e poderia ser importante.

Morava em uma casa de campo, longe de todo o estresse do mundo moderno, ou quase isso. Seus únicos e poucos contatos aconteciam através da internet, telefone ou do meio tradicional e adorável, cartas de leitores. Ele havia casado com Marissa e se mudado para que pudesse desfrutar da tranquilidade, longe da violência, do caos e das armadilhas da vida contemporânea. Marissa dizia ter adorado a ideia, mas Daniel sabia que a mulher não aguentaria ficar muito tempo ali.

Daniel segurou o telefone e ficou olhando pela janela.

– Sim. É claro que eu tenho interesse. Quando podemos começar? Tudo bem. Eu entendo. Será uma honra para mim. Sempre fui fã dele. Eu diria que há um pouco dos livros dele na minha escrita... Obrigado!

O escritor estava maravilhado com o convite. A editora ligara para ele, oferecendo um projeto diferente, um livro escrito por dois autores: Daniel Luckman e Laurence Loud. Era tudo o que ele poderia pedir aos céus. A surpresa maravilhosa o ajudaria a manter os custos para morar longe da civilização e fazer sua esposa feliz.

Quando Marissa entrou pela porta, carregando sacolas de compras, ela olhou para Daniel

e no mesmo instante notou o sorriso travesso dele.

– O que você andou aprontando? – perguntou. Conhecia bem o marido.

– Você não vai acreditar. A editora me ligou e eles querem um livro meu, em coautoria com Laurence Loud.

– Ai, meu Deus! Isto é incrível, amor. Eu sabia que o sucesso abriria portas para você – disse ela, deixando as compras no chão da cozinha e abraçando o marido.

– Obrigado. Eu amo você. Faça sua mala! Precisaremos fazer uma viagem rápida para Nova Iorque, para discutir os detalhes. – Os olhos de Marissa brilharam de alegria. *Deve ser difícil para uma mulher tão jovem e bonita ficar escondida no meio do campo, mas se ela está infeliz, deve me contar logo.*

Marissa voou para o quarto. Nada poderia ser melhor naquele momento do que uma viagem.

Queria, sim, ter filhos e morar em um lugar calmo, onde Daniel pudesse escrever em paz, sem se sentir sufocado ou incomodado pelos barulhos de carros buzinando, dos vizinhos discutindo sobre o som da televisão alta ou dos malditos vendedores que batiam de porta em porta, tentando vender coisas que ninguém queria comprar. Ela o amava, mas não queria deixar sua própria vida de lado, seus sonhos. Na mesma semana em que se mudaram, após o período da lua de mel, ela se inscreveu em uma pós-graduação à distância de Marketing. Queria ajudá-lo de alguma maneira com a venda dos livros e colocar os seus conhecimentos em prática. Naquela distância toda, poderia planejar ações na internet e conquistar mais leitores para Daniel Luckman. Seria perfeito.

Naquele dia, Daniel deixou a sua escrita de lado, para dar atenção à mulher. Os dois passaram à tarde toda na cama e ele a fez se contorcer de prazer. Sua libido aumentava sempre que tinha uma boa novidade e sua carreira como escritor era valorizada, diferente de quando enfrentava os desagradáveis bloqueios criativos e ficava mau humorado. Poucas coisas irritavam tanto Daniel quanto a sensação de se sentir incapaz de escrever uma linha. Marissa o conhecia o suficiente para saber quando ele precisava de espaço, de forma a não descontar suas frustrações nela. Ele deixava de ser o carinhoso e atencioso marido para se transformar no amargo e insuportável escritor. Ela se perguntava como ele conseguia ficar bem na própria pele quando aquilo acontecia.

O céu se tingiu de laranja e azul, enquanto ele comemorava com a mulher. Daniel ficou tão cansado que adormeceu. Diariamente, ele vivia nos extremos, sem hora certa para acordar ou dormir, no entanto Marissa tinha um efeito sobre ele, que o acalmava e colocava tudo em seu lugar. Ela não imaginava o quanto era responsável pelo bem-estar dele. Sem ela, Daniel corria risco de ficar preso dentro de sua própria imaginação, numa realidade alternativa. Ela era como a âncora que o mantinha estável, após longas viagens para diferentes terras, dentro da cabeça de vários personagens. Aquilo tudo piorava quando ele intercalava a leitura e a escrita – era como abrir janelas para várias dimensões, tantas informações e vivências que, no final das contas, Daniel já não sabia seu nome.

Acordaram com o som de um galo cantando. Marissa gostava de ter sua rotina definida, mesmo estando longe da cidade, dos pais e amigos. Ela costumava usar as manhãs para estudar e ler, e durante as tardes gostava de limpar a casa. Daniel, no entanto, odiava o som da ave. Seu sono era leve e era preciso pouco para acordá-lo. Naquele dia, porém, nada o incomodaria. Estava feliz demais para se importar. Até mesmo gostou de acordar cedo, afinal, precisavam colocar as malas no carro e se preparar para pegar a estrada. Sete horas de viagem, calculou na própria cabeça que chegariam na hora do almoço.

Ele sentiu o aroma de ovos fritos e bacon. Adorava quando a mulher o mimava. Daniel se sentou à mesa, folheando um livro novo, sentindo aquele cheiro maravilhoso nas páginas, esperando Marissa para acompanhá-lo. Ela já estava acostumada a vê-lo lendo – era uma das

únicas coisas que ele fazia quando não estava, bem, escrevendo. No início do namoro ela se irritava com aquela atitude, sentia-se como um mero passatempo para Daniel, até entender que velhos hábitos não mudavam. Ele sempre fora assim. Mudaria agora? Não, Marissa aprendeu a gostar dele do jeito que era, sem se incomodar com sua obsessão por livros.

– Animado? – perguntou Marissa, com um sorriso alegre no rosto.

– Muito!

– Também. Mal vejo a hora de fazer algumas compras e rever minha mãe.

Daniel estava tão feliz, que nem mesmo se importou com a mulher visitando a maléfica sogra. Sabia como ela exercia influência sobre Marissa, mas ela tinha uma personalidade forte e dificilmente deixava se levar pelas coisas que a mãe falava.

Comeram com pressa e a ajuda de um suco de laranja para a comida descer. Daniel estava tão ansioso por aquele dia, que trancou a casa com a chave do carro dentro. Teve que voltar e buscá-la. Marissa adorava vê-lo daquele jeito, e algo em seu interior a cutucava. Ela não queria ser só uma dona de casa, passar a vida cuidando dos filhos e cozinhando para o marido. Independente de onde estivesse, ela também queria construir sua própria carreira. Com as facilidades do mundo virtual, ela nem mesma precisaria ficar se deslocando para se encontrar com seus clientes, somente em casos especiais, mas até concluir a pós-graduação faltavam alguns anos.

As horas voaram, para a felicidade dos dois. Daniel estava ansioso. Mariposas faziam acrobacias em seu estômago, as mãos estavam frias e o suor escorria pela testa. Ele se arrependeu de ter comido aquele bife com queijo, com medo de passar mal. Marissa insistiu que ele precisava se alimentar bem, ter energias para dar o melhor de si na reunião. Ela sempre o apoiava, e era uma das coisas que ele mais gostava no seu relacionamento.

– Vai dar tudo certo, querido! – disse Marissa, beijando-o com carinho e pressa.

– Obrigado, amor.

– Agora, preciso ir. Minha mãe está me esperando. Quando terminar sua reunião, me liga.

– Boa sorte! Ou devo dizer, boas compras? Pelo menos dentro da loja, sua mãe não vai te encher de perguntas.

– Até mais – respondeu Marissa, sem querer prolongar o assunto.

Ela acenou para Daniel e deu partida no carro.

Daniel sabia que, às vezes, passava do limite quando falava da sogra, mas como se controlar quando tinha uma reunião importante que poderia alavancar a sua carreira? Ele estaria com um dos seus escritores favoritos com o editor que o deu uma chance de ver o seu livro ganhar vida e ser lido por milhares de pessoas, enquanto a mulher ficaria a tarde toda em uma loja de roupas com aquela megera.

Ele olhou o carro se distanciando, até que mal era possível enxergá-lo virar a rua. Daniel respirou fundo e se preparou para entrar no prédio. A recepcionista o olhou com uma cara feia, de quem não via a hora de ir para casa e perguntou:

– O que deseja, senhor?

– Meu nome é Daniel Luckman, eu sou escritor e vim para uma reunião... – antes que ele terminasse de falar o que queria, a mulher o interrompeu.

– 8º andar.

– Obrigado – disse ele, se sentindo mais nervoso ainda. Com um cão raivoso daquele na recepção, acreditava que o lugar não precisava de seguranças. *Mal educada. Não sabe com quem está falando. O futuro escritor de sucesso, conhecido pelo mundo todo.* Até se dar conta de que provavelmente ela não gostava de livros de ficção e não faria a mínima diferença quem ele era ou não, só estava ali para fazer o seu trabalho.

Apertou os dois botões do elevador, com medo de que um deles não funcionasse. Após trinta segundos, a porta se abriu. Daniel enxugou as mãos suadas na calça e aproveitou a cabine vazia para conferir o cheiro da axila e o hálito. Ele tirou o spray de hortelã do bolso e borrifou na boca. Sorriu para o espelho e tentou ficar confiante.

Quando a porta se abriu, ele sentiu o coração gelar. Precisava enfrentar aquela situação e se acostumar com reuniões importantes. Se o contrato fosse assinado e ele escrevesse o livro com Laurence Loud, ou L.L., como os fãs diziam, Daniel Luckman explodiria e seu nome estaria nas livrarias de todo o país. Uma secretária segurou o telefone e deu um olhar de reconhecimento para ele.

– Senhor Luckman, aguarde um instante – pediu a mulher ruiva. – Deseja água? Café? Chá?

– Café, por favor – respondeu, sabendo que precisaria de atenção o suficiente para não perder nenhum detalhe.

A secretária o serviu uma xícara de café fumegante com muito açúcar. Quando se tratava de café, ele gostava da bebida quente ou gelada, amarga ou doce, não importava. Desde jovem havia criado o hábito de beber café enquanto lia e escrevia – coisas que ele sempre fazia e eram tão comuns quanto tomar água ou escovar os dentes.

Por um minuto ele se esqueceu do que estava fazendo ali. Era só ele e o café, até que a mulher pediu para ele seguir até o final do corredor e virar à direita. Daniel agradeceu e a devolveu a xícara. Ela o olhou como se fosse devorá-lo e assentiu com a cabeça.

– Boa tarde, Daniel.

– John K.

– Laurence já está chegando. Acredito que podemos conversar sobre o contrato e adiantar

as coisas.

– Parece ótimo para mim! – respondeu Daniel, pensando se deveria ter controlado aquele entusiasmo, parecer menos desesperado.

O escritor ficou mais calmo depois de alguns minutos de conversa. Tinha sido ótimo o atraso de Laurence Loud. Daniel se lembrou de quando escreveu seus primeiros contos e participou de antologias com outros autores. Naquela época, ele desejava, mas não tinha ideia de que seu livro seria um sucesso. Cada passo tinha sido uma vitória e ele guardava todas suas histórias publicadas, notícias e entrevistas com ele. *Algum dia serei tão famoso quanto L. L.*

Daniel viu a ruiva abrir a porta e anunciar a entrada de Laurence Loud. A secretária parecia se controlar para não soltar um gritinho ao lado dele, bem diferente de como ela reagiu com Daniel. Sabia que era uma questão de tempo para que ficasse tão famoso quanto o colega, no entanto, não podia deixar de sentir inveja. Ele mesmo ficou sem graça ao cumprimentar o escritor veterano.

– Luckman, J. K. – disse Laurence e se sentou.

– Estávamos discutindo alguns pontos do contrato antes de você chegar, Loud. A editora está querendo um livro de terror escrito por vocês dois, tentando unir o seu estilo tradicional com o contemporâneo, algo que possa agradar a massa de leitores. O tema fica a critério de vocês. Uma coisa eu posso adiantar: será um sucesso! Cada um pode escrever um capítulo do livro, com um foco narrativo diferente, de forma que vocês possam trabalhar à distância. É claro, se haver interesse, vocês podem se encontrar, só repassem os gastos para minha assistente. Tudo para que o romance seja um best-seller mundial. Já posso ver as editoras de outros países brigando nos leilões para decidir quem vai ter os direitos para traduzir o livro. Então?

John K. estava extasiado. Daniel estaria mentindo se também não estivesse. No fundo ele tinha medo de que Laurence desistisse do projeto. *Por favor, vamos ser uma ótima dupla.* Já podia se imaginar mergulhando no universo de L. L., um dos mais famosos escritores de terror

que ele conhecia, implacável como H. P. Lovecraft e Edgar Allan Poe. Daniel se perguntava se o colega tinha a alma tão sombria quanto suas histórias refletiam. Aquele livro seria mais do que uma oportunidade de ganhar dinheiro e ficar ao lado de um dos seus ídolos – o escritor queria mesmo era aprender com o outro como atrair o sucesso. *Laurence deve ter seus truques e conselhos.* Daniel Luckman realizaria o seu sonho de desenvolver sua carreira de escritor.

– Onde devo assinar? – perguntou Laurence, fazendo sair todo o ar que John K. e Daniel estavam prendendo.

Que alívio... Por um momento cheguei a acreditar que L. L. não estava interessado. Com a quantidade de livros publicados, traduzidos, vendidos pelo mundo e adaptados para o cinema, ele vai ganhar uma mixaria. Eu não me surpreenderia se ele não aceitasse... Embora o corpo permanecesse no escritório do editor, a mente de Daniel viajava pelos desejos, entrevistas e reconhecimentos. E se nada daquilo acontecesse, não importava, pois tudo o que ele queria havia se realizado.

– Com uma condição, não posso permitir o meu nome ser publicado sem ter certeza de qual será a qualidade literária do livro. Sim, no meu início de carreira fiz muitas parcerias para alavancar meu nome, mas se me entendem, preciso manter o meu nível.

– Bom, o contrato de vocês inclui as despesas com hotéis e viagens que vocês possam ter para marcarem de se encontrar e escreverem juntos – respondeu John K., observando os olhos castanhos de Daniel brilhando.

– Será uma honra trabalhar com o senhor, Laurence Loud! – disse Daniel, depois apertou as mãos do escritor. Naquele instante, sentiu uma corrente percorrer todo o seu corpo. A emoção arranhava seus olhos! Todo o distanciamento da família e dos antigos amigos, de repente valeu a pena. Ele não precisava mais se lembrar de todas as pessoas que não acreditaram no seu sonho.

– Por favor, não me chame de senhor. Eu detesto – Laurence fechou o rosto, mas logo abriu um sorriso, volátil como uma chuva de verão. – Só Laurence está ótimo.

Laurence Loud abriu seu sorriso bege amarelado. Nem todo clareamento dental do mundo daria um jeito no seu vício por cigarro.

Daniel estava tão acostumado a ver as fotos dele nas capas dos livros, que era estranho vê-lo tão perto.

Marissa estacionou em frente ao prédio. Havia acabado de se despedir da mãe. Ela ficou com vergonha de levar todas aquelas sacolas para casa, porém odiava mentir ao marido. Sentiu a consciência ficar pesada ao se lembrar dos gastos que tivera naquela tarde. Daria um jeito de compensá-lo e comemorar a assinatura do novo contrato.

Daniel entrou mudo no carro, com uma expressão triste no rosto, diferente de como Marissa esperava encontrá-lo.

– Então, como foi, amor? – perguntou ela, tentando decifrar o marido.

– Perfeito! Estou tão feliz. Agora vem a parte mais divertida e também a mais difícil, planejar o romance e depois colocar em prática.

– Dan, você não sabe o quanto me alegra vê-lo assim.

As lágrimas escorreram pelos olhos dos dois, como se estivessem em sintonia.

– Compras, hum? – perguntou Daniel, ao notar uma dezena de sacolas no banco de trás do carro.

– Me desculpe. Sei que não podemos gastar muito, mas sabe como minha mãe é...

– Está tudo bem. – respondeu ele, ao olhar para os olhos verdes dela, que naquele dia estavam azulados da cor do mar e combinavam com seu nome. – Marissa, tenho pensado se fizemos certo em mudar para o campo. Eu sei que você aceitou, mas se estiver infeliz, eu preciso saber.

– Você me conhece, se eu não estivesse gostando, já ia ter contado.

– Foi o que eu pensei.

Marissa e Daniel trocaram de assentos. Ele estava tão animado com o novo projeto que decidiu voltar somente no outro dia de manhã para casa. Foram dormir em um hotel vagabundo pela cidade, bom o suficiente para descansar a cabeça, após uma noite de amor. Ele se lembrou de algo que costumavam dizer sobre relacionamentos: no primeiro ano era sempre um jogo de impressionar o outro, depois vinham as migalhas. A falta de dinheiro era maior do que qualquer romantismo. Do pavão à pomba. Tinha sorte de Marissa não ser fresca.

Antes de pegar no sono, Daniel perguntou como havia sido a tarde da mulher com a mãe. Estava mergulhado de uma forma tão profunda em seu próprio sonho que havia se esquecido de conversar sobre a sogra.

– Mamãe continua do mesmo jeito. Ela parou de reclamar de você não ter um trabalho convencional, mas agora não para de me perguntar quando conhecerá o netinho. Disse que está velha e não deseja morrer antes de ver *nosso filho*.

– Claro... – respondeu Daniel, bocejando. *Filho que significava “prole, descendente”*, ruminou em sua mente. Não havia palavra no dicionário que o aterrorizava mais depois de pai.

Ele beijou os lábios da mulher e desejou boa noite.

Ela continuou acordada, imaginando se Daniel seria um bom pai. Sua profissão o mantinha ocupado o dia inteiro. Estava sempre lendo, escrevendo, tomando café. Ele nem mesmo assistia televisão com ela e poucas vezes ao dia, parava para verificar se ela estava bem.

Marissa se perguntou se o marido tinha acreditado na mentira. A mãe jamais diria aquilo – surreal quanto Além da Imaginação. Quando acontecesse, ela teria que engolir todos aqueles pregos enferrujados de tanta acidez e negatividade que ela projetava no casamento da filha com Daniel. O pai médico, sem dúvidas, ficaria no pé dela para que ela tomasse as vitaminas e

cuidasse da saúde. Seria um saco aguentá-los, porém tudo valeria a pena ao ver o homem de sua vida realizado. Construir sua própria família a proporcionava a chance de mostrá-lo que seriam bons pais e sempre apoiariam os seus filhos, mesmo nas ideias mais loucas, tudo para que fossem felizes.

Capítulo 3

Sentado em frente ao computador, Daniel Luckman encarava o bloqueio criativo. A tela em branco o irritava. Marissa ainda dormia. Começou a escrever sobre sua incapacidade de deixar as ideias fluírem. Quando viu já tinha preenchido uma página, mas não era aquele texto que ele buscava, não era a história que queria contar.

Daniel vestia seu moletom cinza, regata branca e o tênis *Nike*, quando decidiu correr para *remover os alfinetes da memória*. Pior do que não conseguir começar ou continuar a escrever uma história, era ficar parado por horas em frente ao computador. Não, ele precisava dar um jeito de circular as energias, oxigenar o cérebro e eventualmente, os personagens voltariam a conversar com ele. Pelo menos, foi assim que ele fez para escrever seu primeiro romance publicado.

Ele não se alongou, apesar de saber que era errado e teria que lidar com as terríveis dores depois e os analgésicos que o deixariam sonolento e o fariam perder mais um dia. O escritor queria enfrentar seus problemas de frente. Quanto mais tempo ele perdia se sentindo um derrotado, mais deprimido ele se sentia. *Tique-taque, tique-taque*. O relógio se movia e o tempo que ele perdia dedicando à inércia, eram minutos que ele poderia usar para ler e aperfeiçoar a escrita, dar atenção à mulher ou ajudá-la a organizar as contas. Nada podia fazer se era do ócio que sua musa gostava.

Enquanto corria pela grama, ele sentia o cheiro verde inundar as narinas. Adorava estar cercado da natureza. Aprendeu com ela que todos os seres vivos estão relacionados e a vida de um deles não para só por que outro morreu. Não, ele nem mesmo ficou de luto quando Nick morreu. O pai, aquele velho miserável que se enforcou, deixando centenas de contas para a mãe. Agatha se liberou das amarras da família. Sem um marido para atormentá-la e o filho escritor – a escória da família –, para se preocupar, ela podia fazer o que tivesse vontade. Desde que Nick se foi, o homem que passou a vida toda lutando contra seus demônios, ou

melhor, cedendo às vontades daquelas criaturas sombrias que habitavam o interior de sua alma, Agatha nunca mais ligou para Daniel, nem mesmo para parabenizá-lo pelo livro. Deveria estar louca, ou feliz demais com sua própria existência para se importar com o filho.

O coração acelerado o fazia se sentir vivo. Estava tão acostumado a correr naquele campo, onde sabia que não encontraria ninguém tão próximo por pelo menos 100 km, que Daniel se sentia realizado ali. Não precisava se preocupar com o cabelo amassado, com as olheiras tão roxas quanto às memórias que floresciam em sua mente ou com o visual de louco. Ele não dava a mínima. Nem mesmo se ficasse rico com a venda dos seus livros mudaria o seu jeito. Tudo o que ele queria era escrever suas histórias, transportar os leitores para a ficção, onde coisas terríveis podiam acontecer a qualquer pessoa, a qualquer momento, independente de serem bondosas ou se mereciam.

Quanto mais corria, mais sua mente vagava sem controle. Era aquilo o que ele precisava para manter a chama viva da criatividade, daquela tempestade de ideias se formando em seu subconsciente. Algumas lembranças, as quais ele não queria pensar, surgiam e outras, que ele poderia incluir em suas narrativas, nunca apareciam. De repente, se viu há cinco anos, quando tinha 20 anos. Daniel havia acabado de concluir a graduação em Literatura Inglesa. Não era o que o pai queria para sua vida, ou a mãe que parecia não ter opinião própria e vivia como uma sombra do patriarca da casa. Ele esperava o mínimo apoio que pais normais poderiam dar, mas não, ele havia desrespeitado Nick e precisava pagar o preço. Era madrugada quando Daniel chegou em casa, após a noite da formatura. Tudo tinha sido demais para ele. Ele contava os minutos para ir embora, se sentindo desconfortável, vendo que todos estavam com seus pais e parceiros. E ele? Daniel não tinha ninguém. Uma ex-namorada dele que estudava em sua sala estava lá, é claro, com o novo namorado dela e os pais. Naquele minuto, ele a invejou. Ela tinha algo que ele jamais teria. Quando deitou na cama, ele engoliu suas lágrimas e repetiu: *Essa não pode ser minha vida*. Balançou o corpo de um lado para o outro, segurando as pernas, como uma criancinha.

Sua mente parecia uma maldita televisão – quanto mais ele zapeava, mais pensamentos desagradáveis apareciam. Lembranças felizes? Naquele instante, ele percebeu que sua vida não

tinha muitas. Não, até o dia em que conheceu Marissa. *Ah, essa é boa.* O suor escorria por todos os poros de Daniel. Já havia se arrependido de ter ido de calça em vez de short, mas ele achava que ficava muito estranho com suas pernas magras à mostra. Com o cabelo loiro grudado na testa, ele passava a mão nos fios compulsivamente.

Cinco, três, quatro, um, dois... Contou e desejou se lembrar de quando viu Marissa pela primeira vez. Naquela época, Daniel não havia publicado seu livro nem havia terminado de escrevê-lo. Ele morava numa minúscula quitinete, onde a cozinha e o quarto ficavam no mesmo ambiente. Foi um período em que ele emagreceu bastante, por causa da preguiça de cozinhar e do cheiro horrível que ficava impregnado em todos os cantos de sua casa. Cheiro de fumaça, fritura e gordura. Só de se lembrar, o estômago embrulhava.

“Agora, Daniel Luckman, um dos melhores alunos que já passaram por esta universidade vai falar com vocês”, anunciou o coordenador do curso de Letras. Daniel estava envergonhado. Ele falava horivelmente mal em público. Era como se toda sua capacidade de comunicação tivesse alojado na área do cérebro relacionada à escrita e se esquecido da fala. O auditório tinha dez pessoas. Naqueles anos, poucos alunos se matriculavam em Literatura, ninguém queria se tornar professor por causa do salário mediano ou se arriscar no mundo editorial. Em todos os jornais, liam-se notícias sobre a queda do consumo de livros impressos e a ascensão do mundo digital. Inventar de ser escritor naquela época era dar um tiro no pé. Daniel estava prestes a fazer o improvável, contar sua experiência durante e após a graduação, sem fazer parecer que eles devessem trancar o curso naquele minuto. Ele falou por meia hora, tempo suficiente para contar suas aventuras. Daniel compartilhou os desafios vivenciados na época da graduação, a falta de apoio dos pais e a felicidade ao ver os seus primeiros contos publicados. O que ele buscava mesmo era publicar um romance só seu. E algum dia conseguiria. Quando a palestra terminou, ele ficou surpreso ao ver os jovens e o antigo professor batendo palmas. Muitos o procuraram ao final para fazer perguntas. Uma dessas pessoas queria conhecê-lo. *“Prazer, Marissa”*, disse ela, beijando o rosto dele. *“Quer ir conversar em algum lugar tranquilo?”*, perguntou ela. Ele não acreditava nos seus próprios olhos. Ela estava flertando com ele? Daniel aceitou na hora. Agradeceu ao professor pela

oportunidade e divulgou o e-mail, caso os alunos tivessem dúvidas. Três garrafas de cerveja depois, eles haviam ido para a casa dele. Marissa foi gentil, e se absteve de comentar como o lugar parecia um chiqueiro ou perguntar como uma pessoa podia sobreviver naquele espaço tão pequeno. Naquela madrugada, os dois fizeram amor pela primeira vez, e desde aquele dia, eles nunca mais se desgrudaram.

O tempo voava quando Daniel saltava pelas memórias. Depois de uma hora, ele voltou para casa.

Marissa deu bom dia e preparou o café da manhã para os dois. Aquilo era o que ele mais amava nela, como ela era capaz de ler a mente dele, de agradá-lo como ninguém. Seu casamento era mais do que uma explosão de paixão e sentimentalismo, como muitos desejavam. Marissa era a melhor parceira que Daniel poderia desejar. Ela sempre o apoiava e não o incomodava quando precisava escrever.

– Então, como está indo sua história? – perguntou ela, servindo ovos e bacon fritos.

– Ótimo. Maravilhoso.

– Não escreveu nada? Você precisa relaxar. Já tivemos essa conversa um milhão de vezes, mas talvez você tenha que se afastar dos livros e da escrita, para o bloqueio passar.

– Marissa, eu amo você, mas sabe que não fico confortável quando falamos do meu trabalho.

Ela entendeu. Sempre entendia. Daniel a beijou e os dois se sentaram para comer. A cozinha estava silenciosa. Ele a abraçou, tentando se redimir.

– E os estudos?

– Adorando! Podemos trabalhar juntos. Você escreve e eu te ajudo a vender. Quem melhor do que sua mulher para saber a essência dos seus livros e a planejar estratégias de marketing para ele?

– Mais dinheiro... – Ele piscou para ela. Marissa ficou em dúvida se ele estava sendo irônico ou sincero. Às vezes, era difícil decifrar o marido.

Depois do café da manhã, eles tomaram banho. Daniel ainda estava preso em algum lugar dentro da própria memória. Eles fizeram amor sob o chuveiro – ela encostada na parede fria do banheiro e ele queimando-a por dentro com seu maçarico. Ela era o amor da vida dele e mesmo sabendo que inúmeras leitoras fariam de tudo para ficar com ele, ele não se importava. Ele era o homem com quem ela havia escolhido passar até envelhecer, até que a morte os separasse, mas odiava ser incapaz de ajudá-lo, quando o via perdido daquele jeito.

Eles deitaram na cama, mas Marissa sentiu a inquietação de Daniel. No início, ela não compreendia por que ele não podia se desligar por um minuto e dá-la um pouco de atenção, ficar abraçado com ela e esquecer o mundo ao seu redor. Anos de convivência fizeram-na perceber que não adiantava tentar mudá-lo. Ela o amava daquele jeito, com defeitos e qualidades. Marissa tinha escolhido se casar com um escritor, ela sempre soube que eles não tinham uma rotina normal. Talvez ela não precisasse ser toda carente e melosa, como aquelas *mulherzinhas* que ficavam sem ar e chorosas, sem a atenção do marido. Enquanto ele se dedicava ao seu ofício, ela correria atrás do dela. Se a vida fosse uma corrida, ela queria estar lado a lado a Daniel, não parada no escanteio, acenando como um estúpido figurante.

Daniel se levantou e foi até o escritório. Ele serviu café em sua xícara branca com a ilustração de palavra cruzada. Pensou em escrever, mas sabia que não teria ideias, não até ele e Laurence definirem qual seria o tema. Um livro de terror escrito por duas pessoas abria inúmeras possibilidades. Não adiantaria nada Daniel escrever uma história de terror sobrenatural e Laurence um thriller de psicopata, se no final não houvesse nenhuma ligação entre as narrativas. Não, eles precisavam sentar e conversar.

“L. L.

Bom dia! Espero que não se importe de eu chamá-lo deste jeito. Vamos marcar nossa

primeira reunião? Posso ir até você, ou você até aqui. Tenho uma casa no campo e moro com minha esposa. Pode se hospedar por aqui ou em um hotel, embora o mais perto fique a duas horas daqui. Aguardo um retorno e espero não tê-lo incomodado. Sei como sua rotina deve ser corrida, com tantos livros publicados, histórias para escrever e adaptações para a TV. Assim que tiver sua resposta, te passo localização..

Abraços do seu fã e escritor, Daniel Luckman”.

Daniel leu e releu o e-mail várias vezes antes de enviá-lo. Era como se tivesse medo de que uma palavra fora do lugar pudesse fazer L. L. desistir da parceria. Laurence não poderia fazer aquilo de última hora, os dois haviam assinado um contrato, mesmo assim, aquela insegurança o alertava para andar na linha.

Não havia ponto em tentar escrever antes de acertar os detalhes principais do projeto. Ele decidiu procurar críticas sobre seu romance na internet, embora aquilo nem sempre fosse agradável. A maioria dos críticos e dos leitores adorava os seus livros, todavia havia quem dissesse que Daniel Luckman não tinha o talento natural de contar histórias e não passava de uma sombra perto de Laurence Loud. A primeira vez em que leu uma crítica negativa, Luckman sentiu vontade de botar fogo no seu livro e ligar para a editora pedindo para retirá-lo de circulação, mas em seguida leu uma resenha maravilhosa, dizendo que Lágrimas Negras tinha mudado sua vida. Aquele era o impulso que ele precisava para continuar escrevendo, e torcendo para que novos livros fossem publicados. Sabia como as coisas funcionavam no mercado editorial. Após se tornar um best-seller, as chances de publicar qualquer coisa eram maiores. Conhecia escritores que não se importavam de associar os seus nomes a publicações ruins, desde que ganhassem bem. Laurence Loud, não. Daniel havia acompanhado suas primeiras publicações e entrevistas, ele parecia não se importar muito com dinheiro, embora ganhasse o suficiente para não precisar escrever ou trabalhar durante anos, ele gostava mesmo era de provocar o horror nos leitores, fazê-los perder o sono e enxergarem sombras dançando em seu quarto.

Daniel foi até a sala e viu Marissa concentrada no notebook, estudando. Ele sempre se

perguntou por que a mulher ainda não escrevera um romance, ela que também se formara em Literatura Inglesa e devorava livros. Talvez ela ainda não estivesse pronta para isso. Talvez ela precisasse de um empurrãozinho. Não seria ele quem a estressaria com a pergunta. Algum dia, quando os dois estivessem bêbados, ele a questionaria.

– Marissa, meu amor, você se importa se Laurence Loud passar alguns dias aqui em casa?

– Em nossa casa? – disse ela, sem acreditar. – Será uma honra!

Daniel tentou esconder entusiasmo que sentia. A visita de Laurence era mais do que uma oportunidade de pedi-lo para autografar seus livros ou contar ao mundo que o escritor estaria em sua casa. Ele queria mergulhar na essência dele e descobrir alguma estratégia para os seus livros serem um sucesso de vendas. Já se imaginava, após escrever e vender muitos romances, publicando um livro intitulado: *“Lições de um escritor: Coisas que aprendi com Laurence Loud”*.

Capítulo 4

Laurence Loud apareceu na manhã de uma quarta-feira na casa de Daniel Luckman. O escritor veterano vestia óculos escuros e balançava os longos cabelos pretos e prateados.

– Como foi de viagem? – perguntou Marissa, explodindo de ansiedade por estar ao lado do escritor que havia inspirado ela e o marido.

– Já tive piores – respondeu Laurence, com uma risadinha suja.

– Você deve estar morrendo de fome! Vou preparar algo para vocês comerem e muito café. Vocês vão precisar.

– Sem dúvidas, querida! – disse Daniel, ainda processando a informação.

O autor que ele havia lido desde que se interessou por livros estava em sua casa e eles escreveriam um romance juntos. Aquilo era fantástico, como entrar por uma porta e sair em outro mundo. Sentiu uma inquietação, pensando se não era sua imaginação operando. A vida toda aquela sensação de que estava internando em um hospício e tudo o que via eram delírios de sua mente doente. Apertou com força o próprio polegar com a unha, precisava ter certeza de que era real.

– Você está bem, Luckman? – Laurence o olhou com paciência e se divertiu com o impacto que causava.

– Tão feliz que poderia morrer – disse ele, sem saber se ria ou se chorava. L. L. adorava aquela expressão e a usou em quase todos os seus livros publicados.

– Cuidado com a linguagem. Você é escritor e deveria saber tão bem quanto eu: as palavras têm poder.

– Claro, claro – respondeu Daniel, em modo automático. – Vamos ao meu escritório?

– Antes lá do que no inferno. – Os fãs de Laurence perdiam a cabeça e o aplaudiam sem parar quando o escutavam dizer suas frases batidas, como se ele fosse uma estrela.

Daniel o levou até o segundo andar da casa, lá onde o silêncio era sua melhor companhia quando precisava escrever. Laurence subiu as escadas, observando as fotografias do casal pregadas na parede. Daniel e Marissa se beijando em frente à casa; Daniel e Marissa no casamento, sorrindo tanto que seus maxilares poderiam arrebentar; Daniel quando era pequeno, lendo um livro da Agatha Christie; Marissa com os pais. Em poucas imagens, Laurence conheceu mais o casal do que gostaria. Eles se sentaram próximo à escrivaninha de Daniel, onde uma foto dele com Laurence e o editor John K. estava em um porta-retratos de alumínio. *Este gosta de fotografias!*

– Fiquei tão feliz quando te vi, L.L., que mal tive tempo de agradecer. Muito obrigado por ter vindo. De todos os escritores deste tempo, você é o meu favorito! – Daniel sorria como um jovem que havia ganhado seu primeiro carro.

– Sabe, Daniel, as pessoas podem ser cruéis quando você realiza um sonho que costumava ser delas. Logo vai perceber que o amor dos leitores, da crítica ou da mídia pode se virar contra você a qualquer instante.

– Como assim? – perguntou Daniel, sem ter ideia de como alguém tão influente quanto L. L. poderia ser criticado, apesar de já ter lido aquilo. Estar frente a frente com seu ídolo, escutando suas palavras, era perfeito. *Laurence é genial.*

– Bom, por onde começar? O mercado editorial não é tão gentil com os autores estreantes. Esta parte você já sabe. Mesmo o seu primeiro livro tendo sido um sucesso, não significa que vão te apoiar sempre. No meio literário precisamos lidar com a inveja e ciúme de todos os tipos de pessoas: editores que desistiram de escrever para construir sua própria empresa; escritores que têm qualidade literária, mas suas histórias são pouco comerciais; leitores que colocaram na cabeça a ideia de que “todo mundo deve plantar uma árvore e

escrever um livro”, como se fosse seguir a receita de um bolo. A questão, Daniel, é que escrever exige algo que nem todos têm. Não estou dizendo que você não tenha esta coisa, mas se não cultivá-la diariamente, a magia se perde. Pode se transformar num amontoado de palavras, sem sentido para quem estiver lendo. Está vendo? Eu mesmo não sei o que estou falando.

Daniel respirou fundo. *Laurence está dizendo que não sou bom o suficiente para trabalharmos juntos? Por que diabos ele assinou o contrato?* Um milhão de perguntas voaram dentro da cabeça dele, como gafanhotos famintos. O escritor novato tentou se controlar. Não havia motivos para estragar o novo projeto. Talvez Laurence falasse dele mesmo.

– Entendo, Laurence. A crítica nem sempre é gentil, os leitores sempre reclamam dos preços dos livros e os editores são máquinas programadas para exercerem suas funções. Quanto aos outros escritores, tive colegas que sempre me apoiaram, mas imagino que alguns deles devem sentir inveja por eu ter publicado o meu primeiro romance, quando eles continuam escrevendo matérias para jornais. Acredito que todos têm sua chance de brilhar. Basta correr atrás.

– Este é o espírito!

No minuto seguinte em que Daniel disse aquilo se arrependeu. Parecia um maldito narcisista, um daqueles escritores best-sellers que tanto odiava, que esboçavam sorrisos artificiais para todos os lados. Não queria ter falado aquilo, queria? Não importava. Ele achou melhor se focar no projeto, antes que se desentendessem.

– Então, é aqui que você escreve... Vamos ao trabalho! Alguma ideia para o livro?

– Sim, mas não sei se vai gostar. Pensei na história de um leitor fanático por um escritor, que acredita nos livros dele como se fossem a bíblia. Muito sangue, loucura e terror sobrenatural.

– Você está falando sério? – perguntou o homem, observando com desdém. – Já escrevi

um livro sobre isso.

– Ah... – Daniel corou. Era verdade, L. L. tinha tantos livros publicados e na maioria deles o protagonista era escritor. Ele praticamente havia escrito tudo o que era possível no universo da literatura de terror. – O que você sugere? – questionou, levantando as sobrancelhas.

– Algo mais original. A ideia é juntarmos os dois estilos. Talvez possamos entrelaçar sua trama com a minha, de forma que nem mesmo nós dois saibamos como a história termina. Podemos criar os personagens, definir o local e o tempo em que a narrativa se passa, mas o conflito final e as reviravoltas serão surpresa para nós mesmos. Quero deixar o leitor sem fôlego.

– Parece que você já pensou em tudo – disse Daniel, com uma pitada de sarcasmo.

– Pensei em criarmos personagens realistas, para dar aquela sensação de que a história aconteceu de verdade. Sou fissurado pelo terror sobrenatural e por psicopatas, mas já escrevi tantas histórias assim que estou perdendo o encanto pela coisa. Quero um livro que as pessoas leiam antes de dormir e percam o sono virando as páginas, desesperadas para saberem qual será o final e se aquilo, de alguma forma, foi baseado na vida real. Senhoras e senhores, tranquem suas janelas e portas.

– Mal posso esperar para começar a escrever... Você é o mestre do terror. Como será nossa rotina? Nunca escrevi um romance com outro escritor.

– Você vai descobrir. Escreveremos juntos a primeira metade do livro e durante a segunda estaremos separados, para não trapacearmos. O que você diz?

– Não me lembro de ter lido um livro assim há tempos. Gosto da sua criatividade mórbida.

Daniel e Laurence estavam concentrados, os dois se sentaram lado a lado, como dois adolescentes fazendo trabalho do colégio – e não eram as memórias da infância uns dos

combustíveis favoritos da criação? No caderno, eles rabiscavam ideias, palavras-chaves, sugestões de personagens e suas características marcantes.

– Vamos ganhar um prêmio literário com esse livro! – disse Daniel, eletrizado.

– Se vivermos até lá. Escrever é um ato solitário. Quando dois escritores se juntam para escrever uma história de terror pode ser uma loucura. Não se pode pisar numa mina e esperar que ela não exploda.

Lá estava Daniel realizando o sonho de sua vida. Naquele minuto não podia desejar mais nada. Ele apertou o polegar com tanta força, que o dedo sangrou. Não estava sonhando nem delirando – Laurence Loud em carne e osso estava ali, tão perto que ele podia sentir seu perfume amadeirado e vê-lo rabiscando no papel desenhos góticos, palavras e citações. O processo dele não era tão mágico quanto Daniel imaginava e exigia mais planejamento do que espontaneidade. Mesmo assim, não tinha como não ficar deslumbrado.

Alguns rascunhos depois, Marissa apareceu e avisou que o café da manhã estava pronto.

– Desculpe pela demora, vi que estavam concentrados e não quis atrapalhar. Você deve estar morrendo de fome, Laurence.

– Você chegou na hora certa. Estava quase devorando o seu marido – brincou ele, fazendo uma careta, de boca aberta, em mais uma referência aos seus livros.

Daniel e Marissa estavam felizes e excitados de ver o escritor de bom humor. Laurence, certamente, sabia como ser o centro das atenções. Ele tinha aquela aura roxa ao seu redor, hipnotizante, como se o seu campo magnético atraísse todos ao seu redor e era possível se perder em sua atmosfera.

Laurence comia o seu sanduíche e observava discretamente o relacionamento do casal. Por um lado, ele se sentia feliz em ver o colega escritor naquele clima de romance com sua

esposa, por outro, sabia que era só questão de tempo para que o casamento fosse água abaixo.

– Então, Laurence, sua mulher não se importou de você ficar fora alguns dias? – perguntou Marissa, quebrando o silêncio gelado. Aquela pergunta, Laurence sabia que as mulheres tinham o sexto sentido.

– Ainda não recebi nenhuma ligação do céu ou do inferno – respondeu ele com humor, tentando esconder a tristeza de estar sozinho.

– Me desculpe, eu não sabia – disse ela, querendo cavar um buraco para se esconder, desesperada para mudar de assunto. – Como está indo o projeto?

– Até agora ninguém morreu... Seu marido tem ideias fascinantes. Vai ser tão prazeroso escrever este livro quanto é para a Morte, quando ela se aproxima e dá o seu último beijo.

Marissa olhou para Daniel, sentindo vontade de gritar de felicidade, enquanto o marido sorria.

– Não tenho palavras para descrever o quanto me deixa feliz ouvir isso, Laurence. Está aí um dia que eu nunca vou esquecer.

– Você pode ter certeza que não. Nem eu irei. Este livro vai ser uma bomba. Boom! – disse Laurence, movimentando as duas mãos como uma explosão, provocando risadas que ecoavam pela casa.

Após o café da manhã, Laurence foi até o carro, tirou a mala e a máquina de escrever cinza. Daniel levou a bagagem de Laurence até o quarto de hóspedes e os dois foram ao escritório, onde se trancaram e escreveram ideias para o primeiro capítulo do livro. Laurence com a máquina de escrever e Daniel no notebook.

– E se usarmos um pouco de metalinguagem, autoficção e nos incluíssemos como personagens na história? Podemos ver quem seria o protagonista e o antagonista e no final fazer as duas histórias se cruzarem.

– Você acha que a editora e os leitores iam gostar?

– Danem-se eles. Você é um escritor e precisa ser capaz de se expressar, sem se preocupar com como os outros vão reagir ao ler suas histórias. Já li muitas críticas sobre meus livros, falando sobre como eu só penso no dinheiro, no produto final, e não tenho amor pelas palavras. É tudo mentira. Todos nós corremos o risco de tirar conclusões precipitadas. Eu mesmo, quando era mais novo e escrevia meus primeiros contos, não tinha ideia das baboseiras que dizia sobre autores consagrados da época. Me achava o máximo, como se tivesse que sangrar para minha história ter vida. No final das contas, acabei me tornando como os que eu mais criticava. Era só recalque, medo de não ser lido e viver frustrado trabalhando com algo que odeio.

– Uau! – disse Daniel, fascinado, observando Laurence. – Há tanto ainda para aprender.

– Assim como posso aprender com você. Não somos produtos acabados. Meus romances estão longe de serem perfeitos. A jornada do escritor nunca termina e como dizia Borges, após morrermos, nos reencarnamos em nossos livros.

– Comigo? O que possivelmente você poderia... Você tem dezenas de livros publicados, enquanto eu tenho somente um romance. Suas histórias são lidas no mundo todo. Perto de você, não sou ninguém. Sou uma mera sombra.

– Você não entende, Daniel, ou não quer enxergar. Eu costumava ser você. Somos mais parecidos do que imagina. Eu olho para você e vejo um rapaz incompreendido pelas pessoas ao seu redor, com uma esposa linda e que tenta apoiá-lo, porém que não faz ideia da complexidade de suas ideias, vícios e obsessões. Sua família não esteve lá por você, ela nunca esteve. Suas olheiras mostram sua dedicação. É como dar tiros no escuro, sem sabe se vai acertar o alvo. Não importa o quanto você se esforce. Não se trata de fazer sucesso ou não, mas de escrever aquilo que te assombra noite e dia, deixar as vozes correrem da sua mão para o papel. Alguns chamam de *Musa*, eu prefiro, *Demônios*.

Daniel sentiu os ombros tremerem e se controlou para não desabar na frente de Laurence.

O escritor veterano o estava lendo, como um livro barato e fácil de decifrar, vendido em supermercados.

– Pense no que eu te disse. – Laurence bateu com o dedo indicador na cabeça. – Preciso fumar. Quer me acompanhar?

– Não, Laurence. Obrigado. Eu não fumo. Faz tempo que parei e prometi a Marissa que nunca mais colocaria um cigarro na minha boca.

– Você quem sabe... – respondeu Laurence, dando de ombros. Daniel notou que o colega tinha a pele cinzenta, como se as substâncias tóxicas o diluíssem de dentro para fora. Era como uma pintura velha e desbotada.

Laurence desceu as escadas e viu Marissa em sua calça *legging* e blusa branca se exercitando em frente à televisão. Ela mexia os braços e as pernas, repetindo os movimentos do instrutor. O homem passou tão silencioso que ela não o viu.

Do lado de fora da casa estava estranhamente silencioso. Era como se cada cômodo fosse à prova de som. Laurence perdeu as contas de quantas vezes desejou viver em um lugar assim, mas nunca teve a oportunidade. O que mais poderia fazer? Ele morava na sua cobiçada Nova Iorque. Estava acostumado ao som dos táxis, das reformas. Não conseguia abandoná-la, como uma família – quanto mais ele a odiava, mais precisava dela para sobreviver. Tinha crescido lá e não importava se nem tudo era como ele queria, desde que tivesse uma xícara bem quente de café, seus cigarros e sua máquina de escrever. Não era tão apegado aos livros quanto costumava ser quando era mais novo, como Daniel.

Ele observou o campo verde, sentiu o vento brincar com seu cabelo. Como seria sua vida ali? Provavelmente não duraria um mês. Gostava, sim, de um lugar calmo para escrever, mas como todo escritor tinha suas necessidades. Precisava de um bom bar, ver a vida diante dos seus olhos, o mundo real, não aquele habitado somente pelos seus personagens. Fazia parte do seu plano de não deixar os parafusos soltos saltarem de sua cabeça. Seus textos eram tão aterrorizadores, que Laurence Loud perdeu a conta de quantas vezes os jornalistas perguntaram

sobre sua infância. Sim, tivera problemas na família – quem é que não tinha? Admirava ver o colega jovem perseguindo o sonho que um dia fora dele.

Laurence foi abrir a porta, mas congelou ao ver Daniel e Marissa discutindo na sala.

– Marissa, vá se trocar! Estamos com visita em casa. Você não precisa ficar vestida desse jeito, se tornar uma distração.

– Para com isso, amor. Laurence nem mesmo desceu as escadas.

– Ele saiu para fumar. Você é tão distraída que não percebeu.

A mulher engoliu o choro. Sabia que não adiantava discutir com o marido. Daniel tinha o gênio forte e não gostava de perder uma discussão. Marissa bateu o pé no chão, cruzou os braços e o olhou cheia de raiva.

– O que você quer que eu faça nesta maldita casa? Estudar de novo? Limpar os quartos? Ou quem sabe cozinhar para você e seu coleguinha escritor, como se eu fosse sua mãe? Acorda, Daniel. Eu tenho vontades próprias. Você não pode ficar tentando me dizer o que fazer ou não.

Foi mais forte do que Marissa podia aguentar. Ela deixou as lágrimas selvagens descerem pelo rosto. Sentiu raiva de Daniel. Queria rasgá-lo como papel. Deveria ter escutado o conselho da mãe: *“Escritores são fascinantes de se estudar, mas péssimos seres humanos”*. Quantas biografias ela havia lido durante a graduação? Quantas vezes não viu aqueles livros escritos por amantes e ex-mulheres de escritores, compartilhando o lado que a mídia desconhecia? Aquela era a primeira briga que eles tiveram desde que se mudaram para a casa no campo. Por que diabos ela não disse: “Podemos mudar para outro país. Qualquer lugar, menos longe da civilização, sem nenhuma amiga para conversar”?

Marissa estava subindo as escadas, quando ouviu Daniel gritar:

– Volta aqui, Marissa!

Ela desceu com o corpo pesado, como se andar na lua fosse mais fácil do que caminhar até o marido.

– Eu amo você. Me desculpa, por favor. Não sei o que está acontecendo comigo. Só estou um pouco inseguro perto do Laurence. Você sabe como esse livro é importante para mim.

Ela enxugou os olhos com os dedos e fez um bico. – Eu te perdoo. E eu amo você, mas que não se repita. Sou sua esposa, não sua propriedade.

– Obrigado. Por tudo. Sei que posso ficar intenso, às vezes. Não quero perder o que nós temos.

Daniel a abraçou com força e viu Laurence entrando.

– Podemos voltar ao trabalho? – perguntou Laurence, sabendo o quanto era desconfortável ficar no meio da briga de marido e mulher. Quando era pequeno, ele costumava ser o saco de pancadas dos pais.

– Já estou indo. Vá indo em frente, vou preparar um café quente para nós.

Laurence assentiu e subiu as escadas. Sentia-se mal por ter presenciado a discussão. Lembrou-se de Megan. Ah, como ele a amava. Depois de Isabelle. Como seria bom se pudesse voltar atrás e corrigir seus erros. Não, era tarde demais. Depois de Belle tê-lo abandonado e dado as mãos para um câncer cerebral que a levou desta, ele se casou com Helena. A mulher também era escritora e era tão atrevida quanto ele, mas duas personalidades explosivas eram uma péssima combinação para casamento. Ela se destacou como mulher dele e se mandou. Suas narrativas eram seu legado, as únicas que nunca o abandonavam.

Capítulo 5

Naquela noite, Daniel foi para a cama com a história do romance na cabeça. Marissa estava virada para o outro lado e dormia tranquila. Ele estava mergulhado dentro da própria mente, numa dimensão onde não conseguiria escapar, até colocar no papel os sentimentos. O seu personagem ganhava vida. Decidiu chamá-lo só de L. – de Laurence –, enquanto não decidia um nome mais adequado. *Se o projeto der certo, será uma ótima forma de divulgar meu outro romance.*

Daniel fechou os olhos, mas era como se ouvia o seu personagem conversando com ele. Estaria ficando louco? Ou seria sua mente criativa o dizendo que estava pronta para trabalhar, sem se importar com o horário, como havia acontecido no seu primeiro livro? Naqueles meses, a vida dele se resumiu a escrever e escrever. Daniel emagrecera tanto que Marissa precisou empurrar comida nele e lembrá-lo de tomar água. Ele ficou em um estado de transe, sem despregar os olhos da tela do computador, sem pensar em nada que não fosse relacionado ao *Lágrimas Negras*. Agora ele entendia quando lia entrevistas de escritores que diziam: “*Escrevo para não enlouquecer*”. Aquele poder que os leitores sentiam ao terminar de ler uma história e se sentir renovado era uma necessidade diária na vida de quem se dedicava a criar suas próprias ficções.

Estava cansado demais para escrever e não queria trabalhar sem Laurence. Tentou iluminar o bloco de notas com o celular e anotou as ideias para o livro, como “somente um escritor louco reconhece o outro”, depois escreveu pleonasmo e riscou e “era atraído pela luz, como a mariposa que batia a cabeça contra a janela sem parar, desesperada para chegar até a luz, mesmo que para isso precisasse se sacrificar”. Não sabia como faria para encaixar as

palavras no texto ou se teria relação, mas aprendeu que era melhor escrever no papel do que sofrer com o bloqueio no outro dia.

Daniel se sentiu desorientado. De repente, ele estava na antiga casa. Ele se olhou no espelho e percebeu que algo estava errado. Lágrimas negras vazavam dos seus olhos. *Não pode ser.* Ele tremia sem parar. Sua respiração ofegante. O coração quase arrebatando o próprio peito. Sangue escorrendo das mãos. Dentro do sonho, ele teve a sensação de *déjà vu*. *Isto aqui não é real.* Estava vivendo a história do seu primeiro romance, mas os personagens eram seus pais. No chão da sala bagunçada estava Nick caído, após ser derrotado por uma criatura demoníaca. Daniel tentou gritar, mas não saía o som. Ele entrou no quarto da mãe e a viu sentada na cama, segurando um papel. Quando percebeu o desenho que ela havia feito: uma família, o pai e a mãe mortos, ele tentou levantar a cabeça de Agatha, mas a mesma havia caído e rolado pelo chão, como uma bola de boliche.

Ele sentiu um profundo terror envolvê-lo. Precisava acordar. Queria sair daquela loucura que sua mente o colocava. Era só um sonho.

– Daniel. Daniel! – Marissa o sacudiu para acordá-lo.

– Hm... O que foi? – respondeu ele, com uma voz chorosa.

– Você estava tendo um pesadelo. Estava gritando e chorando tão alto. Precisei acordá-lo.

– Obrigado...

– Você está bem? Quer me contar com o que sonhava? Você sabe que o seu trabalho é estressante e precisa colocar para fora. Não preciso te dizer a quantidade de escritores que já perderam a cabeça e se mataram.

– Eu sei, amor. Está tudo bem. Foi só um sonho. Estava vivendo no mundo de Lágrimas Negras.

– Isso é... Terrível – disse ela, sabendo que Daniel odiaria escutar isso, mas era a sua opinião. – Sua história prende o leitor do começo ao fim, mas não é a mais agradável para se pensar na hora de dormir.

– Vou aceitar como um elogio – respondeu Daniel, beijando a testa da mulher. – Volte a dormir, meu amor.

– Agora, eu não consigo – sussurrou Marissa, cansada. – Tenho uma ideia de como pode me recompensar.

Eram três horas da madrugada, quando Marissa e Daniel decidiram se enroscar sob os lençóis. Quando eles faziam amor, era como se ela esquecesse todas as explosões do marido. Já para o escritor, era mais intenso. Era um dos únicos momentos do seu dia em que ele se sentia como se estivesse dentro da própria pele, estava ali e agora, sem vagar por outras histórias, sem deixar nenhum personagem o distraí-lo pelos labirintos de sua mente.

Ela chorou de prazer. Depois de expurgarem seus demônios, Daniel e Marissa adormeceram.

Quando o despertador apitou, o escritor acordou desesperado, eram 9h. Apesar da preguiça, Daniel sabia que não podia dormir a manhã toda, não importava o quanto estivesse cansado. Tinha trabalho a fazer – Não era por isso que Laurence estava ali? Ele olhou para o lado e viu a cama vazia. Marissa tinha acordado.

Ele tirou o pijama e colocou a calça jeans confortável e a camiseta branca do Mickey. Às vezes, Daniel Luckman se vestia como uma criança, como se não tivesse deixado a infância para trás. Na cozinha, ele percebeu que ninguém estava ali e sentiu um desespero. Algo errado estava acontecendo. Então, ele saiu da casa e viu Marissa e Laurence correndo pelo campo. Uma sensação ruim inundou o seu espírito. *Desde quando ela gosta de correr?* Sempre que ele chamava a mulher para acompanhá-lo, ela nunca estava disposta e agora de uma hora para a

outra, lá estava ela, sorridente. Daniel tentou se recompor ao vê-los se aproximando. Era um péssimo mentiroso. A ironia era que ele cresceu ouvindo que escritores eram bons contadores de mentiras.

– Bom dia, amor!

– Bom dia – disse Daniel, olhando para a mulher e depois para Laurence.

– Vou tomar um banho e estarei pronto para mais uma sessão de trabalho – afirmou Laurence. Daniel se limitou a assentir.

– O que você pensa que está fazendo, Marissa? – Daniel puxou o braço de Marissa e o apertou. – Está tentando me deixar com ciúmes? Estragar o meu trabalho?

– Jesus, Daniel. Relaxa. Você tem andado muito estressado. O que queria que eu fizesse? Laurence estava entediado, esperando você acordar. Pensei que ele gostava de correr, como você faz todas as manhãs, quando não tem insônia ou escreveu na madrugada. Só isso... – respondeu Marissa, deixando os ombros pesados entregarem sua decepção. – Se você tem ciúme, era só ter me dito.

– Não, não é isso. Eu só... – fez uma pausa Daniel, desejando encontrar as palavras certas e não estragar o casamento com mais um drama. Ele sabia que era assim que os problemas começavam. Uma briga levava a outra e quando se desse conta, estaria se negando a assinar os papéis do divórcio. – Só queria ter ido junto. Você sempre diz não, quando te chamo.

– Bobinho, era só não ter perdido a hora. Você iria sozinho com Laurence. Sabe que eu nem gosto de correr, principalmente quando estou com sono.

– Me desculpe pela insegurança. Obrigado, mais uma vez. Você está sempre me salvando.

Marissa respirou fundo e se afastou dele.

De volta à cozinha, Marissa colocou a água para ferver, para preparar o café extra forte do marido. Ela preparou sanduíches para eles. Comeu só um. Precisava cuidar do corpo, não importava se morava a quilômetros da civilização e por ali não tivesse nenhum paparazzo.

– Quer saber de uma coisa? – perguntou ela, enquanto Laurence descia as escadas. – Vou deixar vocês trabalharem em paz. Preciso fazer umas comprinhas. Vi na internet que uma tempestade está vindo. É melhor estarmos preparados.

– Mas você ainda nem comeu... – resmungou Daniel, sentindo a memória de alguns minutos atrás costurando sua mente. Tinha sido um idiota e sabia disso.

– Vou comer no caminho.

– Não se esqueça de trazer mais café. Já está acabando.

– Alguma vez já me esqueci? – perguntou ela, séria. Em seguida, ela olhou para o outro homem. – E você, Laurence, alguma coisa?

– Não, senhora. Obrigado.

– Então, é isso. Voltarei a tempo para o almoço. Bom trabalho!

Marissa deu um beijo rápido no marido e acenou para Laurence. Ela sabia que embora a casa fosse grande, era pequena demais para dois escritores e uma mulher. Já podia ver as manchetes nos jornais: “Três pessoas morrem misteriosamente em casa de campo: O lugar assombrado está aberto a visitas”.

– Dirija com cuidado! – gritou Daniel, antes de ela fechar a porta.

A mulher não respondeu. Se Laurence não estivesse ali, ele se perguntaria se Marissa não teria fugido para a casa dos pais. Aquele dia, no entanto, precisava se focar no trabalho.

– Animado? Alguma ideia nova para a história?

– Muito. Antes, vamos comer.

Daniel e Laurence estavam sentados nos bancos da cozinha branca. A luz entrava pela janela aberta. O vento dava uma sensação refrescante e aquele cheiro de natureza, combinado aos sons dos pássaros marrons que saltitavam no parapeito, ajudava Daniel a recuperar sua paz interior. Ninguém imaginava o quanto era estressante se dedicar à escrita. Mesmo para criar um personagem, inventar uma trama, tudo aquilo exigia uma energia transformadora, que vinha de dentro para fora e o arrebatava, até fazer sua essência escorrer para o papel.

– No que está pensando? Está quieto demais, Laurence.

– Eu estava pensando no seu livro.

– Pode falar, você não gostou. Eu sei, ainda não sou tão habilidoso com as palavras como você.

– Daniel, seja sincero comigo. O seu romance foi baseado em fatos reais?

– Você mesmo disse que odeia quando te fazem essa pergunta. Por que está me fazendo?

– Estou curioso. Digo, as cenas do seu livro parecem realistas. O seu pai morreu e a sua mãe desapareceu. Ou será que você assassinou os dois, como o seu personagem?

– Deixa de bobeira. Seguindo esse princípio, você já assassinou diversas pessoas. Seus personagens quase sempre morrem no final, e quase todos os seus protagonistas são escritores.

– Você tem razão. Deixa para lá.

Daniel subiu as escadas, seguido por Laurence. Algo na pergunta havia o incomodado mais do que desejava. Laurence estava insinuando que Daniel era um assassino ou estava falando sobre ele mesmo? Ou, talvez, aquela era uma maneira do homem se aproximar mais dele? Queria esquecer aquelas palavras e voltar a pensar no novo projeto, mas elas afundavam em sua cabeça, provocando uma terrível enxaqueca. Era óbvio que Daniel não tinha matado a própria mãe. Ele era incapaz de colocar o fim na vida de qualquer pessoa, não importava o quão ruim ela fosse. Ou poderia? O escritor era contra a pena de morte. Não acreditava que

matar era a melhor maneira de resolver um problema. Acreditava em fantasmas que retornavam sempre que queriam.

– Posso ler um trecho do que você escreveu? – Laurence o puxou de volta à realidade.

Laurence segurou a folha entre as mãos trêmulas e se concentrou para ler.

“Era noite, quando D. entrou no apartamento de L. Ele desejava descobrir quais eram os mistérios daquele escritor, aclamado pelo mundo todo, fonte de inspiração para autores. A porta estava trancada, e D. não mediu esforços para arrombar a porta, nem mesmo após machucar o ombro direito.

Ali, a poucos metros de onde ele estava, dormia L.

– Que merda você está fazendo na minha casa? – perguntou o escritor, ao acordar e ver o outro em sua casa.

– Eu, eu só queria saber como você dá vida aos seus personagens, de onde tira suas ideias. Pesadelos? Passado de violência? Me conte, por favor!

– Essas coisas não se ensinam. Você precisa vivê-las. Não se pode virar escritor da noite para o dia. Não é como se eu não quisesse te contar ou como se fosse um segredo. A magia da escrita escolhe o autor, e não o contrário.

– Você está mentindo. Eu posso ver nos seus olhos, L., como você sabe alguma técnica e está me escondendo. Às vezes, me pergunto se você vendeu a sua alma ao diabo para conseguir ser famoso. Afinal, como podem duas pessoas, escreverem o mesmo gênero, e uma delas passar fome, enquanto a outra tem um apartamento de luxo, em uma das principais avenidas de Nova Iorque”.

– Você quer minha opinião sincera? Sua ideia está legal, mas precisa ser melhor trabalhada. É impossível arrombar a casa de outra pessoa e travar um diálogo desse. Não, as pessoas se desesperam, elas sentem o sangue gelar e o corpo se arrepia de medo. Medo do

desconhecido, da morte. O terror de que aquela possa ser sua última oportunidade de deixar sua marca no mundo. O instinto de sobrevivência nos deixa violentos.

– O que você sugere? Não seria possível o escritor convidar o outro... – assim que Daniel disse aquelas palavras, ele pensou em como o seu projeto do romance estava parecido com o que acontecia na vida real. Aquela seria uma ótima maneira de colocar suas frustrações no papel.

– Claro! Quem seria estúpido o suficiente de ficar conversando com a pessoa que invadiu a sua casa? Pense direito. Como você reagiria se um fã maluco seu entrasse aqui.

– Eu não tenho fãs malucos.

– Acredite, você tem e não sabe. Eu pensava o mesmo até que certo dia, eu estava com Helena, minha última ex-mulher em casa. Nós ficamos tão assustados quando vimos que tinha um rapaz escondido dentro do meu guarda-roupa. Ele estava lá, nos observando. Não sei dizer quantos dias ele ficou escondido no meu apartamento.

Daniel começou a rir, como se aquilo fosse improvável. Então, ele se deu conta de que na maioria dos livros de Laurence Loud o protagonista era um escritor e, muitas vezes, o vilão era um fã descontrolado. Seu corpo permanecia no escritório, mas a mente vagava pelas suas viagens literárias. Lembrou-se de *Misery*. Daniel achava a antagonista assustadora – Stephen King fazia questão de ressaltar que alguns monstros eram mais reais do que outros e o ser humano podia ser pior do que qualquer assombração. Seria bom ter mais admiradores, mas não podia sequer imaginar alguém invadindo sua casa. Tinha vendido milhares exemplares do seu romance, recebido cartas de leitores, mas nada tão fanático que pudesse fazer seu alerta piscar. *Quem sabe neste próximo livro seja assim?*

– Então, um escritor convida o outro para visitar sua casa e eles começam a escrever juntos, como estamos fazendo. Onde está o terror nisso?

– Daniel, o terror não é uma ciência exata. Aquilo que me agrada pode ser assustador

para você, e vice-versa, assim como existem histórias que conseguem tocar todos seus leitores, porque mexem com as emoções universais. Vamos deixar a escrita fluir. Uma hora ou outra, nossos personagens vão conversar conosco e nos dizer para qual caminho devemos seguir. Temos duas opções: deixá-los andando sem direção ou entregá-los um mapa com as instruções do que gostaríamos que eles fizessem.

– Prefiro quando eles colaboram.

Dentro do escritório, as horas pareciam voar. Era como se Laurence e Daniel estivessem em outra dimensão. Enquanto Daniel escrevia no teclado silencioso do seu notebook, Laurence gostava dos sons de suas teclas, de como as folhas preenchiam com palavras. Os dois faziam a mesma coisa, no entanto tocar o seu trabalho materializado era diferente de vê-lo na tela do computador.

– Rapazes, estão com fome? – perguntou Marissa, observando os dois escreverem.

– Já estamos indo!

– Podem escrever com calma ou com raiva, sei lá, quais sentimentos são bem-vindos quando vocês estão inspirados. Quando a comida estiver pronta, eu aviso.

– Obrigado, senhora! Você me lembra um pouco a minha mãe – respondeu Laurence.

– Um elogio?

Marissa fechou a porta e ficou pensando nas palavras de Laurence. Às vezes, até mesmo com Daniel, a mulher sentia como se fosse a adulta e o marido, um adolescente, preso no tempo. Ela não se importava. Antes de conhecer Daniel, ela tinha saído com um homem mais velho. Ele tinha quase a mesma idade do seu pai. Foi um encontro bizarro. Aquelas mãos enrugadas, o sorriso polido, o jantar no restaurante francês. Tudo ao redor dele girava em torno do dinheiro. Marissa jamais considerou ficar com alguém só por causa da grana. Ela gostava,

sim, de comprar roupas, como qualquer outra mulher, mas não poderia imaginar trocando o seu marido por outro homem. Daniel e ela eram perfeitos à sua maneira torta.

Ela colocou a carne com batatas para assar e preparou uma salada com legumes e frutas. De uma coisa Marissa não podia reclamar, desde que havia se mudado para a casa no campo, sua alimentação e o estresse melhoraram. Havia dias em que ela se enjoava da rotina, mas tinha tempo para pôr em prática seus conhecimentos da filosofia zen. Comia quando o corpo pedia por alimentos. Acordava quando sentia que tinha descansado o suficiente. Não precisava se preocupar com o trânsito, assaltos ou violência. Vivia em um território livre de influências externas. Deixava a crueldade do mundo para a imaginação do marido.

Daniel e Laurence desceram as escadas quando sentiram o cheiro do assado. Eram como dois irmãos, sentados à mesa, esperando a mãe servir seus pratos. Aquela ideia parecia engraçada a Marissa e um tanto incestuosa.

– Laurence, nem perguntei se você come carne.

– Desde que não seja humana... – respondeu, com um sorrisinho travesso.

– Caprichou hoje! – disse Daniel, como se competisse com Laurence pela atenção da mulher.

– Fiz para vocês! Espero que fiquem inspirados e o livro seja um sucesso.

Eles comeram em paz naquele dia. As nuvens pintavam o céu de roxo. Os ventos carregavam as folhas de um lado para o outro. Marissa se levantou para fechar as janelas e seus cabelos castanhos voavam desordenadamente, nada parecido com um comercial de xampu, estava mais para a juba de um animal selvagem.

– Cheguei a tempo! Parece que a tempestade vai vir mais cedo.

– Por sorte ainda tem energia. – respondeu Daniel.

Então, como se alguma força estivesse o testando, as luzes se apagaram. E o lugar ficou

todo escuro, e a tarde virou noite.

– Perfeito – resmungou o escritor.

– Você tem gerador? – perguntou Laurence.

– Este era o gerador.

– Como vocês vão escrever sem o computador? – Marissa parecia preocupada com o marido. Ela sabia o quanto era trabalhoso escrever um romance.

– Laurence não precisa de energia, só de iluminação. Vou ter que escrever à mão.

– Melhor assim, jovem. Vou te dizer, quando não estou com a minha máquina de escrever, prefiro a caneta e o papel a ter que usar um computador. A escrita flui melhor quando transmitimos nossas energias diretamente.

Eles aproveitaram para escrever à luz de velas. O escritório estava com uma aura mais sombria do que costumava ter. As imaginações de Laurence e Daniel fervilhavam. Os dois tinham a mesma fixação em suas histórias: morte. Restava saber qual personagem seria o vilão e qual seria o mocinho, embora a personalidade deles fossem compatíveis, ambos tinham predileção pelas trevas que habitavam suas mentes. Os dois eram mariposas sedentas por sangue, mas podiam se passar por borboletas coloridas quando desejavam.

Capítulo 6

Do lado de fora da casa, as aves grasnavam e voavam desesperadas para algum lugar seguro. As nuvens estavam tão carregadas que Marissa se perguntava se o telhado ia aguentar a chuva grossa quando ela chegasse com tudo. Daniel e Laurence ainda estavam trancados no escritório. Ela não queria atrapalhar o fluxo criativo deles, mas não podia evitar pensar como seria melhor se estivesse com eles. Naquele minuto, ela desejava estar em qualquer lugar, menos ali. Casa no campo, tempestade e escuridão era uma combinação que não agradava a Marissa.

Os trovões explodiam no céu. Marissa pensou em como seria bom se tivesse uma distração. Não estava disposta a ler com uma vela naquele breu – gostava dos livros, mas não tanto quanto o marido a ponto de deixar o seu medo de lado para se dedicar à leitura. Apesar de amar Daniel e de apreciar a presença de Laurence, algo em seu interior a alertava sobre o perigo de estar naquela situação com dois escritores de histórias macabras, que gostavam de apertar as páginas até sair sangue e sufocar o leitor até as últimas páginas.

Marissa fez o máximo que podia para segurar a língua e encarar a solidão. Aquilo era demais. Não estaria tão medrosa se tivesse alguma amiga ali. Desde que havia se casado com Daniel Luckman, eleito pela revista *Thriller Killer* como um dos melhores escritores contemporâneos de terror, Marissa via cada vez menos outras pessoas. Era como se ela tivesse sido tragada para o universo dele, presa nas teias daquele relacionamento, sem ninguém para conversar sobre assuntos estúpidos e pequenos do dia a dia.

Quando ela subiu as escadas, Marissa ouviu o barulho da porta da frente batendo. Fechou os olhos, respirou com calma e continuou andando. Não estava dentro de um maldito filme de

terror. Na vida real, espíritos não procuravam um lugar seguro para se protegerem da chuva. Marissa girou a maçaneta e viu a sombra de um homem escrevendo em sua máquina.

– Laurence? Desculpe incomodar. Está tudo bem por aqui? Onde está Daniel?

O ritmo frenético das teclas batendo, de repente, parou. Laurence se levantou e respondeu:

– Daniel disse que iria verificar como você estava. Ele saiu há dez minutos do escritório.

– Que estranho. Fiquei o tempo todo lá embaixo e não o encontrei.

Laurence deu de ombros e se aproximou dela.

– Você está com medo? Se quiser posso cantar para você. Quando eu era pequeno, minha mãe costumava cantarolar nas noites de tempestade. Eu tinha medo de tudo. Acho que se não tivesse colocado tudo o que me aterrorizava nos meus livros, eu ainda teria. As pessoas acham que os escritores escrevem para os leitores. Elas não se dão conta de como é terapêutico vomitar as memórias, sonhos e ideias fixadas em nossos subconscientes.

– Você está dizendo que todos aqueles monstros, espíritos, assassinatos... Queria eu ter uma imaginação tão criativa quanto a sua e transformar minhas histerias em ouro!

– Bobagem. Você não sabe o que diz. Eu olho para você e vejo um pouco de Megan, a primeira mulher que eu amei. Ela pensava que poderia me entender, me alcançar, mas nunca teve noção de onde estava se metendo. Se eu pudesse te dar um conselho seria este: jamais cometa o erro de se casar com um escritor de histórias de terror. Já dizia Stephen King: “Monstros são reais, e fantasmas são reais também. Vivem dentro de nós e, às vezes, vencem”.

– Ah, aqui está você... Eu estava te procurando – falou Daniel, entrando no escritório, percebendo o choque no rosto de Marissa. – Você está se sentindo bem? Sei que odeia quando o tempo fica assim.

– Estou sim... Obrigada por se preocupar. Posso ficar aqui, enquanto vocês escrevem?

Está tão escuro e solitário lá embaixo, que eu começo a ouvir barulhos estranhos e enxergar coisas que não existem.

– É claro, meu amor! – respondeu ele, beijando-a com carinho.

Quando Marissa se sentou no sofá, próximo a Daniel, ela ouviu a porta da frente batendo novamente.

– Vocês também ouviram isso?

– O quê? – perguntou Daniel, tentando se concentrar com o seu bloco de papel, segurando a caneta com suas mãos agitadas.

– A porta está batendo. Deve ser a ventania... – respondeu Laurence, como se fosse a coisa mais normal de acontecer num dia daqueles, numa casa do campo a quilômetros de distância.

Daniel não deu importância. Precisava se concentrar para terminar pelo menos o segundo capítulo que escrevera. Estava fisicamente ali, mas a mente estava no mundo de papel.

Daniel e Laurence continuaram escrevendo e Marissa ficou os observando, até que ela escutou um grito. Isso é mais assustador do que a ficção, pensou ela, onde merdas aconteciam, mas no final, você sabia que não passava de uma história.

Marissa olhou para o marido. Daniel estava impaciente. Queria mostrá-los que tudo estava normal e voltar a escrever, porém sabia que uma vez que a musa da inspiração se afastava, era difícil trazê-la de volta tão fácil. Laurence parou de escrever e acompanhou Marissa até a escada, onde eles poderiam acompanhar o que estava acontecendo. Ela achava que era como assistir a um estúpido *reality show*, onde podia ver a reação da pessoa diante de algo inusitado.

– Por favor, tem alguém aí?

Chovia tão forte, que era difícil escutar a voz do outro lado da porta.

Daniel abriu a porta e não escondeu o choque ao ver uma mulher loira. Seu cabelo estava tão molhado que parecia mais escuro do que realmente era. Ele a encarou, como se decidisse o que fazer, esperando por uma explicação do que ela fazia ali naquele horário.

– Eu posso usar seu telefone? Meu carro estragou. Precisei andar bastante até chegar aqui – disse ela, com as duas mãos cobrindo os peitos, morrendo de frio. Percebendo que o homem não reagia, ela continuou: – Alex. Meu nome é Alexandra – corrigiu-se, esticando a mão para Daniel.

A esposa do escritor percebeu que ele estava sem reação e desceu as escadas correndo.

– Por favor, entre, Alexandra. – pediu Marissa, imaginando que a outra estivesse exausta.

– Obrigada! Então, vocês podem me emprestar o telefone? O meu acabou a bateria e, pelo visto, vou precisar de um novo... – Alex tirou o aparelho molhado do bolso e o colocou sobre a bancada.

– Eu busco para você – respondeu Daniel, ainda tentando compreender o que acontecia.

– Você aceita chá? Vou pegar toalha e roupas. Meu nome é Marissa. E aquele é o meu marido, Daniel – disse ela, tentando parecer calma e reconfortante. – Laurence! – gritou ela, e em cinco segundos ele apareceu.

– O quê?

– Você pode fazer companhia a Alex? Vou buscar algumas coisas.

Laurence confirmou com a cabeça e em seguida se apresentou para Alex:

– Meu nome é Laurence.

– O escritor? – perguntou Alex, impressionada.

– O próprio.

– Que noite mais louca eu estou tendo. Parece até a história de algum dos seus romances. Quem diria, vir parar no meio do nada, na casa de um escritor de terror. Meu carro estragou, quando eu voltava da fazenda do meu pai.

– Dois. Seriam dois. Daniel também é escritor. E a casa é dele, não minha...

– Isso é o que eu chamo de estranha coincidência.

– Eu não acredito em coincidências – respondeu Daniel, reaparecendo, como se estivesse o tempo todo escutando a conversa. – Aqui está o telefone.

Alex segurou o telefone, abriu a carteira e tirou o cartão do seguro do carro. Não sabia se teria sorte o suficiente de conseguir ajuda naquela hora, não com aquela maldita tempestade. Ela tinha sorte de ter achado um lugar aquecido para ficar. Não podia imaginar ter que ficar presa no carro, naquele banco duro e desconfortável, esperando horas, até o amanhecer.

– Aqui estão as roupas, querida. Espero que sirvam.

– Obrigada. – respondeu Alex, segurando-as. – O telefone do seguro não está atendendo.

– Não se preocupe com isso agora. Você pode tentar ligar novamente mais tarde ou pela manhã, quando a tempestade tiver passado.

– Eu não quero incomodar. Se você tiver um guarda-chuva para me emprestar, eu posso voltar até o meu carro e dormir lá.

– De forma alguma. Você vai dormir aqui. – falou Marissa, com um tom maternal que nem ela sabia que tinha.

Assim que Alex se trocou, ela não parava de agradecer a Marissa pela bondade. Os quatro se sentaram na cozinha e tomaram chá. O lugar ficou mergulhado em silêncio. Só se escutava o barulho dos ventos e da chuva.

– Você deve estar morrendo de fome. – disse Marissa, em seguida olhou para os dois homens. – Vou preparar a janta.

Laurence estava estranhamente quieto. Ele estava sempre falando, fazendo piadinhas relacionadas aos seus livros, e naquela noite, não disse nada. *Algo está errado*. Daniel quebrou o silêncio.

– Então, Alexandra, o que você fazia para esses lados?

– Ela estava voltando da fazenda do pai dela – respondeu Laurence.

– É mesmo? Onde fica essa fazenda? – perguntou Daniel, coçando a cabeça.

Alex assentiu com a cabeça e disse:

– A 30 quilômetros daqui. Olha, eu sei que é difícil de acreditar e sou grata pelo convite de sua mulher para ficar aqui, mas se você não quiser, eu entendo. Eu mesma não receberia uma estranha na minha casa.

– Daniel só está resmungão. Não se preocupe, Alex. Isto é o que acontece quando ele não pode escrever. O gerador de energia parou de funcionar, então, ele teve que se virar com a vela e papel – respondeu Marissa, revirando os armários da cozinha.

– Entendo. Deve ser horrível escrever nestas condições. Imagino que Laurence já deve estar acostumado. – Alex abriu um sorriso amigável, tentando amenizar sua presença.

– Eu? – perguntou Laurence, segurando o queixo e dando um olhar sério para Alex. – Não importa quantos livros você escreva, cada novo projeto é sempre uma luta. Temos flexibilidade de horário e, como qualquer outra profissão, precisamos entregar nossos trabalhos no prazo. Lidamos com uma série de distrações para ter o trabalho feito, como a leitura. Se não tomarmos cuidado, passamos mais tempo lendo do que escrevendo.

– Sabe qual é o problema, Alex? A sua história está mal contada – prosseguiu Daniel, querendo cutucar aquele ninho de vespas.

– Por que eu andaria pela chuva e viria até aqui? Senhor Luckman, a fama subiu à cabeça? – Daniel podia sentir a ironia no modo que ela dizia o seu nome e aquilo o enchia de raiva. Queria empurrá-la pela porta e mandá-la se virar.

– Não sei. Talvez você seja uma jornalista, tentando escrever uma reportagem exclusiva, que ficou sabendo do contrato que Laurence e eu assinamos e aproveitou a oportunidade.

– Você está paranoico. Que mania de grandeza é essa? Se alguém aqui nesta sala pudesse supor isso, seria Laurence, não você – respondeu Alex, cheia de raiva. Percebendo a merda que ela havia dito, ela tentou se corrigir: – Esqueça o que eu disse. Não quis ser grossa. Só estou exausta. Não é a primeira vez que o meu velho carro me deixa na mão.

– Amor, não estou com fome. Já vou me deitar – disse Daniel a Marissa. – Boa noite a todos. Amanhã nos vemos.

Daniel estava desapontado. Ele nem mesmo queria que aquela estranha entrasse na sua casa e ainda precisou aguentá-la o diminuindo na frente de Laurence e Marissa. Sim, ele não tinha tantos livros publicados quanto L. L. nem tanta experiência, mas era porque estava no início de sua carreira. Algum dia teria tantos romances best-sellers quanto o amigo. *Eu sou Daniel Luckman.*

Dentro do quarto, Daniel não conseguiu dormir. Ele ficava pensando nas palavras de Alex. Aquilo tudo era a vida real, mas era como se ele já tivesse visto aquilo em algum lugar. Mais tarde naquela noite, Marissa abriu a porta do quarto e o entregou um prato de sopa.

– Você está bem, Dan? Não entendi por que você ficou tão irritado com Alex.

– Ótimo.

– Boa janta! Vou preparar o sofá para Laurence. Ele disse que não teria problema em dormir na sala, para que Alex ficasse no quarto de hóspedes.

Marissa beijou a testa do marido, que parecia uma criança gripada tomando a sopa e saiu do quarto.

Sozinho, Daniel tentou se lembrar do por que aquela situação de Alex lhe parecia tão familiar. Enquanto tomava a sopa, ele vasculhava o arquivo da memória, à procura de qualquer informação. Teve a estranha sensação de *déjà vu*.

Quando a mulher retornou ao quarto, ele pareceu curioso para saber como tinha sido. Daniel nem precisou dizer nada, como se Marissa lesse a sua mente, ela falou:

– Deu tudo certo. Não precisa se preocupar. Amanhã cedo, Alex ligará ao seguro. E você nunca mais precisará vê-la. Está mais calmo?

Daniel respondeu com beijo nos lábios da mulher.

Ela deitou no peito de Daniel e em poucos minutos adormeceu. Quisera Daniel ter o sono da mulher. Ele levou horas para pegar no sono. Não conseguia parar de pensar em como a aparição de Alex era esquisita. De volta à sua própria loucura de imaginar as pessoas ao seu redor como personagens de sua imaginação, ele se perguntou se ela era a personagem do seu novo livro – a peça-chave que faltava para tornar sua história envolvente. Alex era misteriosa e não parecia confiável. Ela era sua Musa, o sopro de vida que faltava ao seu projeto do romance.

Capítulo 7

Daniel acordou exausto na manhã do dia seguinte. Quando ele olhou o relógio sobre o criado-mudo, percebeu que já passava do horário que ia correr, antes de escrever – período do dia em que sua criatividade ficava prestes a explodir no papel, sem nenhuma distração do mundo real.

Ele tomou um banho rápido. Água quente. Desde pequeno, Daniel nunca gostou de água fria, pelo menos, não quando precisava se livrar daquela sensação de sujeira. Era mais um dos seus caprichos que aprendeu com a mãe. Então, quando estava se trocando, ele se deu conta de que de alguma forma o gerador estava funcionando novamente. De que outra forma era possível explicar o chuveiro elétrico e o banho gostoso que tivera, do jeito que ele simplesmente adorava e podia até mesmo ver o vapor subindo. *Marissa? Não, pela manhã ela fica sonolenta. Deve ter sido Laurence.*

Quando Daniel chegou à cozinha, Alex estava dando um abraço de despedida em Marissa e Laurence. Todos tinham tomado o café da manhã. Ele teria que comer sozinho. Não que Daniel se importasse, mas se sentia um péssimo anfitrião. Imaginava que todos os escritores eram salvos por seus companheiros. Tinha sorte de ter Marissa, sempre disposta a ajudá-lo.

– Obrigado por me deixar passar a noite aqui, Daniel. O seguro chegou. Eu estava me despedindo.

– Certo... Faça uma boa viagem, então – respondeu Daniel, se esforçando para soar compreensível, embora fosse péssimo no que ele chamava de “o teatro dos relacionamentos”.

– Alex, você tem certeza de que não quer companhia até o carro, querida? – perguntou Marissa.

– Não, mas sou grata por tudo. Não sei o que teria sido de mim se não fosse por você. Adeus, Marissa. Adeus, Laurence.

– Adeus, mocinha. Vá com cuidado! – disse Laurence.

Alex mandou um beijo no ar para Marissa e quando estava prestes a deixar a casa, ela olhou para trás mais de quatro vezes, como se estivesse em dúvida se queria realmente voltar para a sua rotina.

Então, Daniel começou a sentir um vazio. A mulher que havia dormido em sua casa estava indo embora e, aparentemente, ela havia se dado bem com Marissa e Laurence. Será que havia algo de errado com ele? Lembrou-se dos anos de colégio, quando se sentava sozinho na hora do almoço, sem amigos e sem saber como construir novos relacionamentos. Era como se vivesse dentro de uma bolha de vidro, um mero espectador, um personagem plano que aparece uma vez no livro, incapaz de marcar o leitor.

Laurence se sentou ao lado do colega e foi logo perguntando:

– Escrevendo na madrugada? Não sei como escreve seus romances acordando a esse horário. Eu preciso estar em pé todos os dias na mesma hora ou enfrento um bloqueio daqueles.

– Não sei o que está acontecendo. Tenho me sentido tão cansado.

– Você precisa de um bom café para acordar – falou Laurence, e Marissa, num piscar de olhos, o serviu uma xícara bem quente e doce, do jeito que Daniel gostava.

– Laurence arrumou o gerador. Estava faltando gasolina e ele tinha um pouco guardado no carro – explicou Marissa.

– Estou te devendo uma...

– Pode me pagar em forma de corrida. Confesso, na cidade não tenho disposição para correr, com todos aqueles carros. Aqui, no entanto, você tem um paraíso ao seu redor.

Daniel se deliciou com o sanduíche preparado pela mulher. Ele parou de pensar em Alex e em como ela o fazia se sentir o garoto que nunca havia sido popular, não importava se o seu romance havia entrado na lista de best-sellers do mundo.

A luz do sol entrava pela janela da cozinha. Marissa se levantou e abriu o vidro. Daniel gostava de quando a mulher parava lá e admirava o campo, deixando a brisa tocar os cabelos castanhos dela, iluminando seu rosto delicado e confiante. Ele a admirava como uma obra de arte. Laurence pediu licença para trocar de roupa.

– Você dormiu bem? – perguntou ele, tentando puxar assunto com a mulher.

– Sim. Acordei mais cedo por causa de Alex. Não queria deixar a pobrezinha sem ninguém para conversar, enquanto dormíamos. Mas quando acordei, ela e Laurence estavam se falando.

– Isto é...

– Normal – completou ela, sabendo que a imaginação do marido sempre voava longe, até nas situações mais simples.

– Estranho!

– Se você diz... Vou tirar um cochilo, enquanto vocês correm.

Ele concordou e a viu desaparecendo. Laurence retornou, alongando os braços e as pernas. Parecia um vovô pronto para correr, ao lado da jovialidade de Daniel.

– Tem certeza de que não vai te fazer mal correr agora? Você acabou de comer – indagou Laurence.

– Já estou acostumado.

Laurence e Daniel corriam lado a lado. Da janela do quarto, Marissa os observava, como uma mãe que cuidava dos filhos, embora ela fosse quase vinte anos mais nova do que Laurence. Ficou lá, como aqueles espíritos que ninguém percebe e ocasionalmente, aparecem em fotografias, fazendo quem vê-los se arrepiar todo. Pálida e imóvel, como uma estátua de cera.

Alguns instantes depois, ela se cansou e foi deitar. Estava se sentindo tão sozinha ali que poderia enlouquecer. Marissa colocou a mão na testa e presumiu que estava ficando doente. Ela tinha gostado de Alex e por um minuto, quando elas estavam conversando na cozinha, Marissa desejou que a outra não fosse embora. Seria bom ter uma amiga.

O que Daniel mais gostava na corrida, era a impossibilidade de conversar e correr ao mesmo tempo. Ele até poderia tentar, mas sabia do risco de sentir aquela angustiante dor nas costelas de quem não respirava direito e preferia evitar. Admirava o silêncio e não ter que jogar conversa fora.

Laurence seguia Daniel. O jovem escritor não parava de pensar em Alex, se ela tinha ido embora ou se era real. Tinha diariamente essas crises. Quando era adolescente, sua mãe o levou num psiquiatra que o diagnosticou com uma leve esquizofrenia. Ele nunca quis tomar os remédios nem mesmo Agatha concordava, sabendo do efeito devastador em um adulto, quem diria em um jovem. Sua família guardava segredos. Quais eram? Daniel nunca quis procurar. Sabia que nada de bom poderia vir do passado enterrado.

– Por aqui. Quero ver se ela já foi embora.

– Alex? Ela saiu faz tempo... – disse Laurence, com uma genuína curiosidade, querendo entender o súbito interesse de Daniel.

– O guincho enviado pelo seguro pode ter se atrasado.

O homem deu de ombros. Laurence conseguia correr, sem ficar todo ofegante.

Aproveitou que estava cheio de energia e seguiu Daniel sem questionar mais nada. Quanto menos falasse, melhor.

– Não vejo nenhum sinal de que um carro possa ter passado por aqui – bufou Daniel.

Laurence desacelerou. Não era mais novo como Daniel para conversar ao mesmo tempo em que o seu coração saltava pela boca.

– O que está dizendo? Que ela mentiu? Com todo o respeito, adoro sua casa, mas ela fica no meio do nada.

– Não sei. Nunca sabemos com quem estamos lidando. Psicopatas disfarçam tão bem que podem ser tão agradáveis quanto pessoas normais.

– Você está um pouco paranoico, Daniel. Eu entendo. Já passei por isso várias vezes enquanto escrevia um romance novo. A barreira entre a ficção e a realidade fica tão fina que desaparece.

– Eu não sou louco – Daniel controlou a vontade de dar um soco no rosto de Laurence. Ele admirava o trabalho do colega, mas se tinha algo que fazia o seu sangue ferver era quando as pessoas desconfiavam de sua sanidade.

– Não disse que era. Eu sou. Não há nada de errado em ser um pouco pirado. Aliás, dizem que todo escritor é – respondeu Laurence, tentando acalmar Daniel.

Frustrado de não ter encontrado Alex ou nenhuma prova de que ela estivera ali há menos de uma hora, ele e Laurence correram mais alguns metros pelo campo e retornaram para casa, ambos suados, com os corações acelerados. Depois do café e da leitura, a corrida era a terceira droga favorita de Daniel. Em um curto período de tempo, ele se sentia vivo, eufórico, como se não houvesse nada que ele não pudesse fazer. Se ele fosse um dos seus personagens, diria que naquele momento ele revelava outra personalidade, até o ritmo do seu organismo se equilibrar e ele voltar a ser o velho Daniel Luckman. Era como se por alguns instantes, o véu negro que o cobria desaparecesse. Seus pensamentos confusos davam lugar à clareza mental, seus medos

não pareciam tão assustadores.

Quando eles entraram em casa, Marissa estava concentrada. Ela estava sentada no sofá, fazendo anotações no seu caderno. Laurence e Daniel subiram as escadas sem fazer barulho, não queriam incomodá-la. Combinaram de se encontrar no escritório em 20 minutos, após o banho.

Daniel foi para o banheiro, tirou as roupas suadas e ficou olhando o seu reflexo no espelho. Gostava daquela lividez. Às vezes, ele se desconectava da realidade, e parecia uma sombra dele mesmo. Ele olhava no espelho, nas poucas vezes que sentia vontade, e via outra pessoa. *Quem é você?* Ele abriu o chuveiro e entrou de uma só vez – a água estava tão quente que os vidros ficaram embaçados.

– O que vou escrever hoje? – Daniel repetia sem parar, esperando que as ideias chegassem até ele.

A qualquer minuto, ele poderia se sentir deprimido. Escrever sozinho uma história possibilitava saber quando ele a terminaria. No entanto, não tinha ideia para onde aquele livro o levaria. E se estava difícil escrever com Laurence por perto, quando ele tivesse que voltar para a casa o esforço seria maior. De repente, ele começou a achar estúpida a ideia de um romance com dois autores.

Ele fechou os olhos e sentiu tudo apagar ao seu redor. Escutou uma voz que o dizia: *Quem sou eu? Qual será meu papel no livro?* Demorou um pouco, mas ele reconheceu. A voz era de Alex. Ele abriu os olhos, se enxugou e se enrolou na toalha. Antes de sair do banheiro, ele olhou no espelho e viu as palavras escritas por um dedo fino: *Morte, Paixão, Escritor, Obsessiva*. Aquela não era sua letra, tampouco parecia a de Marissa. Ele passou os dedos sobre os olhos fechados e quando abriram novamente, as palavras desconexas trocaram de lugar e se transformaram na frase: *“A paixão obsessiva de um escritor pode levá-lo à morte”*. Daniel sentiu um arrepio percorrer o corpo.

Abriu a porta do banheiro para ver se alguém havia entrado ali. Estava sozinho. Ele se

trocou e foi ao escritório. Estava perdendo tempo demais pensando em si mesmo e esquecendo-se do principal, escrever. Um escritor que não escrevia. Era algo que ele não podia se dar ao direito. Por mais que as vendas dos livros aumentassem, quanto mais publicações ele tivesse, maior era a possibilidade de equilibrar suas economias. Daniel havia escolhido aquela carreira, era o que amava fazer. Não podia desperdiçar a oportunidade que muitos colegas não tiveram.

– Pronto? – perguntou Daniel a Laurence, quando o viu sentado no escritório o esperando.

– Até meus dedos sangrarem as palavras no papel.

Laurence parecia feliz. Daniel e ele discutiram e decidiram que o mais velho escreveria sobre o protagonista, D., afinal, havia escrito tantos vilões ao longo dos anos, e podia criar um personagem ambíguo, com seus conflitos. O mais novo contaria a história de L. Eles batizaram seus personagens, para que os leitores pensassem que a narrativa tinha sido baseada em *fatos reais*, em suas vidas. Aquilo ajudaria bastante na venda dos livros, já que os dois autores eram conhecidos. Com o jogo de marketing certo, Daniel e Laurence ganhariam tanto, que poderiam deixar de escrever, se quisessem.

– O livro será narrado em terceira pessoa. Um capítulo para o protagonista e outro para o antagonista, para que fique mais fácil dividir nosso texto. Não podemos colocar tudo no papel. De forma que o leitor fique surpreso quando os conflitos surgirem... – sugeriu Laurence, e Daniel concordou.

Daniel se sentou em frente ao notebook, e digitou rapidamente, como se não quisesse deixar as palavras escaparem.

“L. estava sentado em casa, com sua velha máquina de escrever. Na sala ficava uma estante, onde mantinha seus romances publicados por perto, seus troféus, inspiração para continuar escrevendo. O escritor estava tendo um daqueles bloqueios. Não escrevia há meses, embora ninguém imaginasse isso. Quando viu que havia recebido um e-mail de D., o escritor

jovem com quem escreveria um romance...”

Enquanto escrevia, Daniel se perguntou o que Laurence ia achar do seu personagem, como vilão da história e de como ele seria descrito. Era complicado basear seus personagens na vida real, pois havia sempre o risco de magoar alguém. Escreviam ficção e era preciso exageros, para que as pessoas gostassem de suas histórias.

“D. era um jovem inseguro. Havia publicado um romance genial, mas não tinha ideia de como escrevia bem. Sua esposa sempre o agradava, embora ele nem sempre lhe desse atenção suficiente. Ele precisava escrever um novo livro ou logo seria um daqueles autores que publicam uma obra que é sucesso de vendas num dia, e no outro está participando daqueles estúpidos reality shows televisivos. Estava ansioso pela visita de L. Havia convidado o escritor veterano, não só porque precisavam trabalhar juntos, mas porque admirava o seu trabalho e queria aprender sobre o seu processo criativo. Ler suas entrevistas e o livro biográfico não era o suficiente, D. queria aprender ao vivo, ver a tinta sangrar no papel, os cortes cirúrgicos...”

De vez em quando, Daniel e Laurence trocavam olhares, e continuavam escrevendo. Em transe, Daniel deixava a escrita fluir. Quando se deu conta, já não tinha controle do próprio personagem.

“L. parecia ser bem-sucedido, mas a verdade era que não escrevia tão bem. Ele guardava um segredo que ninguém imaginava, algo que L. guardava até dele mesmo. Sua mente bloqueava aquilo e projetava outra versão no seu lugar. Quando ele entrou na casa de D. e viu sua linda esposa, sentiu um misto de inveja e admiração. O jovem estava no início da carreira de escritor, onde tudo parecia glamoroso, até que só restassem os rastros de destruição. D. achava L. o máximo e isso dava ao escritor veterano certo poder, fazendo o outro não enxergar o óbvio, coisas que aconteciam embaixo do seu nariz...”

Naquele dia, Daniel e Laurence escreveram quatro capítulos. Aquela era uma das vantagens de produzir um romance a quatro mãos. Com um bom planejamento, terminariam o

trabalho rápido. O pânico de Daniel desaparecera.

Como de costume, Marissa abriu a porta lentamente e os avisou que o almoço estava pronto. Quando os dois homens desceram as escadas, ela os serviu.

– Sobre o que vocês tanto escrevem? – questionou ela, cheia de curiosidade.

– Ainda é segredo – disse Daniel, tentando ocultar as coisas que havia escrito da mulher, sabia que ela poderia ficar brava com ele.

– Que chato! Me conta, Laurence... – Marissa provocara uma cólera no marido, como se estivesse o desrespeitando.

– É uma história sobre nós, só que no universo ficcional, cheia de exageros, mentiras, paixões e mortes.

– Obrigada...

Daniel sentiu o rosto queimando. Estava acontecendo como ele tinha planejado para o seu livro, Laurence e Marissa estavam flertando? Aquilo deixava o jovem escritor desconcertado. Ele havia convidado o outro para ficar em sua casa e não sabia como pedi-lo para ir embora, não até que o projeto estivesse pelo menos na metade. *Três, um, dois...* Repetiu. *Eu estou aqui e agora* várias vezes, tentando afastar aqueles pensamentos. *Laurence não é L., eu não sou D., é tudo ficção.*

Marissa almoçou rápido e pediu licença aos dois. Ela teve um pressentimento de que precisava ir ao escritório e descobrir o que estava acontecendo. Desde que Laurence havia chegado ao seu lar, dia após dia, Daniel estava mais distante. Se o marido estava tendo mais uma de suas crises, ela deveria saber. Subiu as escadas com pressa.

Primeiro, ela viu o que o marido havia escrito. Marissa ficou pensativa. Quando Laurence disse que a história era baseada na vida deles, ela pensou que se tratasse de uma metáfora. Lá estava tudo, desde quando Laurence ou L. havia entrado na casa deles. Ela leu

rapidamente, depois foi até a pilha de papéis de Laurence e tomou cuidado ao segurar as folhas, com medo de borrar a tinta e deixar suas digitais. *“Então, é isso... Um está escrevendo sobre o outro. Isto pode ser perturbador e perigoso, se tratando de dois escritores de terror”*. Quando ela viu o que Laurence escreveu sobre Daniel, sentiu o sangue gelar. *Uma grande mentira*. Ele havia dito que Daniel ou D. tinha matado os pais para poder escrever, pois eles não o aceitavam como escritor. Ela se perguntava o que o marido acharia daquilo. Será que eles tinham combinado que não se importariam? Marissa achou melhor ficar atenta aos dois, antes que as coisas fugissem de controle.

Ela deixou tudo como estava, não só porque não queria deixar vestígios de que estivera ali, mas porque sabia como escritores eram sensíveis e gostavam de suas bagunças. Qualquer mínima mudança poderia causar um bloqueio criativo. No final, mesmo que Marissa não fosse responsável pelo que acontecia na mente deles, ela seria culpada. Não estava preparada para ter uma experiência como Wendy Torrance, de *O Iluminado* e lidar com a loucura de dois Jacks.

Capítulo 8

Marissa acordou ofegante. Ela sabia o que a havia feito sonhar com *aquilo*. Nunca deveria ter lido o que Laurence escrevera sobre o marido. Ela havia sido transportada para a história do livro. Estava dentro de uma casa que parecia muito com a sua e dentro de um dos quartos, estava o marido com a mão cheia de sangue, com um olhar psicótico, fingindo chorar pela morte dos pais. Marissa saiu correndo. Estava tão desesperada olhando para trás, para ver se o marido a seguia, que trombou em Laurence que a segurou. “Xi... Vai ficar tudo bem”, respondeu L., abraçando-a e beijando-a. Então, ela acordou.

– Você está bem? Tendo pesadelo? – perguntou Daniel, preocupado. Era ele quem costumava ter problemas com sonhos. De todos os anos convivendo com Marissa, era a primeira vez que a via tão estranha pela manhã.

– Estou... Foi só um sonho...

Daniel a respeitou e não perguntou sobre o que se tratava. Ele sabia que no território do subconsciente tudo poderia acontecer.

Quando desceram para tomar café da manhã, Daniel percebeu que a mulher ficou sem jeito quando viu Laurence. *Que diabos!* Queria entender. Então, Daniel se lembrou de uma palestra que havia assistido uma vez, quando ainda estava na universidade, sobre como o escritor descobria coisas sobre ele mesmo, que ele não fazia ideia quando escrevia. Era como conversar com o próprio interior, revelando fatos que os olhos não enxergavam. *Não, isso não está acontecendo... Marissa nunca me trairia com Laurence.* Daniel temia ficar neurótico.

– Daniel, precisamos conversar.

– Pode falar... – respondeu Daniel, percebendo que seja lá o que Laurence quisesse lhe contar, parecia algo sério.

– Não aqui, no escritório.

Até mesmo Marissa ficou curiosa para saber o que se tratava. Depois daquele sonho bizarro, podia imaginar que coisa boa não era.

Após o café da manhã, os dois homens foram direto ao escritório.

– Precisamos criar um mapa mental para organizar o romance.

– Que ideia ótima! Desta forma, vamos saber o caminho de cada um.

– Sim, sem dúvidas, algo incrível.

Então, os dois se sentaram lado a lado, e pegaram uma folha A3 branca e começaram a discutir os detalhes. Definiram quantos capítulos teria em média o romance, o número máximo de personagens para que a história não ficasse confusa demais para os leitores e perdesse a atenção deles, quantos conflitos e reviravoltas teriam e em quais partes do livro elas aconteceriam.

Foi uma manhã produtiva. Embora eles não tivessem escrito o romance, o tempo gasto planejando o livro faria toda diferença. Daniel parecia cheio de vida, e já tinha se esquecido de como a esposa estava estranha na presença de Laurence.

– Vamos correr? – sugeriu Daniel, querendo arrancar mais informações de Laurence. Ele desejava descobrir algo mágico ou surpreendente sobre Laurence, que pudesse ajudá-lo a escrever melhor, mas seu processo era bem comum.

– Precisamos conversar.

Merda! A conversa sobre o planejamento era só um pretexto. Um milhão de coisas passaram na cabeça de Daniel naqueles segundos.

Era incrível a velocidade dos pensamentos, principalmente quando eram negativos. *Será que ele vai me contar que está se sentindo atraído por minha mulher? Será que ele vai cancelar o contrato na editora e não me acha bom o suficiente para trabalhar com ele? Será que ele está apaixonado por mim? Ou com medo de que eu me apaixone por ele?* Tudo aquilo parecia improvável, mas nem por isso menos válido. Daniel não sabia o que Laurence estava demorando para contar.

– Eu... Por onde começar? Hum... – disse Laurence, tentando encontrar as palavras certas, que pareceu uma eternidade no purgatório para Daniel. – Preciso ir embora. Vamos continuar trocando os capítulos por e-mail e depois nos reunimos novamente para definir o final da história. Você pode me visitar ou eu voltarei aqui. Mas, sabe como são as coisas, também preciso voltar para casa.

– Certo... – respondeu Daniel. – Não quero ser egoísta e pedir para deixar sua vida de lado.

Os dois escritores ficaram em silêncio. Estavam escrevendo juntos há tantos dias que esqueceram sobre a rotina de cada um. Não podia achar que um estaria sempre por perto do outro. Escrever um livro e publicá-lo era como ter um filho e deixá-lo solto no mundo, mas eles não precisavam levar tão a sério, a ponto de acharem que por causa do contrato agora eram uma família.

– Fique pelo menos até o almoço. Vou pedir para a Marissa preparar algo gostoso.

– Isso eu posso fazer! – respondeu Laurence, balançando o dedo, exibindo seu sorriso infantil, que não combinava nem um pouco com o rosto enigmático estampado na orelha dos seus livros.

Daniel saiu do escritório, e deixou Laurence aproveitando o pouco tempo para definir os últimos detalhes. Ele foi até a sala, onde Marissa estava, abraçou-a e contou. Diferente do que Daniel esperava, ele viu alívio no rosto dela.

– Você está feliz?

– Não é que eu esteja feliz, mas precisamos ter nosso tempo juntos. Desde que ele chegou, nossa rotina mudou.

Daniel fez ar de incomodado. Nem ele sabia por que queria manter Laurence por perto, não era como se os dois tivessem se transformado em melhores amigos ou fossem virar aqueles escritores, que após suas mortes, publicavam livros com suas cartas sobre literatura. Não, a única ligação entre eles era o romance.

As poucas horas antes do almoço foram especiais para Daniel. Ele e Laurence escreveram e adiantaram alguns pontos. “Mesmo que as ideias não estivessem prontas, era melhor esboçá-la e na hora de escrever de verdade tudo fluiria com mais facilidade”, disse Laurence.

Quando o cheiro da comida se espalhou pela casa, Laurence e Daniel desceram as escadas e foram direto à cozinha. Marissa só esperava os dois. Laurence se sentou, em seguida Daniel, e começaram a comer. Aquele foi o almoço mais silencioso que eles tiveram desde o primeiro dia que o escritor veterano pisou naquela casa. Era como se ninguém quisesse dizer uma palavra fora do lugar e machucar o outro sem querer.

Marissa observou como o marido estava estranho. Ela pensou que ele fosse ficar feliz. Sabia a pressão que ele deveria sentir só de estar ao lado do escritor mais experiente. Daniel nunca fora muito bom em se relacionar com os outros. O início do namoro dela não tinha sido o mais comum. As amigas de Marissa estranhavam como ela se dava bem com um rapaz tão estranho como Daniel, e aos poucos, uma a uma foi se afastando, até que restassem somente duas. Ninguém entendia a transformação que ela havia passado. Depois de Daniel, Marissa não era a mesma. Não podia continuar fingindo ser quem não era. Odiava admitir isso a si mesma, mas sentia que com as amigas, ela usava uma máscara social, onde tudo era engraçado e bonito – ou achava patético e maçante, mas não tinha coragem de dizer, para não perder as amizades –, já com Daniel, ela sentia como se não tivesse que esconder seus pensamentos e pudesse ser,

simplesmente, ela mesma.

Ela ficou ao lado de Daniel, enquanto eles assistiam Laurence levando sua mala e máquina de escrever até o carro dele. Então, como se tivessem saído daquele transe, o casal foi até o escritor e se despediu com um abraço demorado. Agradecimentos foram trocados.

– Prometa, assim que puder volte para escrevermos – pediu Daniel, mesmo sabendo o quanto aquilo poderia parecer humilhante.

– Eu prometo, Daniel! Você pode ter certeza de que eu vou voltar. – Laurence piscou para ele.

Assim que Laurence entrou no carro, fechou a porta e girou a chave, parecia que o mundo de Daniel estava desabando. Ele tentava manter o autocontrole por fora e não demonstrar a tristeza que sentia, porém por dentro tudo desmoronava. As trevas o puxavam cada vez mais para baixo. Laurence abriu a janela e se despediu, então, dirigiu para longe da casa, até que não sobrasse nenhum resquício de que ele estivesse ali há alguns minutos.

A casa estava vazia. Marissa se lembrou de um escritor que dizia que não havia nada mais triste do que um lar vazio. Eram como duas crianças esquecidas pelos pais.

– Vamos entrar – disse Marissa, puxando o marido pelo braço. Ela viu nos olhos dele a decepção, o vazio, a escuridão.

– Já vou. Pode entrar... – respondeu Daniel, com dificuldade, como se lhe custasse energia dizer as poucas palavras. Sentiu a garganta fechar e a língua ficar pesada e metálica.

Enquanto entrava na casa, Marissa observava o estado do marido, ela sabia que se não fizesse nada, ele ficaria assim por dias. Era a mesma reação que ele tinha sempre que alguém perguntava o que acontecera aos pais dele ou quando falavam de filhos. Marissa sabia que ele não estava preparado. Um bebê poderia ajudar a preencher aquele vácuo que o casal sentia, alegraria a casa, mas Daniel não era o tipo de pessoa que você imaginava sendo o pai dos seus filhos. Não, era como se a família dele tivesse deixado tantos danos nele, que só de imaginar a

possibilidade de aumentar suas responsabilidades e laços afetivos, ele poderia ser engolido para o buraco negro de sua mente a qualquer minuto.

– Você quer café? – gritou Marissa, sabendo que nada o agradava tanto como uma boa xícara de café, a leitura de um livro, fazer amor quando ele estava cheio de vontade ou escrever quando estava inspirado.

– Não, obrigado.

Quando finalmente entrou na casa, Daniel parecia mais calmo. Ele foi até a mulher e começou a beijá-la. Precisava, desesperadamente, fazer algo para reverter os sentimentos destrutivos que floresciam em seu interior. Marissa correspondeu.

– Vamos ao quarto? – perguntou Daniel, enquanto mordida levemente a orelha dela e a enchia de beijos na nuca, deixando-a toda arrepiada.

– Prefiro aqui, agora.

Sem pensar duas vezes, Daniel tirou a blusa de Marissa pela cabeça, deixando exposto o belo par de seios levantados pelo sutiã. Ele a beijava, enquanto ela tentava abrir a calça do marido. Estavam sozinhos, Marissa com fogo, louca para derreter o marido, e Daniel tentando viver o momento, sem pensar no que acontecera minutos atrás.

Marissa se deitou no sofá, e Daniel foi atrás dela, como um leão prestes a devorar um adorável gatinho. Aquele era o jogo de Marissa, ela deixava Daniel se sentir no controle, para depois mostrar quem dava as cartas. Caça e caçador intercalavam os papéis. Quando Daniel se sentou, a mulher se movimentou de um jeito que o enlouquecia. Ele estava prestes a sentir o seu vulcão explodindo dentro do mar dela. Daniel gemeu, e Marissa continuou sussurrando. Então, sem saber o porquê, ele olhou pela janela e viu uma sombra lá, alguém observando. Ele piscou os olhos, e quando virou para a janela novamente, não havia ninguém. Não tinha certeza se era a imaginação pregando peças. Nunca tinha.

Depois de fazerem amor, Daniel foi até a entrada. Abriu a porta e colocou a cabeça para

fora. O lugar estava deserto, como sempre.

– Você me acompanha no banho? – perguntou Marissa, toda alegre e pelada, carregando a roupa.

– Já estou indo. Vou trancar a porta.

Marissa foi até o banheiro e entrou embaixo do chuveiro, enquanto Daniel trancou a porta da frente e verificou se todas as janelas estavam trancadas. Paranoico ou não, não estava com vontade de descobrir que aquilo era real, quando fosse tarde demais. Todas aquelas reportagens sangrentas no noticiário sobre casais brutalmente assassinados, sem suspeitos.

A mulher cantava no chuveiro e nem percebeu que Daniel entrou. Primeiro, ela levou um susto, depois parou de cantar por vergonha. Eles se beijaram sob a água quente. Marissa preferia água fria, embora não quisesse causar uma briga, pois nunca tinha visto o marido tomar banho se a água não estivesse fervendo. Ela o abraçou de frente e os dois ficaram em silêncio, apreciando a companhia um do outro. Marissa esfregou as costas do jeito que Daniel tanto gostava. Após o banho ele sempre saía outra pessoa. Os olhos verdes dela encaravam os olhos castanhos dele. Ficaram assim, até saírem do chuveiro.

Daniel e Marissa foram para cama, cada um com um livro diferente. Ele relendo *O Bebê* de Rosemary para saber se encontrava alguma ideia para o seu romance; ela com um romance sobre casamentos, da Nora Roberts. Eram tão diferentes, mas aquilo não os impedia de serem felizes juntos. Tinham o tipo de amor que não sufocava e pressionava, sabiam que naquela fase da vida havia coisas que nunca seriam mudadas, como comportamentos e hábitos adquiridos desde a infância que o tornavam quem eles eram na fase adulta. Ele aceitava quando Marissa ficava mandona e gostava de usar seu cartão de crédito em lojas de roupas com sua mãe e amigas; ela aceitava como o relacionamento com um escritor nem sempre era fácil, sempre tendo que dividir atenção com os livros que ele lia e escrevia.

Capítulo 9

Bastaram alguns minutos de leitura para Marissa pegar no sono. Daniel bem que tentou dormir, mas era como se a mente estivesse acelerada demais. Ele se lembrou de quando ouvia as pessoas dizerem que ler antes de dormir era uma ótima maneira de adormecer rápido. Quanto mais ele lia, mais o cérebro trabalhava. Era tão potente e viciante quanto café.

Só havia uma coisa que ele podia fazer para não se sentir um inútil na cama, olhando para o teto, naquela escuridão. Daniel decidiu escrever.

Ele foi até o escritório e ligou a luz. Não tinha medo do escuro, porém não se sentia confortável sozinho. Aquele ambiente fazia sua imaginação dar vida às sombras e memórias que não queria se lembrar. Daniel guardava um segredo que ele mantinha a salvo até mesmo da própria mulher. Ninguém sabia sua verdadeira história dos pais e ele não contaria jamais. Reviver aquelas memórias era como as dolorosas injeções que ele tanto evitara durante a infância.

Quando ligou o computador, Daniel estava impaciente. Seus dedos saltitavam sobre a mesa, como se ele estivesse digitando. Ele mataria por um café, mas sabia que se tomasse naquele horário, não pregaria os olhos nem mesmo quando a lua se escondesse atrás do sol no dia seguinte. Seu plano era escrever até que as energias se esgotassem e a mente esvaziasse, para finalmente dormir. Não podia se dar ao luxo de alimentar a insônia. Para os escritores antigos, talvez tenha funcionado escrever durante as madrugadas, ficar dias sem dormir. Daniel sabia que tudo tinha o seu preço e se fizesse isso, desequilibraria o seu organismo.

Abriu o arquivo do romance e pensou como poderia continuar. Ele sabia que precisava escrever o que viesse à cabeça para não ter que lidar com um bloqueio daqueles. Ele estava

cheio de medos. Medo de que não dormir, de não saber como continuar a história, de pensar que Laurence o achasse um fracassado, de alucinar novamente, de não fazer Marissa feliz. Então, ele fez a única coisa que podia fazer naquele momento: escreveu.

“L. tinha um plano. Escreveria o livro mais assustador de todos. Um romance baseado na vida real. As pessoas se perguntariam se tinha acontecido ou não passava da imaginação do autor. O primeiro passo seria conhecer o território e com quem ele estava lidando. Foi assim, que ele foi até a casa de D. com o pretexto de começarem a definir o livro que escreveriam juntos. L. acabou se encantando pela mulher do escritor. Quem é que não ficaria deslumbrado com ela? Sabia que era estúpido ter uma missão e deixar os sentimentos entrarem no caminho. Então, ele inventou uma desculpa e disse que precisava voltar para casa, e que em breve se reencontrariam”

Isso é estúpido. Ninguém vai se importar com um livro de terror que não tenha morte. Às vezes, ele se perguntava se tinha o sexto sentido ou se só era azarado mesmo. Assim que aquele pensamento cruzou sua cabeça, ele ouviu um barulho na janela e assim que olhou naquela direção, viu uma sombra. Uma luz piscou e ele viu uma mulher sorrindo. Não era um sorriso de alegria. Era uma expressão que o alertava para o perigo. Ele quis se mexer, mas não conseguia. Sentiu-se dentro de um daqueles sonhos onde não tinha controle sobre os movimentos. *Terror noturno.* Tentou gritar, pedir ajuda para Marissa, mas era como se sua garganta estivesse trancada. Os sons abafados eram urros sem sentido e não eram altos suficientes para a esposa escutar.

Era na madrugada que as coisas mais assustadoras e improváveis aconteciam. Precisava sair dali. Tinha três certezas: a de que não estava com sono, não tinha escrito o suficiente e a de que não conseguiria continuar ali. Tentou se levantar da cadeira e era como se uma força o segurasse. Daniel se forçou a mexer de um lado para o outro. As luzes do escritório piscaram, como se a qualquer segundo fossem apagar. Ele caiu e começou a chorar, não porque sentia dor e sim porque aquela presença maligna queria vê-lo morto.

De repente, a sombra que ele havia visto apareceu na porta. Estava claro que não haveria

outro modo de Daniel sair dali. Ele estava perdido.

Ele chorava como uma criança perdida em um enorme shopping, sem ter a ideia de qual direção seguir. A sombra soltou uma gargalhada tão alta que Daniel temeu ficar surdo, por causa da dor no ouvido que sentira. Ele desejou que Laurence nunca tivesse ido embora. O que Marissa poderia fazer para salvá-lo? Tinha a responsabilidade de protegê-la, mas não era capaz de se defender sozinho. Ele fechou os olhos. *Pense em coisas felizes.* A única lembrança que vinha em sua mente era de quando Daniel e os pais estavam felizes almoçando durante uma véspera de ano novo, um dos momentos raros na sua vida.

A sombra desapareceu. Daniel desejou que tudo voltasse ao normal, antes daquela presença ter surgido. Ele queria ir para a cama, abraçar Marissa bem forte e sentir que não estava sozinho e desprotegido. A mulher o entenderia. Ele estava tão fraco que não conseguia andar normalmente e se arrastou até o quarto.

– Daniel? O que você está fazendo? – perguntou Marissa, sonolenta.

Ele tremia e por mais que tentasse respondê-la, suas lágrimas eram a única resposta.

– Pobrezinho, vem aqui..

Ao perceber que o marido não se movia, ela foi ajudá-lo.

– Você está todo suado. O que aconteceu? Responda alguma coisa, por favor. Estou preocupada.

– Sombra – respondeu, com dificuldade, como se a língua estivesse enrolada.

– Vem cá... – Ela o ajudou a se levantar e o colocou na cama. Em seguida, ela colocou a mão na testa dele. – Você está queimando de febre! Quer ir ao hospital?

– Não... Por, favor...

Daniel não parecia bem. Marissa o observou deitar na posição fetal. Ela sentiu vontade

de ajudá-lo, fazê-lo melhorar. A esposa foi correndo até a cozinha, encheu o copo de água. Ela voltou ao quarto colocou dois comprimidos para febre na boca dele e o fez tomar água. Ele estava tão frágil, como um boneco quebrado.

– Tudo vai ficar bem... – Pobre homem, pensou ela. – Você vai melhorar!

Marissa beijou a testa dele e ficou passando os dedos no cabelo dele. Demorou, mas eventualmente ele dormiu.

– Você está melhor? – perguntou a mulher, preocupada.

– Melhor? O que aconteceu?

– Você estava queimando de febre na madrugada, mal conseguia falar. Tive que colocá-lo na cama.

– Não me lembro disso. Nós estávamos na cama lendo, então, depois tudo ficou escuro.

– Você mal conseguia falar. Quando perguntei o que tinha acontecido, você respondeu: “sombra”.

Marissa o olhou para ver se ele reagia, porém Daniel estava calmo, como se nada tivesse acontecido. Ela verificou se o marido estava com febre e ele parecia estar bem. *Que estranho.* Se ele ainda estivesse ruim, ela o levaria ao médico, mesmo contra a vontade dele. Se não fosse pelo copo sobre o criado-mudo, até ela acharia que tinha sonhado. Não, aquilo tudo era real. Havia algo errado acontecendo com o marido e ele não queria contar. Ela sabia como escrever um romance não era nada fácil e poderia ser estressante, porém algo a dizia que não era como as outras vezes.

Capítulo 10

Semanas depois.

Havia momentos em que Daniel estava bem e em outros, ele estava tão para baixo, que era como se não fizesse ideia de onde estava. Quando Marissa achou que o pesadelo com o marido havia acabado, ela percebeu que só estava começando.

Foi numa terça-feira, quando Daniel tentou ligar para Laurence, mas ele não atendeu. Ele enviou vários e-mails e nenhum foi respondido. Era como se ele tivesse desaparecido. Por uns instantes, ele pensou se estava louco, que Laurence não passava da imaginação. *Isto não é real; Marissa não é real.* Sentiu-se dentro da peça que a mente lhe pregara dia após dia. Não seria a vida um hospício? Deveria estar dentro de um quarto branco. Tudo não passa de um delírio. Ele não acreditava em Deus há anos, não desde que viu a ruína em sua família.

– Daniel? – perguntou Marissa.

Ainda era manhã e o comportamento de Daniel ia contra o esperado. Os pássaros voavam e cantavam alegremente, mas dentro dele era como se tudo estivesse morto. Tudo ao seu redor estava em paz. Em algum lugar dentro da mente dele, Daniel estava preso contra sua vontade. Toda sua energia havia sido sugada, deixando em seu lugar uma sombra dele. Uma nova paranoia surgiu e tomou conta dele: *Eu estou morto, não louco. Este é o meu inferno.*

– Daniel, por favor, não faça isso. Você precisa de ajuda. Eu amo tanto você.

Marissa chorava, desconsolada. Não era como se ela não soubesse que o marido não tivesse suas próprias limitações, ela só não esperava ver suas crises acontecendo tão cedo. Antes de se casarem, Daniel tinha a avisado ainda nos primeiros meses de namoro sobre suas alterações de humor e como aquilo dificultava manter saudáveis seus relacionamentos. A

maioria das pessoas se afasta. Elas não conseguem lidar com isso. Se algum dia você não quiser mais estar comigo, eu vou entender. Já perdi muitos amigos e garotas por causa disso. Nem mesmo os meus pais me aguentavam. Ela o abraçou e disse que nunca desistiria dele. Se as crises eram temporárias, ela estaria sempre ao lado dele, até que melhorasse.

Daniel estava abaixado no canto da cozinha. O lugar estava todo iluminado e Marissa via bem o que ele fazia, Daniel só via o escuro. Ele segurava uma faca em uma das mãos, e abraçava as pernas contra o corpo, indo para frente e para trás, para frente e para trás. Ele não estava machucado, pelo menos não fisicamente, mas podia ser uma questão de tempo – Marissa sabia que a alma dele estava despedaçada, como a dela tinha sido antes de se conhecerem. Ela entendia o básico sobre psicologia para compreender que o que o marido presenciava era real. O cérebro simulava tudo aquilo.

Ele chorava e tremia. Raiva misturava à melancolia. Ia da apatia à violência em minutos. Estava possuído pelo *Demônio do Meio-dia*, como o escritor *Andrew Solomon* descrevia a depressão. Não havia para onde fugir. Estava em algum lugar no tempo, onde sofria pelas perdas do passado e não podia enxergar o seu futuro positivamente. O presente havia se dissolvido. Sentia como se estivesse em uma realidade alternativa, na qual não podia confiar em nada, ninguém e em si mesmo. Ele estava perdido. *Nunca mais vou me recuperar.*

Embora Daniel continuasse perturbado, Marissa temeu que se não fizesse nada, ele cometeria uma loucura. Ela foi até ele e o encarou. Os olhos dele estavam vazios, sem vida, como os olhos de um boneco de plástico. Ela passou a mão nos cabelos dele, sabia que aquilo o relaxava, e nada. Daniel continuava preso no próprio mundo. Lembrou-se do que Daniel lhe pediu uma vez: *Se algum dia eu surtar, por mais assustador que seja, por favor, não ligue para o hospital. Eles não vão entender.*

– Solta essa faca. Ou vou ligar para um psiquiatra... – alertou Marissa, sabendo que aquele era o ponto fraco do marido.

Ela esperava alguma reação, que ele pedisse para ela não fazer aquilo. Não, Daniel não estava disposto a continuar vivendo. Como poderia? Era como se a própria vida não passasse

de uma ficção. De criador ele se transformara em criatura. Se Laurence escreveu que D. matou os próprios pais, aquilo deveria ser verdade. Daniel se sentia incapaz de se lembrar. Tudo se transformara em um borrão e as palavras de Laurence Loud preenchiavam com perfeição a lacuna. Aquilo era tão irreal, como ler um livro e se imaginar dentro da história, tendo a certeza de que o protagonista é você, não um personagem de papel.

Quando Marissa tentou arrancar a faca do marido, ele a empurrou para longe e começou a rir descontroladamente. A mulher que estava confiante sobre ajudá-lo sentiu as esperanças desmoronarem. Naquele segundo, abaixado com a faca, Daniel parecia um demônio, não o marido que ela amava. Ele cortou os dois pulsos e se deitou no chão, esperando o anjo da morte surgir e beijá-lo.

– Ai, meu Deus! Por que você fez isso? Agora eu não tenho escolha, não importa o quanto me odeie! – gritou Marissa, histérica.

Ela sabia que não adiantaria ligar para a emergência. Moravam longe. Não daria tempo para buscarem Daniel e levá-lo ao hospital. Só havia uma coisa que ela podia fazer. Ela foi até o armário de remédios e pegou o que precisaria.

O sangue escorria dos braços de Daniel. Não era um corte profundo o suficiente para acabar com a vida, mas perigoso para infeccionar. *Ele precisa levar uns pontos.* Ela espirrou o antisséptico nos cortes do marido. Ele gemeu de dor. Limpou o excesso de sangue com o algodão e cobriu os cortes. *Tudo bem, não está tão feio quanto poderia estar. Ainda assim, vou levá-lo ao hospital.* Ela pediu a ajuda dele para levantá-lo do chão e o fez se sentar no sofá.

– Documento, chave... Pronto! Vamos.

Ela foi até o marido, o apoiou e andou com ele até o carro. Naquele minuto, mais do que nunca, ela odiou a adorável e nefasta casa no campo. Como poderia ter um sono tranquilo, sabendo que Daniel não estava bem e estavam longe de qualquer serviço de saúde?

Marissa colocou o cinto de segurança no marido, girou a chave na ignição e pisou no

acelerador. Não havia tempo para perder. Daniel já não chorava, mas estava quieto e inerte, como uma escultura.

– Mantenha os olhos abertos. Você perdeu sangue, querido. Por favor, se comporte.

Ao dizer aquelas palavras, Daniel olhou para Marissa e a viu se transformando em sua própria mãe. Era Agatha quem dirigia o carro e o salvara. A mãe não o esquecera, como ele pensava. Ela estava ali o tempo todo, em algum lugar escondida sob a pele da esposa. Ele sentia-se preso dentro de um pesadelo, tão real que era preciso ter certeza de que estava acordado.

– Mãe... – gemeu Daniel.

Marissa se controlou para não olhar para ele, estava apressada demais e se não prestasse atenção na estrada, passaria por um buraco e o carro capotaria.

– Tudo vai ficar bem... – Ela se lembrou que disse a mesma coisa quando viu o marido tão frágil que não podia subir na cama por conta própria.

Os minutos duraram uma eternidade. Ela chegou, em menos de meia hora, até o hospital. Deu sorte de não encontrar nenhum policial pelo caminho ou seria presa por excesso de velocidade.

Quando Daniel percebeu onde estava, ele recomeçou a chorar, desta vez, em desespero. Um dos seus principais medos era o de hospital. Não era tanto dos médicos que ele tinha medo. Ele temia que as pessoas pensassem que ele fosse louco e o internassem numa instituição para doentes mentais. A vida toda, ele sempre evitou hospitais. Só ia quando era obrigado pelos pais. Assim que saiu de casa, ficou um bom tempo longe daquele ambiente enlouquecedor, onde as paredes tinham cores mortas, o cheiro de desinfetante o fazia sentir vontade de vomitar e as pessoas estavam sempre mergulhadas em uma aura de tristeza.

Eles desceram do carro, e Marissa não se importou com os olhares de curiosidade das pessoas. *Sim, ele está sangrando. Vocês estão numa merda de hospital! Não é como se fosse*

algo de outro mundo ver alguém assim aqui. Marissa desejava que os outros seguissem com suas vidas e parassem de encarar Daniel.

Daniel estava tão agitado que o médico teve que injetar um tranquilizante nele, para que pudessem fazer os curativos.

Capítulo 11

Quando ele acordou, horas depois, estava tão fraco, que mal se podia escutá-lo.

– Água. Por favor... – disse Daniel, sem vida, como se tivesse acordado de um coma.

A enfermeira levou para ele o copo d'água e logo se afastou. Daniel estava sozinho naquele quarto de paredes tão brancas que os seus olhos doíam quando a luz refletia nelas. Aquele era um dos seus piores pesadelos. Queria saber onde estava a mulher. Ele olhou para os cantos e não viu ninguém. Daniel viu os curativos nos pulsos. Não se lembrava de como se machucara ou porque estava naquele lugar.

– Marissa... – sussurrou, como se as palavras tivessem poder e pudessem fazê-la aparecer ao seu lado.

Ele fechou os olhos e apagou.

Não sabia dizer quanto tempo ficou daquele jeito, acordando e dormindo. Estava se sentindo lerdo, como se a comunicação entre os neurônios estivessem num maldito congestionamento e só o restava esperar.

Um homem conversava com uma mulher. *Marissa!* Reconheceu a voz dela, que tanto o irritava quando queria se concentrar e ela ficava implorando por atenção, mas que naquele instante era sua melodia favorita.

– Ele vai ficar bem. Estamos preocupados que ele possa tentar se matar novamente – disse o médico.

– Ele não suporta hospitais. Quando posso levá-lo para casa? Ele vai me odiar por estarmos aqui.

– Se ele fizer isso, só prova que perdeu totalmente o juízo. Eu não faço a lei. Precisamos mantê-lo em observação por 48 horas, para saber se ele vai melhorar.

– Mas você acabou de dizer que os cortes devem curar logo.

– Estamos falando da mente dele. Seu marido pode ser um escritor genial, eu mesmo fiquei fascinado com o romance dele, mas você sabe como os artistas são melancólicos. Queremos ter certeza de que ele não vai tentar se matar novamente.

Dentro do quarto, Daniel escutava tudo aquilo, porém mantinha os olhos fechados no caso de alguém entrar abruptamente pela porta. *Então, o médico acha que sou louco. Bem-vindo ao clube!* Queria muito saber qual era a opinião da esposa sobre aquilo, mas ela não disse nada. Perguntava-se quando ela ia entrar e como ela reagiria ao vê-lo na cama do hospital. Aquela era a primeira vez que Marissa tinha presenciado uma crise dele. Ele achava que tinha se libertado do demônio dele, só para descobrir que uma vez que você reconhece o seu inimigo interior, nunca consegue voltar a ser como era antes.

Alguns minutos se passaram e a mulher ainda não havia entrado no quarto. *A enfermeira estúpida deve ter mentido que eu estava dormindo ou dito que eu preciso repousar.* Não confiava em médicos, enfermeiras, qualquer funcionário que trabalhasse em hospitais. *São todos mentirosos!* Ele sabia que parte do pensamento era a mente tentando confundi-lo. Ficou feliz em saber que o dragão e ele coabitavam o mesmo espaço, mas que ainda tinha controle sobre si mesmo.

Apagou no quarto. Quando ele abriu os olhos, tudo estava embaçado. Demorou para reconhecer quem estava ali. Marissa conversava com alguém. *Quem, além da mulher, me visitou?*

– Muito obrigado por ter vindo! Tenho certeza de que Daniel vai ficar muito feliz em

saber que você dirigiu todos esses quilômetros para visitá-lo.

– É o mínimo que eu poderia fazer. Quando olho para seu marido, me lembro dos problemas que enfrentei. Não vou mentir e dizer que foram iguais, mas também tive momentos difíceis. Ser escritor não é fácil.

– Imagino.

– Tenho certeza que sim. Já li alguns artigos seus sobre escritores clássicos e contemporâneos. Você escreve muito bem, Marissa. Há algo que eu não consigo entender. Em um deles, você dizia que sonhava em se tornar uma escritora, no entanto tudo o que você fez até agora foi se limitar a divulgar o trabalho de Daniel. Por quê? O que está esperando?

– Sabe aquela sensação paralisante de quando você está lendo um livro e fica tão encantada pelas palavras do autor que imagina que nunca fará igual? Foi assim que me senti ao ler os seus livros e os manuscritos de Daniel. Eu era jovem quando disse que queria ser escritora. Nem todos os sonhos se tornam realidade. Alguns se transformam. Tudo o que eu quero no momento é que meu marido melhore. Espero poder ajudá-lo quando concluir minha pós em marketing, mas também tenho meus próprios objetivos.

– Entendo. Desculpe pela pergunta. Era algo que eu precisava falar ou morreria sem nunca saber a resposta.

Cansado de fazer o papel de paciente adormecido, Daniel tossiu, como se tivesse acabado de acordar.

– Marissa. – ele chamou a mulher e depois se virou para o homem. – Laurence? Que surpresa, você por aqui!

– Daniel, você está melhor? – perguntou ela.

– Estou ótimo! Quando podemos ir para casa?

– Assim que eles liberarem. O médico disse que precisava fazer mais alguns exames para

ter certeza de que os cortes não estão infeccionados – respondeu Marissa, mentindo com tanta naturalidade que Daniel se perguntou se ela sempre inventava histórias para ele.

– Será que você pode nos dar um minuto a sós? – pediu Laurence para Marissa.

Ela assentiu e disse que pegaria café. Mais uma mentira na conta dela. Daniel sabia que a mulher odiava o café daquelas máquinas. Aliás, quem é que gostava?

– Como você está se sentindo? Marissa me contou o que aconteceu. Você tentou se matar? – Laurence encarou sério o colega.

– Estou bem, de verdade. Eu não me lembro o que aconteceu, mas não sei por que motivo tentaria me matar. Você precisa confiar em mim, L. L., não sou maluco..

– Eu confio em você. Preciso saber outra coisa. Isso tem alguma relação com o livro?

– Não, é claro que não. Por que teria? – disse Daniel, preocupado com que a voz falhasse. Era verdade que ele havia se sentido mal lendo o que Laurence escrevera, mas não queria perder o projeto. Aquela seria a oportunidade de continuar ganhando dinheiro como escritor.

Laurence parecia convencido das palavras do colega, abriu um sorrisinho e fez uma última pergunta:

– Vamos dar o fora daqui?

Capítulo 12

Horas depois, Daniel estava em casa. Ele não tinha noção de como Laurence convenceu o médico. Deve ter usado seu charme de escritor e autografado os livros do homem. Não importava como ele tinha o salvado daquele lugar horrível. Seria eternamente grato ao colega escritor e à esposa por não agir como se ele fosse um doente mental. Tudo parecia de volta ao normal – à normalidade de um escritor, que não era tão comum para outras pessoas.

– Vou preparar café para vocês! – disse Marissa, cheia de alegria, desta vez sem cinismo. Ela sabia que sem a visita de Laurence, Daniel permaneceria naquela escuridão da sua alma por um bom tempo. Ali estava o homem que o havia salvado.

Laurence estava com sua máquina de escrever. Não era de se espantar, ele andava com o instrumento de trabalho para todos os cantos. Aquele não era o momento mais apropriado para contar a Daniel, porém o editor o havia ligado perguntando sobre o projeto e disse que os dois estavam enrolados demais. O livro era uma das prioridades da editora e deveria ser levado mais a sério. Ele precisava dizer ao colega, de uma forma que não o causasse nenhum estresse a mais. Sabia que se ele estava com algum desequilíbrio mental, mesmo ajudando Daniel a sair do hospital, ele poderia surtar a qualquer segundo.

Marissa e Laurence estão escondendo alguma coisa de mim. O escritor se sentia cansado das pessoas o tratarem como se ele fosse invisível. A infância inteira foi marcada pela falta de apoio dos pais. Sempre que via algum coleguinha do colégio se dando bem com suas famílias, ele desejava pelo menos uma vez sentir aquilo. Daniel morria de vergonha do pai e sentia pena da mãe. Aquele casamento era mais morto do que ele quando não se sentia bem.

– Então, ainda não agradei o suficiente por você ter me tirado daquele pesadelo. Aquele

lugar me assusta mais do que suas histórias de terror! – disse Daniel, tentando quebrar o gelo.

– Não fiz nada demais. Se você não estivesse realmente bem, tenho certeza de que não deixariam você sair.

– Mesmo assim. Obrigado, Laurence.

– Se quer mesmo me agradecer, há algo que eu preciso te contar. Eu sei que você ainda não se recuperou totalmente da sua crise...

– Não, eu estou bem. Prometo!

– Certo... Tem outro motivo pelo qual eu fui até o hospital. Normalmente, eu esperaria você melhorar antes de trazer o assunto à tona, mas a verdade é que se não mandarmos nosso manuscrito inteiro ao editor até o final do mês, vamos perder o projeto.

– Eles podem fazer isso? – perguntou Daniel, em choque. Precisavam escrever o romance ou a oportunidade de brilhar ao lado de seu escritor favorito se perderia para sempre no mar das decepções. Não precisava de mais um sofrimento na vida.

– Claro que podem! Quer dizer, poderíamos contestar, entrar na justiça, mas essas coisas levam anos e geram polêmica desnecessária. Estes problemas sempre atraem mais conflitos e podem destruir sua imagem.

– Se você topa, eu estou disposto a escrevermos hoje.

– Pensei que você pudesse dizer isso mesmo.

Daniel e Laurence esperavam pelo café. O silêncio entre eles já não era estranho, era a mudez de quem estava acostumado a passar grande parte do dia pensando em ideias novas para escrever. Não podiam simplesmente se sentar no escritório e vomitar um monte de palavras no papel. O romance deveria ter alma, algo que fizesse o leitor se identificar, torcer pelo herói, ser seduzido pelo antagonista, sofrer com cada conflito, suspirar em cada reviravolta e se derreter no final. Enquanto estava no sangue de Laurence Loud colocar todos aqueles elementos nas

histórias, Daniel ainda lutava com o gênio criativo. O que era ter um romance publicado, mesmo que best-seller, comparado a vários livros? L. L. era uma de suas maiores inspirações, e sem acreditar nas palavras dele, Daniel Luckman não teria investido tempo, energia e dinheiro na carreira de escritor profissional.

O que levava tantas pessoas a estudarem o universo das letras, porém não se atreverem a pensar em se tornar escritores, era algo que Daniel não entendia. Aliás, ele até sabia – muitos dos estudantes tinham expectativas de que assim que terminassem seus primeiros livros, seriam publicados e ganhariam a vida com seus romances, contos ou poemas. Não, a realidade era bem diferente. Levavam-se anos para conquistar seus leitores e deixá-los sedentos por novidades. Nem todos tinham a paciência e coragem necessárias para se aventurar na jornada do escritor. Alguns deles se tornavam ótimos professores de literatura. Daniel também tinha feito um plano B, caso sua carreira não alavancasse. Por sorte, ele não precisou usá-lo; Seu livro vendeu tão bem, que ele poderia ficar sem trabalhar durante um ano inteiro – um luxo que a maioria dos escritores iniciantes não podiam se dar, e precisavam escrever nos intervalos entre os trabalhos para sobreviverem. Daniel Luckman era um cara de sorte.

Marissa serviu o café para os dois e disse que precisava estudar. Daniel sabia que a mulher estava dedicada a concluir sua pós-graduação, no entanto, ele sentia cada movimento dela, como se estivessem sintonizados. Ela sabia como ninguém dar o espaço que ele precisava.

Daniel degustava o café, enquanto observava Laurence. Havia algo nele que o fazia se sentir realizado. Não se sentia intimidado pelo sucesso do colega, pelo contrário, quanto mais convivía com Laurence, mais ele queria continuar escrevendo seus livros, para um dia ficar à altura do outro.

Subiram ao escritório, carregando as xícaras com mais café. A bebida era sempre bem-vinda. Precisavam colocar os neurônios para trabalharem. A magia das palavras precisava ganhar forma.

Daniel e Laurence ajustaram os equipamentos e se prepararam para escrever. Antes que o

jovem escritor botasse sua mente para funcionar e os dedos para dançarem sobre o teclado, ele avisou que precisava ir ao banheiro e já retornava.

– Você se importa se eu acender um cigarro? – perguntou Laurence.

– Sem problemas. Antes que você termine, estarei de volta.

Laurence assentiu com a cabeça e Daniel saiu dali. Ele passou por Marissa que estava em seu notebook e a ignorou. Dentro do enorme banheiro, ele sentiu o peito apertar, como se não houvesse oxigênio o suficiente para respirar. Sabia que aquilo não era um bom sinal. Odiava a pressão que a editora estava botando nele. Se até Laurence Loud tinha que respeitar as datas, Daniel não podia se dar ao direito de sentir como se o *deadline* estivesse o esmagando. Olhando ao espelho, ele se sentiu estranho, como se não visse a si mesmo. Não, seus olhos não eram tão escuros assim nem sua pele era tão pálida.

– Quem é você? – perguntou para o próprio reflexo. – Qual é o seu segredo?

A paranoia de Daniel Luckman estava de volta. Criador e criatura lutavam dentro dele; Uma batalha entre as trevas e a luz. Não importava quem vencesse, ele sempre perdia o controle. Ele abriu a torneira e jogou a água no rosto. Algo estranho aconteceu, foi como se o líquido queimasse sua pele. *Isto não está acontecendo. Por favor, não.* Ele tentou enganar a própria mente, acreditando que aquilo só podia ser fruto da sua imaginação doentia. 10, 1, 7, 4, 2, 5, 3, 9, 6, 8. Acreditava que ao contar os números fora de ordem, todo o caos se dissiparia.

– Você quer saber o seu próprio segredo? Escritor tolo, até parece que não sabe que tudo o que produziu era um reflexo de sua alma podre, do seu subconsciente traiçoeiro.

Eu estou ficando louco! Não pode ser. Naquele instante, Daniel viu o próprio rosto derretendo, como os relógios pintados por Salvador Dalí. Estava tão assustado, que sua própria voz se fundia dentro dele. Estava perdido. Ninguém poderia salvá-lo. Não quando ele parecia ser o seu próprio inimigo.

– Daniel, você está bem? – Marissa bateu na porta do banheiro, aguardando uma

resposta.

Como ele poderia responder, quando mal tinha forças para se manter em pé? Como dizer que estava sendo atacado pelos seus demônios? Daniel estava sentindo como se estivesse se devorando por dentro. Sua íris já não era circular, ela derretia como uma gota. Eram como duas amêndoas apodrecidas e delas escorriam um líquido escuro. *Que aberração. Esta é minha real aparência?* Estranho como um arlequim chorando.

Quando a porta se abriu, Marissa e Laurence entraram no banheiro.

– Vocês viram? – disse Daniel, num tom fraco.

– Viram o quê? – A expressão de curiosidade de Marissa logo se transformou na dor de ver o marido sofrendo, e não poder ajudá-lo.

– Meu rosto... Ele estava... – tentou falar, mas não havia uma forma de expressar o que havia presenciado sem o levarem para uma instituição para transtornos mentais.

– Daniel, talvez seja melhor você tirar o dia para descansar. Eu não devia ter te contado sobre a editora. Um escritor que não escreve é útil como um relógio quebrado.

– O que você disse? – Daniel sabia o que Laurence havia dito, mas não acreditava em coincidências. Era como se o colega tivesse lido sua mente, enxergado sua alma. Ou pior ainda, confabulou Daniel, como se ele estivesse por trás de sua insanidade.

Marissa e Laurence trocaram um olhar. Naquele simples ato, o escritor veterano entendeu.

– Vamos, Daniel, escute sua mulher. Você precisa descansar para podermos escrever amanhã.

– Mas eu estou bem. Eu não sei o que aconteceu.

– Xi... Está tudo bem – disse Marissa, envolvendo Daniel em seu braço e o levando até o

quarto. – Tente relaxar um pouco. Sua mente ainda não se recuperou. Você não quer virar um daqueles escritores malucos, quer?

Marissa ajeitou o travesseiro para o marido, cobriu-o com o edredom e beijou a testa dele. Sua vontade era a de levá-lo para o hospital. Ela fechou as cortinas do quarto, apagou a luz e fechou a porta.

Estava sozinho, novamente. A frase de Laurence Loud ressoou na cabeça de Daniel. *Um escritor que não escreve é útil como um relógio quebrado.* Não era isso o que ele era? Um maldito relógio quebrado? Suas peças não funcionavam bem e não era fácil substituí-las. Queria retornar ao estado em que não se sentia assim. Sabia, no entanto, que nem mesmo se pudesse voltar no tempo Daniel seria o mesmo. Ignorar a dor que crescia dentro dele não a faria desaparecer. Suas estruturas jamais seriam consertadas – assim como os ossos que se regeneravam após quebrados e precisavam de ajuda para serem colocados nos lugares certos, suas fraturas do subconsciente formaram um monstro dentro dele, uma besta que não podia ser domada.

Não havia para onde correr ou se esconder. Era aceitar os fantasmas ou deixá-los consumirem o resto de energia que circulava pelo seu corpo. Daniel estava tão debilitado.

Naqueles últimos dias, suas costas doíam; Seus músculos enxugaram e o rosto dele estava tão fino quanto o de um paciente de uma doença terminal. Ele era o próprio poço e o pêndulo – preso em seu interior. *Não é assim que os meus personagens se sentem? Esperando uma vida toda por alguém que possa escutá-los e dar vida a suas histórias?* Seus livros eram lidos por pessoas do mundo todo e o mais engraçado era que ninguém, nem mesmo sua adorável mulher, poderia lê-lo. Daniel era como o manuscrito de um romance não terminado, todo rabiscado e desconexo, esquecido dentro de uma gaveta e jamais encontrado. Nem ele tinha o manual necessário para decifrar seus pensamentos. Era uma ilha jamais descoberta, submersa no mar da solidão.

Ele fechou os olhos. Gostaria de dormir, como Marissa e Laurence esperavam dele. Daniel estava bem acordado e era neste estado entre a incapacidade de se expressar com os

outros e se sentir vivo que as criaturas o visitavam, aquelas que habitavam o plano das almas perdidas. Não era o que as pessoas chamavam de loucura? Tudo aquilo que não conseguíamos explicar de maneira lógica?

– Meu garotinho de sorte, logo eles vão ver quem você realmente é... – disse Agatha, sentada ao lado dele, com os dedos frios como a morte deslizando pelo rosto de Daniel.

– Mãe? – Daniel respirava alto. Era o mesmo pavor que sentia quando tinha pesadelos com o pai caído no chão da sala de sua casa, todo ensanguentado. A diferença era que seus olhos estavam bem abertos. – O que você está fazendo aqui?

– Vejo que arranjou uma bela mulher. Tontinha quanto eu costumava ser quando conheci seu pai. Espero que ela veja com quem está convivendo, antes que seja tarde demais.

– Não é minha culpa que você tenha se envolvido com ele. O que não consigo entender é como você o aguentou por tanto tempo, quando o desprezava tanto quanto eu.

– Há coisas que você ainda não entende, mas logo vai descobrir. Acredite, logo você terá uma criança e tirará suas próprias conclusões. E quando isso acontecer, eu estarei lá para rir de você. Espero que seu filho arruíne sua vida, como você fez com a minha.

– Eu não pedi para nascer! – gritou Daniel, entre lágrimas, sentindo-se como uma criança novamente.

Marissa não o escutou, ou ela viria correndo ajudá-lo. Ou será que a mulher o odiava tanto quanto a mãe odiava o pai? *Não, isso não é possível! Ela me ama e eu a amo mais do que a mim mesmo. Eu amo tanto Marissa que se tivesse que escolher entre a minha própria existência despedaçada e a felicidade dela, eu a salvaria sem pensar duas vezes.*

Laurence e Marissa conversavam na sala sobre Daniel. O jovem escritor jamais poderia sonhar que eles estivessem tendo aquela conversa, ou se sentiria pior ainda.

– Não foi uma boa ideia tê-lo tirado do hospital tão cedo, Laurence. Daniel está piorando.

– Então, você preferia que ele estivesse lá, contra a vontade dele?

– Há momentos em que precisamos fazer escolhas, não importa se a julgamos corretas ou não. O depois pode ser tarde demais e tudo o que resta é a dor.

– Você está dizendo que o deixaria?

– É claro que não. Daniel é meu marido. Eu fiz a minha promessa, na saúde ou na doença, de que sempre estaria ao lado dele.

– Daniel é realmente um cara de sorte. Como eu queria que as minhas mulheres tivessem pensado assim. Houve um momento da minha vida em que eu pensei que elas realmente me amavam, até perceber que estavam mais interessadas no meu dinheiro e nas vantagens de se namorar um escritor famoso. Exceto por uma...

– Laurence, isto é horrível! Eu lamento. Eu jamais poderia pensar isso com Daniel. Quando eu o conheci ele não tinha sido publicado. Passamos por tantas coisas juntos e ele sempre me apoiou. Não vou abrir mão dele por causa de uma crise. Ele me avisou que isto poderia acontecer.

– Você fica ainda mais bonita dizendo essas coisas, Marissa.

– Um dia, talvez você encontre uma mulher que seja boa para você.

– Talvez. Talvez eu já a tenha encontrado – respondeu, fazendo um pensamento entrar e sair com tanta velocidade pela mente de Marissa, que ela ruborizou e fez questão de esquecer.

Capítulo 13

Na manhã do dia seguinte, Daniel e Laurence se reuniram no escritório. O escritor veterano abriu o jogo e mostrou as mensagens enviadas pelo editor. O projeto tinha risco de ser cancelado. Foi assim, que naquelas horas, os dois ficaram trancados, escrevendo e escrevendo, até terminarem a primeira metade do livro.

Café e petiscos trazidos por Marissa eram os únicos combustíveis daquelas mentes criativas. Não podiam parar agora que haviam entrado no clima. Daniel olhava para Laurence e se orgulhava da parceria. Tinha certeza de que aquela seria a primeira de muitas. Tudo o que ele precisava fazer era jogar as cartas certas para que seu futuro fosse brilhante.

Os olhos de Laurence estavam vermelhos. Daniel não sabia se aquilo era sua imaginação, ou se o colega estava tão concentrado na escrita, que era como se as palavras escorressem dele, como se alguém o contasse uma história. Havia algo mágico no processo criativo, como se não houvesse barreira entre os pensamentos e a criação, tudo fluía como a correnteza de um rio, sem se importar com as pedras pelo caminho.

Daniel estava elétrico. Tinha medo de quando se sentia assim, sabia que depois da euforia sempre vinha a queda, mas não havia tempo a perder. Escreveu sobre o relacionamento conturbado entre os dois escritores, adicionando um toque de ficção. Os dois eram maduros o suficiente para separarem o que era o livro e a vida real. Apesar de Daniel ainda estar incomodado com a história criada por Laurence Loud, se perguntava o que os leitores pensariam. Será que acreditariam que Daniel Luckman havia assassinado os próprios pais?

“D. e L. estavam sendo monitorados e não tinham ideia. Quem era aquela fã? Qual era o seu nome? Era mais uma dessas coisas que só seriam reveladas no momento certo. A mulher

se chamava A. e tinha usado a desculpa mais estúpida do mundo para aparecer na casa em que eles estavam, a do carro quebrado na estrada”

Quando percebeu o que havia escrito, Daniel sentiu a força do seu subconsciente. O universo do seu livro estava sugando tudo ao seu redor. Tinha medo de se dissolver durante o processo, de não saber mais diferenciar o que era invenção ou realidade. Havia aprendido que a arte da ficção era de escrever sobre as sensações assustadoras, pois elas dariam vida à história e fariam os leitores se envolverem. *Todos nós temos segredos, temos uma bagagem que gostaríamos de esconder, mas que salta diante de nós quando menos esperamos.*

“A. atuava muito bem. Ela fez amizade com a mulher de D., pois sabia que era a única maneira de não levantar suspeitas. Depois ela encheu o ego de L., sabendo o quanto ele era suscetível a elogios. Somente D. não caiu na armadilha, mas não tinha importância. Os planos de A. estavam bem arquitetados e aquilo já estava previsto a acontecer. Quando retornasse para a casa de D., ela estaria preparada para atacar. Era emocionante demais estar perto dos dois escritores, principalmente de L., o seu autor favorito de todos os tempos”

O suor escorria pela testa de Daniel, sabia que era a febre se manifestando, mas não podia parar. Escreveu durante horas, até juntar sua parte e imprimir. Cada um havia escrito 75 páginas, totalizando a primeira metade do romance. Era o suficiente para que o editor saísse do pé deles, mas John K. ainda precisava aprovar o texto.

– É o suficiente por hoje... – avisou Laurence, sentindo-se exausto. Não fazia uma maratona de escrita há um bom tempo.

– Me dê a sua parte que eu vou juntar – pediu Daniel, e o escritor veterano concordou.

Daniel separou os capítulos, que eles escreveram de forma intercalada. Ao prender o material, sentiu pela primeira vez o romance ganhando vida. Até então, eram só ideias que perambulavam suas mentes, nada que valesse a pena se orgulhar. Quando os capítulos se fundiram com os de Laurence, Daniel sentiu uma excitação tomar conta do seu corpo – era como se os dois escritores tivessem se tornado um só, como se suas essências tivessem sido

esmagadas e misturadas, a ponto de não saber quem era D. ou L., e aquela sensação era gostosa demais, como se tivessem compartilhado um orgasmo.

– Precisamos comemorar! – disse Daniel, com um sorriso no rosto.

Ele tirou quatro cópias da primeira metade do livro. Uma para ele, outra para Laurence, a terceira para John K., o editor, e a última para que Marissa pudesse ler e dar sua opinião.

Marissa ficou toda alegre ao perceber que o marido parecia melhor. Ela mesma abriu uma garrafa de champanhe e serviu as taças. O clima festivo era o prenúncio do sucesso que o livro faria.

As risadas contagiantes, os brilhos nos olhares e a tensão sexual sublimando no ar não lembravam nem um pouco a miséria que havia rondado as almas daqueles três nos últimos dias.

Capítulo 14

Daniel acordou cansado. Marissa e ele haviam se divertido na madrugada. Pensamentos estranhos cruzaram a mente do escritor enquanto fazia amor com a esposa. *Por que diabos imaginei Laurence na cama conosco?* Daniel nunca havia tido uma experiência homossexual antes, e não tinha sido pela falta de oportunidades, já que grande parte dos seus colegas na faculdade era gay ou bissexual. Outra coisa que o incomodava era ter olhado para a mulher gemendo de prazer e ter a impressão que não era Marissa, mas Alex. Ele estava, sem dúvidas, perdendo o resto de sanidade. Assim que ele e Laurence terminassem o livro, Daniel planejava tirar férias com a esposa, alguns dias sem escrever.

Marissa deu um beijo de bom dia no marido e avisou que iria preparar o café da manhã. Daniel tomou um banho, e deixou a água levar seus pensamentos obsessivos para o ralo. Não havia tempo para pensar nas fantasias. Assim que se enxugou, ele vestiu uma roupa nem formal demais nem largada. Daniel e Laurence iriam até a cidade levar o manuscrito e entregar nas mãos do editor. Precisavam mostrar que estavam comprometidos com o projeto. John K. apreciava atitude.

Quando Daniel chegou à cozinha, Marissa e Laurence estavam rindo. Ver a mulher feliz com outro homem era algo que incomodaria Daniel há alguns dias, se Laurence não tivesse o salvado. Não queria ser a pessoa mais egoísta do mundo. Morar naquela casa no meio do nada fez com que Marissa deixasse muitas oportunidades passarem e perdesse o contato com muitas amigas.

– Preparado para pegar a estrada? – perguntou Laurence.

– Desde que não me leve ao inferno... – brincou Daniel.

– É este o espírito! Não posso te prometer nada.

Eles comeram as frutas que estavam sobre a mesa e os sanduíches preparados por Marissa, depois se serviram do café. Daniel estava tão ansioso para saber o que John K. acharia da primeira parte do romance que quase sugeriu partirem sem comer, como se as borboletas tivessem forrado todo o seu estômago e não houvesse espaço para mais nada lá.

– Não se preocupem comigo! Façam uma boa viagem e boa sorte! – falou Marissa, percebendo que os escritores estavam com a mente tão longe que quase se esqueceram de se despedir dela.

– Estou indo, amor! Eu te amo! E tome cuidado.

– Prometo não conversar com nenhum estranho ou botar fogo na casa.

– Ótimo!

– Adeus, Marissa – respondeu Laurence, sem nem abraçá-la.

A mulher ficou olhando pela janela, até o carro desaparecer de sua área de visão.

Laurence disse que dirigiria e Daniel não se importou. O jovem escritor costumava ficar nervoso quando tinha reunião com a editora. *O que John K. vai achar do livro?* Daniel encostou a cabeça no encosto do banco e tentou limpar a mente, mas estava difícil relaxar.

Uma música sobre uma adolescente autodestrutiva tocava na rádio. Seu nome era Carmen. Daniel imaginou como a letra daria uma boa história e anotou a ideia no bloco de papel que sempre carregava para onde quer que fosse. Laurence levantou as sobrancelhas surpreso pelo colega estar bem.

De repente, a personagem que visitava a memória de Daniel já não era Carmen, mas Alexandra. Ele teve uma sensação ruim, não conseguia entender por que estava tão obcecado pela jovem, a ponto de colocá-la em seu romance, como uma fã instável e perigosa. *Seria um reflexo de mim mesmo?* Ele achava fascinante como o processo da escrita libertava

pensamentos marcados no subconsciente. Se A. era um reflexo do lado sombrio de D., L. corria perigo perto dele. Balançou a cabeça, até as ideias se afastarem.

– Então, o que achou do que escrevi? – perguntou Daniel, com uma coragem que não sabia de onde vinha. Perto de Laurence, ele se sentia tão pequeno.

– Para ser sincero, esta é a primeira vez que escrevo um livro com alguém que pensa parecido comigo. Se tudo der certo, vamos trabalhar juntos novamente.

– Sério? – Daniel se sentia como quando era adolescente e recebeu um elogio da garota mais popular do colégio. Nunca se imaginou como uma daquelas pessoas que gostavam de ser bajuladas, porém o comentário de Laurence fez bem para sua alma.

– E por que eu mentiria para você? – Laurence piscou e em seguida coçou a garganta – Espero que não tenha se incomodado pelo que escrevi de você, Daniel. É óbvio que você não machucou os seus pais, só quis deixar o livro mais interessante. Você sabe como as coisas são. Ninguém quer ler histórias ordinárias.

– Sabe, eu não gosto muito de falar sobre esse período da minha vida. A única pessoa que está a par desses momentos difíceis é Marissa. Não, eu não os matei. Mas, poderia. Você não sabe como uma família ferrada pode estragar sua vida, principalmente quando se é adolescente e tudo parece tão difícil.

– Acredite, eu sei. Você não é o único que sacrificou algo para se tornar escritor.

Daniel sentiu as emoções vibrando em seu interior. A cada dia que passava, ele descobria que tinha mais coisas em comum com Laurence do que imaginava.

– Quando meus pais estavam vivos, eles nunca me apoiaram. Depois que os meus livros se tornaram um sucesso, nem preciso dizer que eles tentaram se aproximar de mim, né? Chega a ser patético o quanto isso parece clichê. Quanto às mulheres da minha vida, todas elas queriam só uma coisa: dinheiro. Nenhum casamento meu deu certo. Eu admiro seu relacionamento com Marissa.

– Obrigado, Laurence. Você não sabe o quanto me faz bem ouvir você dizendo essas coisas. Sinto muito pelos seus pais e ex-mulheres.

– Nada como o tempo para fazer as feridas sangrarem a ponto de não doerem mais.

Depois daquela conversa, os dois ficaram em silêncio, escutando as músicas que tocavam na rádio, até chegarem ao prédio da editora. Para qualquer pessoa aquela ausência de sons poderia ser perturbadora, mas que diabos, os dois eram escritores e sabiam apreciar a solidão.

Horas depois, quando Laurence estacionou o carro, ele deu uma olhada em seu cabelo longo. Daniel secou as mãos na calça, odiava como elas ficavam molhadas sempre que estava ansioso. Eles pareciam uma dupla de policiais quando saíram do automóvel ao mesmo tempo.

– Pronto?

– Vamos ver se ele engole nossa história – respondeu Laurence, com uma risadinha sem graça.

Os dois homens tinham aquela aura misteriosa, sombria, que só autores de livros de terror poderiam ter – de quem sabia que criaturas da noite eram mais reais do que as pessoas imaginavam.

Quando chegaram à recepção, a mulher cumprimentou-os com educação, fazendo Daniel se lembrar de quando ela foi uma megera com ele – aquele era o efeito que Laurence Loud causava nos outros –, e pediu-os para subirem.

Laurence estava tão acostumado a visitar o prédio que foi logo seguindo até a sala do editor. Daniel jamais teria a coragem para fazer aquilo, com medo de que estivesse sendo atrevido demais e pudesse estragar sua carreira profissional.

– John K., meu querido! – falou Laurence, pegando a mão do editor. Daniel viu o espanto

subir no rosto do homem e desaparecer em segundos.

– Laurence Loud. Daniel Luckman. Que surpresa agradável!

– Não poderíamos deixar nosso editor favorito cancelar o nosso projeto... – Laurence sabia como deixar o homem sem jeito.

– Aqui está o manuscrito da primeira metade do livro! – Daniel entregou o material nas mãos de John K.

– Que maravilha! Sentem-se. Vou pedir para a secretária trazer alguma coisa para vocês comerem e beberem. Vocês devem estar exaustos.

Laurence e Daniel trocaram olhares confiantes. Tudo estava sendo melhor do que esperavam.

Quando John K. se sentou e começou a ler o manuscrito, uma japonesa, de óculos, serviu dois sanduíches e cafés para os escritores. Eles agradeceram e ela se retirou.

Enquanto Daniel e Laurence comiam, John K. devorava o texto, com os olhos de águia, acostumados a analisar, diariamente, materiais de dezenas de autores.

Laurence estava tranquilo demais, porém Daniel observava as reações de John K. O homem levantou as sobrancelhas, depois abriu a boca e passou os dedos pelo rosto, enquanto suas bochechas queimaram. O editor coçou o pouco de cabelo que restava em sua cabeça.

Assim que os escritores terminaram de comer, alguns minutos se passaram e John K. se levantou.

– Parabéns! O material está incrível... Não poderia esperar menos de duas mentes brilhantes trabalhando juntas.

Daniel corou.

– Imagino que vocês tenham trocado os papéis na hora de escrever. Isto aqui está um

escândalo! Adorei a ideia de usarem a primeira letra dos seus nomes. Laurence, esse lance de dizer que Daniel matou os pais dele é... Fantástico, de um jeito bizarro.

– Obrigado! Sabia que você ia apreciar.

– O que eu estou curioso para saber é: Quem é A.? E quais serão os próximos passos dela?

– Bom, você vai ter que esperar para saber – respondeu Daniel, se sentindo no controle da situação. – Isto quer dizer que o projeto continua em pé?

– Óbvio! Mas, quanto mais cedo terminarem, melhor vamos poder planejar o lançamento. De quanto mais tempo vão precisar?

– Um mês – falou Laurence.

Daniel olhou para o colega escritor com uma expressão de *Que merda você está fazendo?* e depois sorriu.

– Muito bem! Acredito que com um deadline, vocês vão trabalhar mais rápido. E Daniel, parabéns. Você e Laurence estão escrevendo tão bem juntos, que se não fosse pela diferença de foco narrativo, eu dificilmente saberia definir quem escreveu. É quase como se vocês fossem um só.

Assim que Daniel e Laurence saíram da editora, os dois se parabenizaram e se prepararam para pegar a estrada novamente.

Capítulo 15

Os olhos de Daniel mal acreditavam no que viam. Era Alex. O que ela fazia em sua casa? Como se estivessem sincronizados, no mesmo instante em que Laurence e Daniel chegaram, Alexandra estava indo embora. Marissa parecia calma, como se não tivesse feito nada de errado. Bom, não era o que Daniel pensava. Poucas coisas o irritavam como visitas inesperadas.

Talvez Alex não fosse obcecada por escritores, como era a sua personagem A., porém Daniel não se sentia confortável com a presença dela. Havia algo errado nos olhos dela, como se brilhassem mais do que o necessário. Talvez ela não estivesse ali por causa dele, mas por Laurence Loud. O próprio Daniel Luckman enfrentou um período de sua carreira em que ele estava tão obcecado em conhecer o mestre do terror que ultrapassaria quaisquer limites para conquistar os seus desejos.

– Boa tarde, rapazes! Como foi com o editor? – perguntou Marissa, cheia de entusiasmo.

– Arrebentamos! – respondeu Laurence. Daniel permaneceu perdido nos pensamentos.

– Eu sabia. Sempre soube. Vocês dois escrevendo juntos. É algo de se arrepiar.

– Vou tomar um banho e descansar um pouco – disse Laurence, desconfortável ao lado do casal.

– Quando o jantar estiver pronto, eu te aviso.

Assim que Laurence estava longe, Marissa abraçou Daniel e segurou o rosto dele.

– Daniel, vai me dizer o que houve? Pensei que você estaria feliz. Não era isso o que

você sempre quis, que o projeto fosse bem-sucedido?

– Sim, sim – Como num lampejo, ele olhou para Marissa e deixou as palavras que o atormentavam saírem da boca: – O que aquela mulher estava fazendo aqui?

– Alex? Ela passou aqui para me agradecer por aquele dia e como eu estava sozinha, me fez companhia.

– Você não acha estranho? Será que não vê que ela está cheia de segundas intenções?

– Daniel, meu amor, você está ficando paranoico. Nem todo mundo é fã seu ou do *grande* Laurence Loud. Quando nos casamos, eu sabia que você tinha problemas para conviver com outras pessoas e eu aceitei. Só não espere que eu me comporte da mesma maneira.

Marissa está certa. Ela não precisa ser tão solitária quanto eu, mas algo nessa visita de Alex não me parece certo. Ele respirou e decidiu não explodir com a única mulher que o amava. A cada ano que passava, o círculo social de Daniel diminuía. Não era por falta de conhecimento sobre o que acontecia em sua vida, pelo contrário, abutres se aproximaram quando perceberam que ele estava ganhando o seu próprio dinheiro e ficando famoso como escritor. A verdade era que Daniel era incapaz de fingir que estava feliz com os outros, como alguém normal, quando não estava.

O sol se despediu e só o que restou no céu era a escuridão. Era uma noite onde a lua não podia ser vista. Daniel e Marissa entraram na casa. Os altos e baixos estavam maiores nos últimos dias. A culpa era toda dele. Daniel se recusava a entender que jamais se daria bem com outra pessoa. Jamais teria a cara de pau que os pais tiveram de manter um casamento sem amor, cujo pior efeito colateral era seu nascimento. Esse era um dos motivos pelos quais ele relutava tanto em ter um filho. A mulher deixara claro que queria várias vezes. Ele não podia negar, seria um péssimo pai. Como poderia ser um bom pai, quando o seu tinha sido terrível e tudo o que ele tinha provido eram doses de indiferença. Marissa seria uma boa mãe, sem dúvidas, já Daniel sentia-se incapaz de fazer tantas coisas que eram comuns para as outras pessoas – o escritor não era nem um pouco prático, e se não fosse pela mulher, talvez teria

deixado a conta de luz vencer, mergulhado na bagunça do escritório e usado as mesmas roupas durante dias.

Capítulo 16

Era madrugada quando Daniel despertou. Ele olhou para o lado e viu que a esposa não estava ali. Uma sensação de pânico cresceu dentro dele. Daniel odiava ficar sozinho, exceto quando estava escrevendo. Sabia que naqueles momentos os seus demônios se aproveitavam da fragilidade de sua alma e não descansavam até destruí-lo.

Daniel saiu da cama e ao ouvir um barulho vindo do banheiro, se sentiu mais calmo e se deitou novamente. Marissa logo estaria de volta. O coração dele ainda batia com força, mas sua mente relaxara e o alertara que tudo não passava de um mal entendido. Não era assim a vida de Daniel Luckman, uma brincadeira do destino depois da outra? Ele se lembrou de quando viu o pai deitado na sala, e por um segundo pensou que fosse uma encenação. Por mais que os dois não se dessem bem, o jovem não podia acreditar que ele havia partido. Pensou em como nunca teria a oportunidade de viver algo normal, nem mesmo diante da morte, que era capaz de embelezar e purificar algumas pessoas. Quantas vezes ele não viu alguém que foi enterrado mudar de demônio a santo? Não era o que ele sentia pelo pai. Quanto mais morto, mais raiva sentia. Daniel se culpava pelo relacionamento que nunca deu certo, como se estivesse pagando pelos erros de uma vida passada. O pai dele nunca o tratou como um filho, logo ele nunca aprendeu como era ter um pai. A solidão o marcava desde que ele se conhecia por gente, embora Daniel Luckman aprendera a colocar uma máscara em seu rosto e sorrir diante dos poucos amigos que ele tinha, até que esses também se cansaram de estar perto de alguém tão anormal, tão incapaz de se conectar com os outros. Eles não entendiam que uma vez que o corte estivesse aberto, sangraria até a morte.

– Querida, você está bem? Precisa de algum remédio?

Ela não respondeu. A mulher apagou a luz e retornou para a cama, como se nada tivesse acontecido. Ela se deitou ao lado de Daniel e colocou as mãos dele em seus peitos. Estavam gelados e duros. O escritor sabia que nem sempre cumpria bem o seu papel. Ele cultivava a solidão e não podia se dar ao luxo de dar atenção sempre para a mulher. Antes de se casarem, como se tivesse uma doença mortal chamada *O Mal do Escritor*, ele a alertou que isto poderia acontecer e ela disse que não se importava e o entendia. Daniel ficou feliz ao ouvir aquilo, embora soubesse que uma hora ou outra ela não aguentaria a pressão.

A mulher o beijou. Daniel pensava no quanto o hálito doce de sua esposa nunca estivera tão azedo assim antes. Aquele cheiro, ele não sabia de onde o conhecia, mas tinha certeza de que algo não estava bem com Marissa. Ignorando os sinais de rejeição de Daniel, ela continuava o puxando para perto de si, como se estivesse tentando se fundir a ele. Daniel começou a se sentir sufocado. Era a mesma sensação paralisante de quando sonhava com uma cobra gigantesca enrolada em suas pernas, o impedindo de se mexer. Ele não conseguia gritar, pedir para que ela parasse.

O homem urrava, tentando pedir ajuda. Aquela sensação aterrorizante tomou conta de cada parte do seu corpo. Quando a porta se abriu e a luz se acendeu, ele ouviu a voz:

– Dani, meu Dani, você está bem?

Mãe? Que merda está acontecendo? Agatha havia desaparecido, morrido, ou seja lá onde ela estivesse, tudo o que Daniel sabia era que aquilo não era real. Quando ele olhou para a mulher, percebeu que não era Marissa ou Agatha, mas Alex. Ele sentiu vontade de gritar, pedir para que aquela diaba saísse de sua cama e nunca mais se aproximasse dele. A mulher ria da cara de espanto de Daniel, como se aquilo fosse uma piada.

– Daniel Luckman, você sabe que não pode resistir. Nós dois fomos feitos um para o outro. Esqueça Marissa. Ela já não é mais sua, é de Laurence. Você sentiu tanta raiva de sua esposa ter me deixado entrar em sua casa, que não percebeu quando trouxe o próprio demônio aqui.

O escritor tentou se debater, sair da influência paralisante que Alex o causava. Porém, era como se ele estivesse amarrado.

– Não acredita em mim? Veja com seus próprios olhos. Espero que se lembre quando acordar. Isto não é um sonho – disse Alex, com um sorriso no rosto. Ela beijou os lábios de Daniel e ele viu uma luz branca mergulhar em seu interior, quando ela falou: – Eu te liberto.

O desespero tomou conta de Daniel. Precisava sair do lado dela o mais rápido possível. Estava preso em algum canto de sua memória. *Isso não é real. Nada disso é tão real quanto às histórias que Laurence e eu inventamos para nossos livros.*

Ele se afastou de Alex e passou pela mãe, que o deu um olhar repreendedor. Daniel foi direto ao quarto de hóspedes. O local estava todo escuro, mas ele viu duas sombras se movimentando. *Não é possível. Minha mulher e meu amigo.* Quando acendeu a luz, Laurence estava sozinho.

Ele passou as mãos nos olhos e perguntou: – Daniel, você está bem?

A pergunta irritou o escritor profundamente. Estava cansado das pessoas perguntarem se ele estava bem, que cada um tirasse suas próprias conclusões.

Aquele era um vislumbre do inferno de Daniel Luckman. Tudo o que ele precisava era da chave para sair dali. Algo o dizia que a resposta era Marissa. Ela estava em algum lugar escondida na casa e o salvaria. Ela precisava. Ou Daniel estaria perdido para sempre. Aqueles fantasmas eram só uma degustação do verdadeiro terror que estava por vir. Ele sabia. Desde criança, ele lutava contra seus sonhos perturbadores. No colégio, havia dias em que Daniel adormecia na carteira, por causa das madrugadas de insônia. E uma vez ou outra, ele fazia xixi nas calças e se tornava alvo de piadas. A diretora chamou os pais para uma conversa e explicou que era inaceitável uma criança daquele tamanho dormir e se mijar em sala de aula. A mãe de braços cruzados não sabia o que fazer com o filho, enquanto o pai o batia com o cinto, dando uma lição de como ele deveria se comportar. Os hematomas e as dores físicas não eram nada comparados ao emocional esfaqueado de Daniel. Sua alma estava quebrada e ninguém, nem

mesmo Deus, poderia ajudá-lo. Tantas orações sem respostas foram o que fizeram o rapaz se tornar ateu, quando ficou velho suficiente para deixar de frequentar a igreja só por causa da ilusão dos pais.

– Marissa? Onde você está? Eu preciso de você! – gritou Daniel, desesperado para sair da casa maldita.

– Daniel? Eu estou aqui...

Ele ouviu a voz da mulher do lado de fora da casa. Ainda precisava descer a escada. Cada degrau parecia que ele estava mais longe do seu objetivo. Aquela tortura não tinha fim. Depois de descer com dificuldade, como se suas pernas fossem pesadas como chumbo, ele viu a porta da frente brilhando.

– Daniel... – Ele ouviu o sussurro de Marissa e sabia que a porta para sair daquele pesadelo era aquela. Só mais alguns metros e estaria livre.

Daniel correu pela sala, mas tropeçou num corpo. Ele quase vomitou quando percebeu que era o cadáver do pai. As energias esvaíam por todos os poros. Aquela sensação agonizante de tremer e ser incapaz de se mexer ao mesmo tempo. Uma guerra se travava em seu interior e Daniel Luckman estava perdendo – a vida toda ele se sentiu um perdedor. Quando ele decidiu usar a raiva como um combustível, uma forma de fazê-lo seguir em frente, a mão grossa e gelada do pai o puxou para o chão. *É isto, este é o meu fim.* Daniel estava prestes a desistir. Ele se lembrava dos sonhos com o pai gritando, preso numa espécie de fossa, seca como o seu coração, e as pedras gigantescas desciam em direção a eles para esmagá-los, até que ele acordasse ofegante. Não era essa uma metáfora de sua vida? Uma existência toda se sentindo espremido, até não restar uma gota de vitalidade em seu interior?

– Daniel, você precisa acordar.

O corpo de Daniel se debatia contra o chão. O cadáver do pai já não estava ali. Ninguém acreditaria em sua história se ele contasse. Mais assustador do que os seus pesadelos realistas,

era o medo que ele sentia de ficar internado num hospício. Ficaria trancado pelo resto da vida. Se tivesse sorte, alguém teria pena dele e o deixaria ao menos escrever. Precisava encontrar um significado para sua existência, sentir-se no controle, dar vida aos personagens e dá-los o destino dos justos – era a única forma de fazer justiça poética.

Ele gemia de dor.

– Abra os olhos, Daniel.

Quando ele fez o que a voz lhe pedia, a imagem de Marissa se descortinou em sua frente. Ele estava tão fraco para explicar como havia parado no chão da sala. Pensou em olhar para a porta e ver se ela ainda brilhava, se ainda estava naquela dimensão entre os pesadelos e o mundo real, mas tudo estava de volta ao normal.

– Laurence, me ajuda a levá-lo ao quarto! – pediu Marissa.

– Laurence Loud, me traindo com a minha mulher... – sussurrou Daniel.

– O que você diz não faz sentido. Daniel, você precisa procurar ajuda. Essas crises não podem continuar. Elas vão comprometer nosso casamento.

– Nosso casamento...

Laurence e Marissa tentaram apoiar Daniel e por fim, decidiram que era melhor colocá-lo deitado no sofá. Carregá-lo pelas escadas daria mais trabalho do que imaginavam.

– Não me deixe sozinho, Marissa... – As palavras morriam na boca dele.

– Eu vou pegar um remédio para te ajudar a dormir. Laurence te fará companhia.

Marissa saiu da sala e Daniel encarou Laurence.

– Você veio aqui para me destruir? Você é a morte?

– Daniel, meu velho, ainda há muito o que você precisa aprender. Procure ajuda ou sua

imaginação irá destruí-lo. Acredite, você não quer desperdiçar sua carreira, sua vida. Muitos escritores de séculos atrás enlouqueciam, adoeciam e morriam miseráveis. Eles não tinham quem pudesse ajudá-los. Você tem...

– Tome. – Marissa colocou o comprimido na boca de Daniel, como se ele fosse uma criança doente, e virou o copo d'água.

Bastaram alguns minutos para tudo se acalmar no interior dele. Daniel sabia que a paz era temporária. Os demônios da madrugada eram obcecados por ele; Vagar pelos dois mundos era doloroso demais. Tinha sorte de ter Marissa e Laurence, mesmo sua mente tentando fazê-lo enxergar coisas que não existiam, como uma paixão ardente e secreta entre a esposa e o escritor veterano.

Ele fechou os olhos e apagou.

Laurence queria entender o que se passava pela cabeça de Daniel, mas tudo aquilo parecia demais, até mesmo para ele. O escritor sabia como o seu gênio criativo poderia fazê-lo imaginar muitas coisas que estavam longe da realidade. Aquele terror, no entanto, tinha sido fundamentado no subconsciente de Daniel. Só agora Laurence se deu conta do mal que havia feito em escrever sobre o passado do outro, aquilo estava revivendo memórias que o rapaz havia bloqueado.

A cena estava se repetindo muito nos últimos dias. Marissa e Laurence na cozinha, ambos conversando sobre a condição de Daniel.

– Não seria melhor interná-lo? Eu já não sei o que fazer... – desabafou Marissa, prestes a ter seu próprio colapso emocional.

– Há quanto tempo ele vem tendo esses ataques?

– Para ser sincera, depois que vocês começaram a escrever o romance. Eu não estou

dizendo que a culpa seja sua. Talvez esteja na hora de deixar esse projeto pra lá. Daniel me mataria só de imaginar que eu possa ter dito isso. Pode me chamar de egoísta ou superprotetora, mas eu não vou deixar o meu marido morrer dia após dia, e não fazer nada para ajudá-lo.

– Marissa, você precisa ser forte. Alguns escritores se alimentam dos seus medos, daquilo que há de mais escuro em seus interiores, para escreverem seus livros. Ao mandar Daniel para um tratamento, você pode não só acabar com a carreira dele, como pode fazê-lo se sentir inútil, incapaz de fazer qualquer coisa. Ele nasceu para contar histórias. Pode imaginá-lo trabalhando em outra profissão?

– Você tem razão. Ainda assim, não torna mais fácil vê-lo se autodestruindo, se consumindo por dentro. Já te contei que, às vezes, ele acha que tudo isso não passa de uma ilusão criada pela mente dele? Daniel pensa que eu não sou real, ou você, ou seu livro, que ele é louco e somos todos produtos de sua mente.

– O que, afinal, aconteceu aos pais dele?

– O pai morreu e a mãe desapareceu.

– Só isso?

– Daniel não é a pessoa mais comunicativa. Laurence, tudo o que eu te peço é que se a história do novo romance continuar perturbando Daniel, vocês mudem a trama e as personagens, parem de misturar suas experiências pessoais com a ficção, e escrevam do zero algo totalmente diferente.

– Com todo o respeito, Marissa, quem deve decidir isso ou não é Daniel.

Laurence estava saindo da cozinha, quando Marissa foi atrás dele, o puxou e disse:

– Eu sei. Me desculpe... Eu só... Só não sei o que fazer.

As lágrimas de Marissa pareciam não ter fim. Ela apoiou a cabeça no peito de Laurence.

Sem saber o que fazer e com medo de ultrapassar algum limite, ele passou a mão pelos cabelos castanhos dela. Aquele cheiro e a maciez proporcionavam um bem-estar no escritor. Ele não tocava uma mulher há um bom tempo, não depois dos casamentos desastrosos que o custaram não só parte do dinheiro recebido por anos de trabalho, como por ter perdido a confiança em relacionamentos. Ver o casamento de Marissa e Daniel, por outro lado, lhe dava esperança. Quais eram as chances de que ele tivesse algo assim, depois de todos os anos de decepção no amor? *Menores do que uma em um milhão. Ainda assim é melhor do que nada.*

Assim que a mulher ficou mais calma, Laurence foi ao escritório. Ele pensou no que Marissa lhe disse sobre mudar a história do livro. Daniel e ele escreveram depois de quase perderem o projeto. John K. se mostrou contente com o resultado. Começar do zero não era uma boa opção. Aquele era uma das piores coisas em se trabalhar com outra pessoa, além de lidar com as próprias inseguranças e problemas, era ter que respeitar e acompanhar o ritmo do outro.

Ele se sentou na cadeira de Daniel, como se estivesse tentando descobrir qual era a razão de todo aquele sofrimento. O homem segurou as últimas folhas digitadas pelo colega. Não havia muitas palavras. O texto estava longe de ser a narrativa pronta, e estava cheio de perguntas, parte do processo de criação do escritor, como se tentasse conversar consigo mesmo e obter as respostas para continuar escrevendo.

Quem é Alex? O que ela queria com os escritores? Como é possível que ela soubesse onde D. morasse? Será que ela era obcecada por L.? Se ela não é a antagonista do romance, por que diabos não consigo parar de pensar nela? Qual é o papel dela nessa trama e sua relação com Laurence? Seriam os dois amantes e ela está tentando me entregar alguma mensagem? Tantas perguntas, poucas respostas.

A tinta borrada no papel, com os dedos de Daniel, fizeram Laurence perceber que aquelas questões o inquietavam mais do que o necessário. *Talvez Marissa esteja certa, talvez Daniel estivesse mergulhado em sua própria fantasia e não soubesse distinguir o que fazia parte do livro e o que era real. Pelo jeito que ele escrevia, era como se ele acreditasse*

naquelas coisas e pensasse que Alex e eu temos alguma coisa.

Marissa foi até o quarto e pensou no quanto o sofrimento do marido sugava suas energias. Ela tentava entender o que se passava pela mente de Daniel, mas não fazia ideia. O marido deveria tirar férias e voltar a escrever somente quando aquele turbilhão de emoções tivesse passado? Aquilo seria motivo para uma guerra. Pelo que ela conhecia do homem, ele a diria que se casar não tinha sido uma boa ideia, não desde que ela começou a se meter em seus assuntos pessoais. Eles tinham um contrato não dito em voz alta de que a esposa sempre o apoiaria a escrever, não importava se as condições parecessem desfavoráveis. Pedi-lo para desistir do que mais amava fazer, era como entregá-lo a corda e o banquinho, e fingir que não era nada demais.

De volta à terra dos sonhos, Daniel Luckman ficou preocupado. Ele reconhecia aquelas vozes e não sabia mais o que o seu subconsciente tentava avisá-lo. O homem encostou a cabeça na porta e escutou uma discussão.

– O que você está fazendo aqui? Eu te pedi para não se envolver mais. Você vai atrapalhar meus planos. – Daniel sabia de quem era aquela voz, só se recusava a acreditar. O que o surpreendeu não era só o tom da conversa, mas a pessoa com quem o colega conversava.

– Eu só quero te ajudar. Sempre trabalhamos em equipe. Vai me dizer que está dando para trás?

– Não, é claro que não... Alex, vá embora agora ou você vai estragar o meu projeto. Da última vez, cheguei perto de ser preso.

– Mas eu te amo e quero estar sempre ao seu lado.

– Nós já conversamos sobre isso... Você sabe que não me ama, só me enxerga como a

imagem do pai que você nunca teve.

– Você está apaixonado por ela, não é?

– Pela última vez, não fale assim. Você nem deveria estar aqui. Se Marissa ou Daniel verem você aqui, estaremos perdidos.

Daniel saiu da sala e foi até o quarto, para a cama, onde a mulher dormia. Ele pensou em acordá-la e dizer o que escutara, mas aquilo só o faria parecer mais maluco. Precisava lidar com o problema do seu jeito, como um bom escritor faria, no silêncio cultivado pela escuridão. Desde o início, ele desconfiava que havia algo de errado naqueles dois, mas não sabia explicar – agora, suas dúvidas não eram frutos de sua paranoia, eram tão reais quanto o livro que ele escrevia com Laurence.

Capítulo 17

Daniel acordou com a língua pesada e a boca seca, como se não tomasse água durante dias.

Tirando os efeitos do maldito tranquilizante que Marissa havia o feito tomar, ele sabia que precisava descobrir quais eram os planos de Alex, antes que fosse tarde demais. Pelo pouco que escutou entre Laurence e a loira, era como se os dois estivessem agindo juntos, e não era a primeira vez que faziam aquilo. *O que Laurence Loud quer de mim?* A pergunta ecoou na mente dele, deu voltas e voltas, até se perder no vazio.

Deveria haver um jeito de Daniel se comunicar com Marissa, sem ela contar tudo ao colega escritor. Não era como se o marido parecesse a pessoa mais confiável do mundo nos últimos dias. *Não, preciso ficar quieto e descobrir como lidar com isso. Se eu falar para Marissa, ou ela sairá correndo contar para Laurence ou me internará no primeiro hospício que encontrar.* Daniel fechou os olhos e desejou que nada daquilo fosse real, que ele estivesse num ambiente seguro, livre de quaisquer perigos desconhecidos.

– Descansou bem? – perguntou Marissa, ao ver o marido com o olhar perdido, deitado na cama.

– Ainda estou me sentindo um pouco fraco.

– E depois dizem que esses comprimidos não funcionam, que é só uma maneira de arrancar dinheiro das pessoas. É o tranquilizante.

– Ah... Obrigado. Sei que não tenho sido um bom marido, mas espero que ainda tenha paciência. Os dias bons virão...

– Daniel Luckman, você não precisa me pedir desculpas. Eu amo você e sempre vou fazer o que for possível para protegê-lo, ainda que seja de você mesmo. Sabe, talvez você devesse parar de escrever durante alguns dias. Talvez devêssemos mandar Laurence para casa. Não está sendo muito produtivo para os dois.

– Eu não posso... – As palavras se agarravam à garganta dele e saíram com timidez. – Esse é um dos meus sonhos. Escrever com Laurence Loud. Quais são as chances de acontecer novamente, se eu abandonar a oportunidade?

Marissa não respondeu. Ela sabia a resposta. Por mais que amasse o marido, dificilmente alguém gostaria de trabalhar com um escritor instável como ele. Ela o olhou com ternura, fazendo o máximo para esconder a pena que sentia e o avisou que prepararia o café da manhã.

– Você não quer correr com Laurence? Respirar um pouco de ar puro pode te fazer bem.

– Não. Amanhã, quem sabe.

Ela assentiu e saiu do quarto. Aquele comportamento do marido era pior do que ela esperava. Não era assim que ela imaginou que sua vida seria, casada com um homem incapaz de controlar as próprias emoções, que se dedicava ao ofício da escrita, mas nem sempre se sentia bem para trabalhar.

Ele levantou da cama e foi lavar o rosto. Precisava se livrar da sensação de entorpecimento. *Um café bem quente e amargo, me ajudará...* Daniel se perguntou se não era uma boa ideia se internar. Já não sabia o que realmente acontecia ao seu redor e o que era criado pela sua mente. Alex e Laurence, juntos? Aquilo não fazia sentido. Desde que tomou consciência dos conflitos travados em seu interior, ele tinha a sensação de *Daniel versus Mundo* – como se não houvesse ninguém em quem pudesse confiar. A vida, às vezes, fazia essas piadas com as pessoas. Ele, por exemplo, havia ficado solitário grande parte de sua existência, e por mais que os anos passassem, ele conhecera novas pessoas e se casara, sua alma sabia que no momento da morte estaria sozinho.

Ao descer as escadas, tentando não fazer barulho, ele ouviu a voz de Laurence e Marissa na cozinha. Daniel queria saber onde estava Alex e o que aquela mulher tramava contra ele e a esposa. Ele sempre havia sido cético sobre relacionamentos e a sua habilidade de enxergar segundas e terceiras intenções nos outros, o fazia evitar o contato com algumas pessoas – era como um sexto sentido, e tudo o que Daniel sentia sobre Alex era escuro e podre.

– Bom dia, Daniel! – disse Laurence, com o sorriso habitual no rosto. – Vejo que acordou melhor!

– Bom dia, Laurence... – respondeu Daniel, incapaz de fingir o mesmo entusiasmo. Sabia que por trás daquele sorriso, de toda aquela simpatia, havia um segredo que o escritor escondia. – Ainda estou me sentindo um pouco sedado, mas nada que um café não resolva.

– Acha que conseguiremos escrever mais hoje? Não se esqueça de que temos menos de um mês para terminar o livro.

– Nem por um minuto. Estou sempre pronto. Ah, e me desculpe por fazê-lo presenciar essas crises. Juro que não sei o que está acontecendo. Deve ser o estresse.

– Eu entendo. Eu já estive no seu lugar, acredite. Perdi a conta de quantas vezes eu perdi a cabeça. Ser escritor não é fácil.

– Aqui está... – disse Marissa, entregando café para Daniel, e tentando mudar o assunto. Ao mesmo tempo em que ela gostava da companhia de Laurence e de como esse contato com outro escritor poderia fazer bem a Daniel, ela sabia que ele botava uma pressão maior que o marido podia aguentar.

Quanto mais Marissa desejava que os dois parassem de falar sobre o livro, mais eles insistiam. *Será que eles não percebem a merda que estão fazendo?* Ela estava prestes a perder a paciência.

– Bom, vou estudar e deixá-los fazerem suas coisas em paz – disse Marissa e saiu de lá, cansada de ficar perto dos dois homens. Precisava cuidar do próprio futuro. Não queria ser

uma daquelas mulheres que dependiam do marido, e ficavam presas em um casamento infeliz, porque não trabalhavam e não tinham um centavo para gastar.

Daniel sorriu por dentro. Não queria que a esposa ficasse perto de Laurence, não até entender quais eram os segredos dele. O jovem escritor conhecia a imagem de Laurence Loud, mas pouco sabia sobre como ele era no mundo real. Não podia confiar no que leu nos jornais e revistas literárias, muito menos na sua biografia.

– Pronto para escrever? – perguntou Daniel, sentindo uma pontada de curiosidade para ver até onde Laurence continuaria agindo como se fossem amigos. No começo Daniel confundiu as coisas, porém agora via Laurence como realmente era, um colega da mesma profissão, nada mais, nada menos. Ele até mesmo se esqueceu de puxar o saco.

– Até meu coração parar de bater.

– Então, vamos!

Laurence e Daniel andaram lado a lado, como se estivessem conectados de alguma forma, e estavam. Daniel era a sombra de Laurence. Tudo o que o colega escritor tinha conquistado, toda a fama, o dinheiro, poder sobreviver exclusivamente de escrita, era tudo o que Luckman mais desejava. Talvez L. L. era toda a sorte que ele precisava.

– Onde paramos? – Laurence segurou as folhas, e com o simples toque das mãos foi como se absorvesse as informações. – Verdade. Daniel, temos que aumentar as doses de suspense, violência e terror. Ninguém quer ler um livro parado, uma história que não faça o leitor sofrer junto.

– O que você sugere?

– Matar alguém. O seu personagem é marcado pelo assassinato dos pais. E o meu, você não vai fazer L. matar ninguém? O vilão precisa ser tão cativante quanto o protagonista. Até agora, escrevi muitos conflitos internos para D., mas o antagonista parece inofensivo como uma mosca que lambe o cadáver frio e não ajuda na parte mais divertida.

– Tenho algumas ideias em mente. Espero que não se incomode com o que eu vou escrever.

– É claro que não. Somos crescidinhos para separar ficção e realidade. Temos que escrever algo que venda, que ao virar as páginas manche de sangue os dedos de quem estiver lendo e possa perturbá-los na hora de dormir.

– É você quem manda...

Daniel se sentou em frente ao computador. Em seu interior, a raiva circulava como o sangue, indo do cérebro até as extremidades dos seus dedos. *É uma morte que Laurence quer? Uma morte ele vai ter. Só não sei se vai ficar feliz quando souber quem morre.* Daniel lambia a ferida de sua alma. Ele olhou para Laurence, escrevendo freneticamente na máquina de escrever, e pensou no quanto gostaria de ser tão bom quanto ele. Queria um dia chegar ao nível no qual a criatura supera o criador, o aprendiz afunda o mestre.

“L. e A. tinham um passado em comum, o qual escondia até deles mesmos. Quem podia jurar que se não fosse pela ajuda daquela jovem, L. ainda estaria escrevendo manuscritos que seriam recusados. A verdade era que ele tinha os seus próprios meios de criação, e envolviam fazer o mínimo de trabalho, fazendo parceria com a pessoa certa. Coincidências, eram só coincidências quando ele conversava com o editor e dizia que o parceiro havia mudado de ideia.

Ainda é muito cedo para saber o que L. faria desta vez, ele não era tão óbvio a ponto de revelar a alma antes da hora, não, antes era preciso fazer D. jorrar suas lágrimas negras. D. nunca imaginou que o seu romance faria sucesso e que trabalharia ao lado de L. – no momento suas preocupações eram outras, todas elas giravam ao redor da figura feminina e atraente, de cabelos loiros tão brilhantes quanto Vênus, A.

Era assustador o encanto que A. proporcionava diante dos olhos de L. e D., mesmo sem palavras, era como se os dois estivessem em uma espécie de competição, para ver quem levaria o troféu para a cama. D. balançou a cabeça e se lembrou que tinha uma esposa.

Então, era aquilo que tanto incomodava nele, que ele pudesse pensar em traí-la? Não, tinha algo a mais que isso. Uma conversa escutada na madrugada, em meio a delírios, a qual ele jamais teria certeza de que tinha sido real ou não.

Certo dia, A. desobedeceu L. e apareceu na casa de uma de suas vítimas, com a intenção de saber o que o mantinha tanto tempo ali. Ela ficou com ciúmes quando viu a morena de cabelos cacheados, de olhos castanhos tão ordinários e paralisantes. A. nunca pensou que fosse se sentir ameaçada por uma mulher tão comum. O que ela tem que eu não tenho?, ela se perguntou, olhando como L. ficava balançado perto dela. Uma alma boa, a resposta ecoou em seu subconsciente, embora pensasse tudo aquilo uma bobagem e soubesse que o escritor estava longe de ser melhor do que qualquer pessoa. Se as pessoas conhecessem L. como ele realmente era, ninguém jamais gastaria um centavo com seus livros.

A. precisava eliminar aquela presença feminina que estava cegando L. Eles tinham um prazo. Fazer amizade com suas vítimas não estava nos planos, não quando os laços eram reais. Quanto mais envolvimento, mais difícil seria apagar os traços depois. Foi assim, que A. surgiu de surpresa, numa madrugada..”.

Daniel havia travado naquela parte. Costumava ser simples quando suas personagens não tinham relação com a vida real, não diretamente pelo menos. Ele sabia que A. e L. não eram Alex e Laurence, mesmo assim, queria saber quais eram os próximos passos. Ele observou Laurence que parecia perdido. Sentiu-se aliviado, não era o único que não sabia como continuar a escrever a história. *Ele está esperando eu dar o próximo passo, como em um jogo de xadrez.*

Marissa encarava o computador. Não havia mais energia dentro dela para estudar, como se fosse sugada para o buraco negro, seu marido. Ela também não entendia porque, de um instante ao outro, não se sentia mais confortável com Laurence Loud em sua casa. Algo em seu instinto a alertava que era ele o responsável pelas crises de Daniel, despertando uma competição irracional por quem escrevia melhor ou era o escritor mais problemático.

Quando ela foi até o escritório, não acreditou no que via. Dois homens olhando para o nada, incapazes de escrever uma palavra.

– Vocês estão bem? – A voz de Marissa quebrara o transe.

– Ótimo – responderam Laurence e Daniel ao mesmo tempo, como uma versão bizarra de irmãos gêmeos, nascidos com anos de diferença, em lugares distintos.

– Não se esqueçam de deixar a mente descansar um pouco...

O tom maternal de Marissa fazia algo no interior de Laurence se sentir aquecido, confortável, como se ela o cobrisse com uma manta e o protegesse do inverno de sua alma. Já Daniel persistia preso no texto que não saía, transportado para a dimensão de sua história. O escritório do romance, onde D. estava, girava e girava numa velocidade lenta, mas agonizante, o fazendo desejar estar em qualquer lugar, menos ali. Ele só acharia as respostas para as suas perguntas se pensasse não como Daniel Luckman, e sim como D.

O primeiro impulso de Daniel foi pensar que Laurence e Alex estavam atrás de sua mulher. Sua imaginação voava longe, desde uma tentativa de parodiar o *Bebê de Rosemary*, em que ele imaginava o casal tentando implantar um embrião demoníaco no ventre de Marissa, até uma versão mais moderna dos thrillers ultraviolentos, na qual sua esposa era a vítima perfeita para um casal que se divertia torturando outras pessoas. Algo naquelas respostas não parecia certo. Não, todas elas eram improváveis e patéticas demais. Laurence Loud, o escritor de terror jamais escreveria uma droga assim. Ele costumava vasculhar o passado de seus personagens, misturar a aflição do real com o terror do subconsciente.

Desde o início do seu relacionamento com Marissa, Daniel não havia descoberto nada de assombrador nela. Aliás, era sua normalidade o que mais o encantava. Marissa era uma mulher segura e que sabia o que queria, mesmo que sua opinião fosse machucar as pessoas ao seu redor. Ela não era uma daquelas jovens que estavam sempre preocupadas com o que fossem pensar de suas aparências, que estudavam o que os pais gostariam ou se casavam, pois tinham medo de ficarem sozinhas. Não, Marissa era uma mulher livre e jamais poderia ser domada.

Era aquilo o que a tornava tão exótica, tão atraente.

Quando a mulher fechou a porta do escritório, ela jurou ter ouvido um barulho vindo da entrada da casa. Avisar ao marido e Laurence só os atrapalhariam mais ainda. Não era nada demais e ela sempre admirara sua independência. Ela achava desnecessárias aquelas mulheres que ficavam gritando quando viam uma barata voando pela sala. Marissa era o tipo de mulher que quando via o inseto, não pensava duas vezes e pisava nele. Não sentia dó de matá-los, pelo contrário, era algo que lhe dava prazer, fazia se sentir poderosa.

Ela desceu as escadas com pressa. Seu coração gelou quando viu a imagem de alguém mascarado em sua casa, com uma arma em mãos e roupa preta. A pessoa não precisou alertá-la para não se mexer, era óbvio demais, até para a destemida Marissa, que se ela tentasse bancar a engraçadinha, logo estaria caída no chão. Não estaria inconsciente como o seu marido escritor estivera na noite passada, perdido em seus pesadelos, mas fria e vazia, morta e podre como as baratas que esmagava.

Capítulo 18

Marissa nunca havia visto uma pessoa segurando uma arma apontada em sua direção. Ela não sabia o que fazer. Era como se o objeto encantado paralisasse sua alma. *Onde estão Daniel e Laurence, quando preciso deles?*

O silêncio na casa era mais assustador do que se o criminoso estivesse gritando. Se ele mandasse Marissa calar a boca, os escritores poderiam escutar, descer as escadas correndo e dar um jeito de desarmá-lo. *Que merda!* Nem mesmo podia ligar à polícia. Quanto tempo levariam para chegar? Tempo suficiente para que seu sangue escorresse pelo tapete branco de pelos da sala.

– O que você quer? Dinheiro? – perguntou Marissa, tentando manter a calma, quando tudo o que ela queria era vomitar suas palavras ácidas nele e sair correndo.

A resposta foi o silêncio. Marissa não tinha ideia de como prosseguir. Ela sabia onde ficava a arma do marido do quarto, mas jamais conseguiria sair dali, sem antes levar um tiro. Reagir seria a pior coisa que ela poderia fazer.

De repente, Marissa começou a rir. Aquela situação parecia uma das histórias escritas pelo marido. Um assaltante mantendo uma mulher como refém, numa casa no meio do nada?

O assaltante, então, apertou o botão de um aparelho que carregava em seu bolso e a voz se espalhou pelo ambiente:

– Onde estão os outros?

– No escritório – Marissa apontou para cima.

– Faça exatamente o que eu pedir ou você morrerá antes de ver o demônio do pôr do sol novamente.

Marissa sabia que a frase não era de nenhuma genialidade, mas já a havia ouvido em algum lugar. Aquela era a frase de um dos psicopatas de um dos livros de Laurence Loud. Ela estava tão nervosa que não se lembrava do título ou do nome do personagem, mas achou aquilo uma estranha coincidência. Mais bizarro que aquilo, somente se L. L., como Daniel chamava o colega, surgisse e a salvasse.

No andar de cima, no escritório, Daniel Luckman e Laurence Loud se encaravam. O que eles pensavam, nem mesmo eles sabiam. Os dois sofriam com o bloqueio criativo e sentiam aquele pânico que todo escritor tinha de que o livro nunca seria terminado e que tudo não se passava de uma bobagem.

– Você vai me contar o que A. e L. estão aprontando? – perguntou Daniel, quebrando o silêncio. Ele quase não abriu a boca durante o dia, mas suas palavras foram certeiras no alvo.

– É você quem está escrevendo esta parte, não eu. Eu estou escrevendo sobre a *vidinha perfeita* de D., se esqueceu? – Laurence praticamente cuspiu as palavras, o que fez Daniel sentir o clima pesar mais.

– Cortando a besteira, vamos direto ao ponto. O que vocês querem com a minha mulher?

– Marissa? Daniel, você está perdendo o juízo novamente. Talvez sua mulher estivesse certa quando sugeriu te internar.

– Me internar? – Aquilo fez um lago de piranhas se agitar no estômago de Daniel. Marissa, mais do que todo mundo, sabia como ele odiava a ideia de ficar numa instituição. Louco ou não, fora a mente de Daniel Luckman que comprou aquela casa. – Não mude de assunto. Eu escutei você e Alex conversando na madrugada.

– É mesmo? Se você escutou, não tem o que perguntar. Vamos lá, Sr. Sabe Tudo, diz o que está entalado na garganta ou não tem coragem?

– Vocês querem matar Marissa e eu. Não entendo porque se deu todo o trabalho de se infiltrar na minha casa, se passar por meu colega e sugerir escrevermos um livro juntos... Por que não simplesmente nos matou? Oportunidades não faltaram.

– Você nem sabe o que está dizendo, não é? Preste atenção nas suas palavras, Daniel Luckman. Você é escritor e deveria saber que algumas frases não podem ser retiradas e mesmo apagadas, continuam ressoando em nossas mentes, rasgando nossas almas.

– Se eu não sei nada, então, por que não me explica? Vai me dizer que eu estava delirando? Eu sei muito bem o que escutei. Você pode tentar o quanto quiser dizer para Marissa que eu estou maluco. Eu sei a verdade.

A discussão dos dois duraria horas, se não fosse pelo som de uma arma sendo disparada que eles escutaram.

– Marissa? – gritou Daniel.

Laurence se aproximou dele e segurou a boca dele, pedindo para que ele se calasse.

Eu deveria ter instalado o maldito sistema de segurança! Perdi a conta de quantas vezes aguentei os pais de Marissa dizendo que era um bom investimento, para quem morava no meio do mato. Ele nunca imaginou que chegaria o dia em que sua casa fosse invadida.

Daniel queria ir em frente, mas deixou Laurence que parecia muito mais experiente e sabia como agir nessas situações. *Marissa, Marissa...* O nome da mulher ecoava na cabeça dele e ele jamais se perdoaria se a perdesse. Ela era a sua fonte de estabilidade diante do caos que era o seu passado, suas memórias e seu subconsciente. Ele não sobreviveria sem ela – não por uma ideia romântica de que fossem almas gêmeas, ou qualquer droga assim... Daniel e Marissa sempre foram realistas, e aquilo era o que mantinha vivo o relacionamento deles. Ele morreria, porque era ela quem o resgatava do pântano, dos fantasmas e da loucura. Marissa era

o sol da vida dele, e também a lua, enquanto Daniel Luckman era uma sombra, e precisava daquela contradição para existir.

Aquela casa já estava dando nos nervos de Daniel. Descer as escadas era um tormento. Ele tentou respirar com calma, ter um ataque de pânico só pioraria a situação. Laurence estava firme e pronto para dar conta de quem estivesse tirando a paz daqueles três.

Quando Laurence chegou até o último degrau, ele viu uma mancha enorme no tapete. Daniel sentiu vontade de vomitar. Se Marissa tivesse perdido tudo aquilo de sangue, ela estaria mais próxima da morte do que ele já estivera.

Laurence se abaixou e colocou dois dedos no tapete. Daniel viu um sorriso de alívio tomar conta do rosto de Laurence, quando ele disse:

– É vinho. Alguém está tentando nos sacanear.

Brincadeira ou não, aquilo era assustador demais, a possibilidade de que Marissa estivesse nas mãos de um assassino sádico, cheio de jogos psicológicos. Daniel viu um papel escrito numa tinta que lembrava sangue: *“Faça exatamente o que eu pedir ou você morrerá antes de ver o demônio do pôr-do-sol novamente”*.

– Laurence, veja isto. Essa frase é do seu livro O Sol Escarlate. Quem está fazendo isso, não está aqui por acaso. É alguém que conhece seus romances – disse Daniel, observando o colega para ver se arrancava alguma reação dele, mas Laurence Loud parecia tão surpreso quanto ele.

– Se a pessoa está seguindo a história do livro é provável que eles estejam no quarto.

Tirando coragem das entranhas, Daniel caminhou até o próprio quarto, sem esperar Laurence. Era a vida de Marissa em perigo. O sangue dela jamais sairia das mãos dele, se ele não fizesse o possível para ajudá-la. A mulher era importante. Só agora ele tinha dado conta de que nada adiantaria escrever dezenas de livros, sem ela ao seu lado. Mais do que sua leitora número um, ela era a musa dele, não a da inspiração, pois ele tirava aquele terror todo da

própria alma enlameada – ela o inspirava a continuar lutando pela vida, a não desistir, mesmo que seus demônios fossem grandes demais.

Quando ele olhou a pessoa mascarada apontando uma arma para a cabeça de Marissa, Daniel congelou, foi como se toda sua ousadia tivesse se metamorfoseado em uma mosca minúscula e frágil, tão inútil, que até mesmo Kafka sentiria dó dele.

– Pare onde você está, ou eu atiro!

– O que você quer? Por que está fazendo isso? – perguntou Laurence, vendo que Daniel estava perdido em outra dimensão.

– Você sabe o que eu quero. O livro. Agora – respondeu com um efeito de voz eletrônica.

– Livro? – Daniel não entendia o que escutava. Que merda de livro aquela pessoa poderia querer tanto assim a ponto de fazer sua esposa de refém?

– Laurence Loud, você não pode escapar. Não desta vez. Entregue o manuscrito ou vou atirar nela, e em seguida em vocês dois.

– Laurence, por favor, faça o que ele está pedindo – disse Daniel, trêmulo.

– Eu não posso dar o nosso romance, porque ele ainda não está pronto. Será que você não entende? – Laurence piscou discretamente para Daniel, como se soubesse o que fazia.

– Como não está pronto? Vocês estão brincando comigo. O romance ou eu vou explodir a cabeça dela.

– Eu posso te entregar o que escrevemos até agora, mas Laurence está certo, o romance ainda não tem um final.

A pessoa mascarada ficou confusa. Era como se os escritores estivessem com uma arma na cabeça dela.

– Não. Você fica. A casa é sua e eu não vou deixar você estragar as coisas. Laurence vai

me trazer o manuscrito.

O escritor veterano assentiu e desapareceu, tão rápido que em questão de segundos era como se ele fosse um espírito que tivesse feito a passagem. Os pensamentos pulavam desordenados na mente de Daniel. Ele estava nervoso e não sabia o que fazer. Ele queria ser forte o suficiente. Precisava salvar Marissa.

– Ele está demorando...

Ele olhava para Marissa e a via calma. Não sabia se aquilo era um bom sinal ou se a pessoa a havia dopado. Ela estava parada demais. Nenhuma pessoa naquela situação estaria tão tranquila. Por um segundo, os demônios que habitavam a mente dele sussurraram no ouvido de Daniel que sua mulher estava envolvida. Até Laurence Loud retornar ao quarto, trazendo a papelada nas mãos, e as vozes se calarem.

– Aqui está o que nós escrevemos. Agora, por favor, nos deixe em paz. Eu estou pedindo...

– Coloque aqui na cama e se afaste! – gritou, desta vez, não havia nenhuma voz digital, era uma mulher sob a máscara, embora pelas roupas não desse para perceber.

Com uma mão ela continuou apontando a arma para Marissa e com a outra começou a ler. Ela folheava com dificuldade o material.

– Isto não está certo. Quem diabos é L. e D.? Vocês estão de brincadeira comigo. Isso daqui não é um romance de terror. Parece um estúpido diário.

Daniel e Laurence trocaram um olhar. Não havia muito a dizer. A verdade era que a primeira parte do romance era toda referenciada na vida deles, sem muitas cenas de ação, violência ou terror.

– Se vocês não me levarem a sério, eu vou matá-la. A arma não é de brinquedo, se é o que estão pensando.

A moça mascarada apontou a arma para Daniel, e ele engoliu em seco, se imaginando a sete palmos da terra, tendo o seu cadáver devorado por larvas. Então, se a situação já não parecia desesperadora o suficiente, Laurence teve uma crise de risada. Daniel arregalou os olhos e se controlou para não gritar “que merda você está fazendo?”.

– Laurence Loud, talvez você devesse provar seu próprio sangue, para ver que a vida real não é como seus livros, em que você tem controle sobre todos os personagens.

Novamente, uma risada de escárnio. Era como se Laurence estivesse possuído por alguma entidade, um demônio que se divertia com a sensação de estar tão perto da morte.

A mulher mascarada tremeu de raiva, apontou a arma na direção de Laurence e, sem pensar duas vezes, atirou.

Um grito de dor ecoou pelo quarto. Marissa que parecia enfraquecida, tentou gritar, mas seu corpo virou na cama.

– Merda, Laurence! Você me obrigou a fazer isso. Você sabe que eu te amo e que admiro tudo o que você já escreveu até hoje...

Laurence segurava a perna sangrando. A bala havia passado de raspão, mas ele fingia sentir mais dor do que realmente estava – era um ótimo escritor, péssimo ator, mas precisava tentar.

Daniel viu Marissa apagada na cama, a arma apontada na direção dele e Laurence machucado. Se ele estivesse dentro de um filme poderia bancar o super-herói e fazer alguma coisa, no entanto, na vida real, não era assim que as coisas aconteciam. A mulher mascarada puxou o gatilho. *Eu estou perdido.*

– Por favor, não... – choramingou Daniel. Não se importava de se humilhar para salvar a própria vida. Aquilo estava além dos limites que ele podia suportar. Não sabia como ainda não havia tido uma de suas crises.

– Tarde demais! Eu vou terminar o que comecei...

Antes que ela explicasse alguma coisa, Daniel ouviu o barulho de um tiro e fechou os olhos. Ele colocou a mão no peito para sentir o sangue molhando suas mãos. *Talvez morrer não fosse tão doloroso assim... A vida e sua ironia. Tentei me matar há poucos dias, agora estou com medo de morrer.*

O grito agudo e feminino de dor fez Daniel abrir os olhos, desesperado, e ver se Marissa estava bem. Ele não estava machucado, era só mais uma peça que sua mente lhe pregava. Sentiu-se aliviado por um momento.

– Ela está morta? – gaguejou Daniel.

– Ainda não, mas a bala atingiu um ponto vital. Ela perdeu muito sangue e pode morrer a qualquer instante.

– Quem era ela? O que ela queria? – Daniel não acreditava nas perguntas idiotas que fazia, mas precisava entender.

– Alex.

– Eu sabia que vocês estavam juntos. Laurence, eu quero você fora da minha casa assim que a polícia chegar.

– Daniel? Laurence? – Marissa despertou. – Oh, Laurence... Você a matou... Que mulher perturbada. Ela me contou tudo sobre como te seguia durante anos e pegaria o seu manuscrito, não importava se tivesse que matar você e Daniel por isso.

– É verdade... Eu não contei antes porque não queria preocupá-los, mas quando vi Alexandra aqui pela primeira vez, eu já sabia quem era ela. Eu esperava que ela se tocasse e partisse, porém ela era insistente. Ela queria nosso romance.

– Então, você não estava envolvido com ela... – Daniel estava tão exausto, que não compreendia.

– Deixe de ser bobo, Daniel. Alex conversou comigo. Ela disse o quanto era obcecada por Laurence e já tinha lido todos os livros dele, mais de dez vezes, cada um. Alex não gostou nem um pouco quando soube que vocês trabalhariam juntos. Ela não aceitava que Laurence Loud escrevesse com um autor iniciante. Seja mais grato! Se não fosse por Laurence, estaríamos mortos.

Marissa abraçou Laurence, cheia de gratidão. Em seguida, Daniel agradeceu, meio sem jeito de tê-lo acusado. Laurence parecia abatido.

– Deixe que eu ligo para as autoridades... – pediu Laurence Loud. – O pesadelo acabou.

Capítulo 19

Quinze dias após o ocorrido com Alex, Daniel ainda se sentia incomodado, porém não deixou aquilo atrapalhar sua escrita. Faltavam duas semanas para o prazo final da entrega do manuscrito completo do romance. Ele e Laurence escreveram durante horas e evitaram ao máximo tocar no assunto espinhoso, ninguém queria estragar o clima de gratidão.

Mesmo que algumas peças estivessem faltando, o jovem escritor sentiu-se feliz por Marissa estar sã e salva. Daniel jamais dormiria em paz, com a possibilidade de Alex retornar a qualquer minuto. Agora, no entanto, ela estava morta, e a menos que um necromante a trouxesse de volta à vida, como um daqueles que costumavam dar às caras nos livros de Laurence Loud, ele não corria perigo.

Marissa estava quieta, o que era uma surpresa para os dois homens. Ela serviu o café da manhã. Depois de comerem, a mulher pediu licença a Laurence e disse que precisava conversar com Daniel. O escritor veterano foi direto ao escritório, o local que ele mais frequentava da casa.

Ela colocou as mãos dentro dos bolsos e Daniel viu a tristeza nos olhos dela – eles costumavam brilhar como esmeraldas, e naquele dia lembrava mais um lodo esverdeado. Marissa balançou os cachos do cabelo, tentando fisgar as palavras no lago cinzento que havia se transformado sua mente. Aquela foi a primeira vez que Daniel viu a mulher tão sem vida, como se ela estivesse desvanecendo.

– Meu amor, o que você queria me dizer? O incidente com Alex te fez mal...

– Daniel, eu vou falar rápido, antes que eu perca a coragem. Vou passar alguns dias com

meus pais, até que vocês terminem esse maldito romance. Tudo começou a desandar desde o dia em que Laurence pisou aqui. Só quero que nossa vida volte a ser como era...

– Eu não mudei. Ainda sou o mesmo.

– Quando foi a última vez que nós fizemos amor? – perguntou ela, cruzando os braços e dando um olhar sério para ele. – É isto. Você não se lembra. Sabe o quanto isto é triste? Estamos parecendo aqueles casais desgastados, que mal se tocam e conversam coisas sem sentido, para terem assunto. E seus sonhos, Daniel, Deus que me perdoe, eu sempre te apoiei, mas você precisa fazer algo, procurar ajuda. Nos últimos dias, você tem acordado gritando na madrugada. Você me assusta e eu acabo perdendo o sono também. Espero que entenda.

– Claro... – foi a única coisa que ele pensou em falar. Daniel sabia que para Marissa ter falado tudo aquilo era porque ela havia chegado ao limite. A mulher sempre ficava ao lado dele, mesmo quando ele se comportava como uma criança malcriada. Não havia sentido em criar uma discussão. Ela estava certa. Ele estava arruinando o casamento por causa de um livro, que ele nem mesmo sabia se venderia o suficiente para comprar o café que bebia diariamente. Laurence e ele precisavam terminar logo o romance.

– Não vai dizer mais nada? É isso? Sua esposa está saindo de casa e tudo o que você diz é “claro”. Daniel, você é a merda de um escritor. Não vai ser difícil achar as palavras certas.

– O que eu quis dizer, Marissa... – falou Daniel, tentando consertar as coisas antes que fosse tarde demais – É que eu entendo que você precise do seu tempo. Eu também não processei o que aconteceu. Tudo aquilo com Alex foi intenso demais.

– Você não entende, né? Eu não estou falando só daquela maluca. Você não percebe que o nosso casamento está desmoronando? Não se trata de Alex, de Laurence ou do seu livro, mas de quem costumávamos ser quando estávamos juntos. Eu sempre tentei entender o seu jeito caladão, viciado em livros e escrita. Eu quero ser mais do que uma sombra sua! Eu não quero ser vista como a mulher de Daniel Luckman. Eu sou Marissa!

– Você foi, é e sempre será minha Marissa. Lamento que se sinta assim. Eu prometo que as coisas vão melhorar, só, por favor, não desista de nós. O livro está quase no final. Pode ir em paz, mas não se esqueça que este é o seu lar e que eu te amo. Laurence e eu vamos nos virar.

Então, Marissa subiu e desceu as escadas com a mala, numa velocidade surpreendente e se despediu brevemente de Laurence. Daniel e ele trocaram um olhar, como se depois conversariam. Ambos foram até o lado de fora da casa, observando Marissa desaparecer.

Os dois estavam sozinhos. Daniel sentiu um arrepio. Não sabia como as coisas seriam longe da mulher, ela era como um talismã para ele, sempre dando boa sorte. Agora ele e Laurence não teriam mais distrações e poderiam terminar o trabalho em menos tempo.

Mais solidão criativa, menos estabilidade emocional. Daniel Luckman não sabia quanto tempo demoraria a manifestar os sintomas de que sua mente não estava sadia. Ele considerava uma benção conseguir escrever livros tão bem – quando ele se perdia, velejando cada vez mais em direção às águas escuras das quais ele tirou inspiração para escrever Lágrimas Negras. Uma vez que atravessasse a linha que separava os dois mundos que existiam dentro dele, Daniel sabia que não teria volta. Precisava se agarrar o máximo que pudesse à presença de Laurence Loud ou ficaria tão louco quanto os personagens do colega.

– Laurence, há algo que precisamos conversar.

Daniel pensou que seria difícil contar o que estava acontecendo, porém se surpreendeu. Quando percebeu que Laurence concordou, ficou aliviado. Não era como se ele tivesse medo de machucar os sentimentos do colega, só não queria criar antipatia.

– Prometo que em uma semana, terminaremos o livro e ainda teremos alguns dias para revisar o material.

– Obrigado... Não quis te apressar...

– Você não precisa se explicar, jovem. Já tive a sua idade e já fui casado, mais de duas

vezes, se lembra? Sei como as mulheres são. Também posso dizer o quanto deve ser difícil se relacionar com um escritor. Estamos sempre obcecados pelos nossos personagens, pela escrita.

Cansado de olhar para o nada e conversar como dois desocupados, Daniel convidou Laurence para o escritório.

Aquele dia foi um dos mais produtivos de todos os encontros dos escritores. Daniel e Laurence escreviam como se estivessem no modo automático. Nem mesmo faziam pausas para o banheiro ou água. A dor na coluna, o esgotamento mental e a sensação de que não restava uma gota de energia em seus corpos só valeram a pena, porque naquele dia, cada um escreveu dois capítulos.

– Se nós seguirmos neste ritmo, vamos terminar mais rápido do que eu imaginava... – confessou Laurence, com um sorriso cansado no rosto.

– Nossa... Não me lembrava de quando foi a última vez que fiz isso.

– Vamos comer algo e depois dormir. Precisamos acordar cedo para continuar o serviço.

Bastou Daniel assentir com a cabeça. Ele estava exausto, nem mesmo pensou em fazer alguma piada.

Capítulo 20

Daniel acordou com o som de uma risada. Ele odiava perder o sono na madrugada. Algo naquele horário o inquietava, como se existisse um portal pelo qual todos seus fantasmas atravessassem à vontade. Sem Marissa por perto, ele sentia que a situação era pior do que parecia. Com a mulher ao seu lado, ele via que tudo aquilo não se passava de ilusão.

Ele calçou as pantufas. A ideia de que criaturas peludas pudessem avançar sobre os pés dele o aterrorizava tanto quanto a presença de espíritos. Daniel Luckman odiava o próprio nome naqueles instantes, pois se sentia não cheio de sorte – mas alguém amaldiçoado o suficiente para lidar com os truques da mente, sem saber distinguir o que era real ou não.

– Laurence? – sussurrou ele, tentando localizar o colega.

Foi como se a cena da madrugada em que ele havia flagrado Laurence e Alex conversando se repetisse. *Não, não é possível... Alex está morta. Isso tudo deve ser um estúpido pesadelo.* O homem desejou acordar e nada acontecia.

Parado em frente à porta dos hóspedes, através da pequena fresta, Daniel viu Laurence gritando fora de controle. O escritor estava tão vermelho, que por um segundo, Daniel imaginou o outro explodindo e um incêndio se espalhando pela casa.

– Você não entende. Eu tive que fazer isso. Nós tínhamos um acordo e você não o obedeceu.

Daniel estava prestes a entrar no quarto e tentar conversar com Laurence – que parecia sonhar acordado –, quando ele escutou uma voz de mulher. Um arrepio fez ele se conter, enquanto tentava entender como aquilo era possível.

– Laurence Loud, eu juro pelos deuses da vingança, que se você não fizer a sua parte no trato, você será punido.

- Eu vou. Eu prometo. Só preciso de mais alguns dias e o manuscrito estará finalizado.
- Não só o manuscrito, assim espero... – respondeu Alex, em tom ácido.
- Agora, você precisa desaparecer. Tenho que acordar cedo.

Alex desvaneceu lentamente, até que não restasse nenhum vestígio dela no quarto de hóspedes, somente o cheiro de seu perfume. Daniel tremia e se esforçou para sair dali, sem atrair a atenção de Laurence. Faltava tão pouco para a conclusão do romance. Mesmo sem confiar no caráter do colega, ele imaginava os louros que colheria. Aquela era a sua única chance de alavancar a carreira e depois não precisaria nunca mais fazer parcerias com outros escritores, conquistaria sua independência. Já podia até mesmo se imaginar mudando de casa com Marissa. De repente, a ideia de ter um filho não parecia tão maluca assim.

Quando Daniel se afastou o suficiente, ele ouviu o barulho da porta dos hóspedes se fechando. Laurence Loud não era bobo e sabia que ele estivera ali.

Ele foi até a cozinha, precisava de um copo d'água e um tranquilizante ou jamais conseguiria dormir. Enquanto andava, Daniel tinha a sensação de que estava sendo observado. Ele olhava de um lado para o outro e tentava se forçar a não demonstrar medo, sabia que aquele era o alimento favorito dos demônios.

Por favor, Deus, que Marissa esteja bem. Daniel não sabia de onde vinha aquela oração, ele que era ateu há anos. Quando pedia pela proteção da esposa, na verdade, era como se pedisse para si mesmo. Embora não tivesse fé numa força superior que o orientasse, ele sabia de uma coisa que não podia negar: os fantasmas, monstros e demônios eram reais e habitavam não só o interior de seu subconsciente, como ganhavam formas próprias no mundo exterior e ficavam fora de controle.

Ele enchia o copo de água gelada, quando sentiu uma presença. Era o mesmo que acontecia quando era adolescente, e acordava gritando na madrugada. Os pais sempre o socorriam e diziam que era um pesadelo, então, tudo se acalmava. Agora, ele não tinha

ninguém para convencê-lo de que aquilo não existia, de que era sua imaginação.

Daniel se negou a olhar para trás. Preferia contar mentiras para si mesmo, implorando para que as criaturas o deixassem em paz. *Se eu ignorá-las, tudo vai voltar ao normal.* A vida toda Daniel Luckman nunca soube o que era ser como as outras pessoas, talvez por isso ele tenha escolhido se tornar escritor – uma maneira de não parecer tão estranho e usar sua criatividade para algo que não só o ajudaria a sobreviver financeiramente, mas de resgatar a própria alma dos vales sombrios e entender melhor a si mesmo.

– Laurence? – atreveu-se a perguntar desta vez. Preferia mil vezes ter que lidar com a loucura do colega a enfrentar algum ser do outro mundo tentando se comunicar com ele. Assim que escreveu Lágrimas Negras, os pesadelos e os pensamentos obsessivos com a morte desapareceram por uns meses – como se o livro publicado selasse um acordo, para que o escritor não fosse mais perturbado. *Deve estar acontecendo o mesmo. É isso... O maldito romance. Eles só vão me deixar em paz assim que ele for publicado.* O que ele não entendia era a relação de Laurence com tudo aquilo. Por um minuto, Daniel pensou se o colega também escrevia livros para não enlouquecer e morrer.

Uma batida na porta. Daniel foi até a sala e tentou enxergar pelo olho de vidro, porém não havia ninguém do lado de fora. Era como uma brincadeira de esconde-esconde. O sangue congelava em suas veias.

– O que você quer de mim? – gritou Daniel.

Uma sombra correu pela casa. Uma criança? Os olhos de Daniel se arregalaram. Estava perdido. Ele não queria mais nada daquilo. Ninguém acreditava no poder paralisante do medo, até senti-lo. As lágrimas escorriam dos olhos vermelhos do escritor, e seu coração acelerado era o único sinal de vida. Por fora, era como se Daniel tivesse se transformado numa estátua. Ele tentava mexer os braços, as pernas, a cabeça, não adiantava, era como uma rocha pesada.

Então, Daniel escutou uma risada vindo da sombra. A imagem de uma criança se formou em sua frente. O garotinho tinha os cabelos ruivos, olheiras escuras de quem não dormia há

dias – aquele contraste entre a alegria juvenil e as trevas era o que mais o tornava incomum.

– O que foi? Parece que você viu um fantasma... – disse o garotinho, cutucando a barriga de Daniel, que sentiu o dedo frio como um iceberg.

O que Daniel podia fazer? Ele não conseguia falar ou se mexer. *Deve ser assim quando chega a hora de morrer. Tentar escapar daquilo que está a nossa frente e não há nada que possamos fazer.* A imagem de Marissa brilhou em sua mente, mas nem mesmo a iluminação da esposa era suficiente para enfrentar aquele mal.

Quando estava prestes a se render, a luz da sala se acendeu.

– Daniel... Você está tendo uma daquelas crises?

– Lauren... – Foi o máximo que Daniel conseguiu falar. Quando ele olhou para o colega, o menininho desapareceu.

– Vamos, eu te ajudo a subir as escadas.

– Garoto... – gaguejou Daniel, como se fosse desmontar a qualquer segundo.

Laurence escutou a risada do menino, e assim como Daniel, ele se arrepiou todo. Ele e Daniel deveriam estar dormindo, não acordados naquela hora na qual o impossível era possível e as regras fugiam aos seus controles.

– Você precisa me ajudar, Daniel. Temos que voltar para nossos quartos.

– Alex... Você... – sussurrou Daniel, numa tentativa de explicar o que escutara.

– Nada é o que parece. Você não entenderia. Nem mesmo eu consigo.

Quando Daniel e Laurence estavam próximos da escada, uma pedra quebrou a janela com força e quase os atingiu. A risada do garotinho era tão alta, que não era possível ignorá-la.

Com muito esforço, Laurence carregou o colega até o quarto dele. O escritor veterano

ficou sentado no canto da cama, aguardando-o dormir. Aquilo era demais, até mesmo para Laurence Loud que preferia o terror nas páginas dos seus livros, porém gostava daquelas criaturas sobrenaturais bem longe dele no mundo real.

Capítulo 21

A calmaria tomou conta da casa no outro dia. Daniel sentia como se tivesse acabado de acordar de um sonho. Nada daquilo poderia ser real. Por mais que fantasmas pudessem existir, eles não seriam capazes de quebrar a janela. Desceu as escadas, todo descabelado, sem lavar o rosto.

Quando ele foi até a janela, viu que ela estava intacta. No mesmo instante, Laurence surgiu na sala, como se o estivesse esperando e disse:

- Pronto para mais uma maratona de escrita?
- Pensei que poderíamos correr um pouco, antes de escrever. É uma ajuda bem-vinda.

Laurence concordou com a cabeça e seguiu Daniel até a cozinha. Marissa havia comprado pães, frios, leite e café suficiente para o tempo que ela ficaria fora. Daniel preparou um sanduíche para ele e outro para Laurence, afinal, o colega era o seu convidado. Enquanto comia, o dono da casa esquentava a água para o café. Estava bem lento. A corrida o faria bem, ajudaria a despertar cada célula do seu corpo.

- Sem açúcar, por favor – pediu Laurence.

Daniel se serviu e colocou bastante açúcar no dele.

- Quando eu tinha sua idade, eu também tomava café assim, até os médicos me proibirem. Aproveite enquanto é jovem. A cada ano tenho que me privar de mais coisas que eu gostava.

A mente do jovem escritor ainda estava adormecida para que pudesse responder qualquer coisa inteligível. Ele se limitou a assentir. Ficaram sentados frente a frente, com suas canecas fumegantes. Sem Marissa, o elemento responsável por manter o equilíbrio do ambiente, os dois só abriam a boca para dizer algo sobre o livro. O silêncio, no entanto, não era o mesmo em suas mentes, onde os pensamentos se movimentavam numa velocidade assombrosa. Faltavam poucos capítulos para o último ponto final do romance.

– Você me espera? Preciso tomar um banho rápido. Ainda estou morrendo de sono – perguntou Daniel, se esforçando para não revelar o seu mau humor.

– Você ficará bravo, se eu não for? Não acordei disposto. – Laurence bocejou.

– Se quiser, podemos começar a escrever agora.

– Não. Faça o que você sempre faz. Não quero atrapalhar o seu processo criativo.

– Quer um livro emprestado?

– Pensei em reler Lágrimas Negras, para ver se interpreto melhor o seu estilo e ajudar nosso romance.

Daniel saiu da cozinha e foi direto para o quarto. Precisava arrancar aquela roupa. O ritual do banho era tão importante quanto qualquer outro. Enquanto ele não limpasse o corpo, sentiria a alma pesada. Ele estava só de cueca, se olhando no espelho. A última vez que Daniel ficou tão magro assim foi quando morava sozinho e mal tinha dinheiro para pagar o próprio aluguel. Era possível ver os ossos saltados, a barriga sem gordura, o peito afundado, os braços e pernas frágeis. Ele se perguntava se morrer não era ficar daquele jeito e se aquilo significava alguma coisa. Antes de juntar coragem para ir até o chuveiro, ele reparou o próprio rosto.

– Quem é você? O que você fez a Daniel Luckman? – perguntou-se, na esperança de que alguém pudesse respondê-lo.

Queria que Marissa estivesse ali para dizê-lo que estava exagerando, mas aquilo era

impossível. Daniel se sentia destruído de dentro para fora. Era quando escrevia que se curava. Porém, o processo era intenso demais, e se ele não tivesse autocontrole para saber quando parar, o seu remédio se transformava na sua pior droga. *Viciado em livros. As pessoas alertavam sobre os perigos do cigarro, da cocaína, da maconha, do álcool, mas ninguém te parava na rua e perguntava se você era um escritor obcecado pela escrita.*

Cansado de sentir pena dele mesmo, Daniel abriu o chuveiro. Ele não suportava tomar banho na água gelada, mas naquele dia precisava daquilo. Algo na presença de Laurence exigia que o jovem escritor estivesse desperto o suficiente para ler as entrelinhas da vida. *Se Laurence fosse um personagem, o que ele faria? É isso... Meu Deus, a resposta estava comigo o tempo inteiro e eu não queria enxergá-la.* Laurence já era um personagem, L., como Daniel estava sendo burro o suficiente para não querer notar aquilo. L. o daria as respostas que ele buscava e explicaria qual era sua relação com A., seria não só o final perfeito para o romance, como também o mais próximo que conheceria de Laurence Loud no mundo real.

Tomou o banho mais rápido o possível. Ele precisava colocar as ideias no papel, conversar com os personagens, antes que a musa fosse embora e o bloqueio voltasse. Daniel sabia que Laurence ficaria desconfiado dele, se o jovem escritor desistisse de correr de uma hora para outra.

Laurence estava sentado no sofá, lendo Lágrimas Negras. Há alguns meses, aquela seria uma visão que encheria Daniel de alegria, porém naquele dia, ele sentia algo estranho naquela intenção. Era como se Laurence estudasse Daniel.

– Boa corrida! – O comentário de Laurence provou um arrepio em Daniel.

– Obrigado! Boa leitura.

Era como se Laurence sempre estivesse um passo à frente de Daniel. Ele fechou a porta e antes de iniciar sua corrida, caminhou pelo campo para se aquecer. Uma dor no corpo era algo que ele não precisava. Embora o ritmo de Daniel ainda estivesse lento, os pensamentos estavam a mil em sua cabeça, tão agitados que era difícil ignorá-los. Ele podia se ouvir

dizendo: *Chega! Não aguento mais...*, porém se ele quisesse realmente descobrir quais eram as intenções de Laurence Loud, precisava conectar as ideias, até que fizessem sentido.

Cinco minutos depois de andar, Daniel se sentiu confortável para correr. *E se eu correr no sentido anti-horário?* Ele sabia que uma ótima forma de desbloquear a mente era fugindo do lugar-comum, precisava fazer algo diferente. Passou novamente pela casa e resistiu ao impulso de olhar pela janela e ver o que Laurence fazia. Sabia que pareceria suspeito. Não queria deixar o colega sentir que as coisas estavam diferentes entre os dois. *A melhor maneira de fazê-lo se revelar é deixando-o pensar que nada mudou*, embora tudo tivesse mudado. A cada dia que passava a admiração que ele nutria por Laurence enfraquecia.

Ele estava tão preso em seu mundo mental, que mal prestava atenção por onde andava. Daniel passou por algumas árvores grandes. As folhas amareladas caídas no chão davam um toque de outono ao lugar. Quando o jovem escritor jurou ter visto umas manchas vermelhas numa árvore, ele parou de correr. Foi como se o seu corpo tivesse levado uma descarga elétrica e o paralisado. A primeira pergunta que passou pela cabeça dele era a de quem era aquele sangue. Ele passou a mão pelo tronco e viu que estava seco, porém pela coloração, ele sabia que era recente. Ou seria sua imaginação o confundindo? Daniel respirou fundo. Sempre que sentia medo assim, era quando os seus fantasmas se aproximavam. E se fosse para terminar o maldito romance e se livrar de uma vez por todas de Laurence Loud, mantendo-o longe dele e de Marissa, Daniel precisava ter energia para jogar conforme as regras.

Precisava sair dali o mais rápido possível. Tirando forças de um lugar escuro da mente, Daniel se controlou para não gritar, quando tropeçou. *Isso não é real... Não pode ser...* Os lábios tremiam, os olhos arregalaram. Os passos eram pesados, como se fosse desmoronar a qualquer segundo. Ele segurou um par de tênis branco e rosa, com gotas de sangue. Um raio de pensamento o atingiu. *Marissa?*

– Aquele desgraçado... Se ele machucou Marissa... Eu juro que vou matá-lo com minhas próprias mãos – bufou Daniel.

A corrida dele estava arruinada. Daniel não tinha mais autocontrole para continuar

correndo. Não, o medo e a raiva se misturavam em seu interior, produzindo um combustível que o incapacitava de agir normalmente. Quando se tratava de Marissa, o seu bem mais precioso, Daniel jamais se perdoaria se Laurence tivesse feito mal a ela. Era tudo culpa dele. Ele havia convidado o próprio demônio para visitar sua casa – não só havia aberto a porta, como emprestado um quarto, uma cama e dividido a própria comida. Aquilo parecia errado em tantas maneiras.

Andava em direção a casa, como se estivesse indo para uma guerra. A única coisa que ele não imaginava desde o início, era que o seu único amigo seria o seu pior inimigo. A dificuldade que sentia para andar era tamanha, que ele queria ir para qualquer lugar, menos para o próprio lar. Ele estava preparando o que diria para Laurence. Queria colocar o outro na parede e arrancar dele o que ele havia feito a Marissa.

Quando Daniel entrou na casa, Laurence segurou o telefone e logo se adiantou:

– Só um minuto. Sim, ele acabou de chegar... – Laurence entregou o aparelho para Daniel que ainda tentava entender aquilo tudo. – É Marissa.

Ao segurar o telefone, Marissa não imaginava o quanto ouvir sua voz havia feito bem para Daniel. Por um minuto, ele esqueceu a história do tênis, e tudo o que ele queria era saber como a esposa estava.

– Meu amor, que saudade de você! Quando você volta?

– Você sabe... Assim que concluírem o livro. Falta muito? Laurence me disse que vocês estão nos capítulos finais, com sorte, em mais dois dias, vocês terminam.

– É verdade! Estamos aproveitando o silêncio para escrever bastante. – Daniel olhou para Laurence, desejando que ele fosse para longe e pudesse conversar em paz com a mulher. O outro se afastou, como se tivesse lido sua mente. Daniel sabia que o colega poderia estar por perto, escutando tudo e não falou nada suspeito para a mulher.

– Você está bem? Parece abatido. Daniel, espero que você não pense mal de mim. Eu só

não podia mais suportar as coisas como estavam. Você tem dormido bem?

– Claro... Com você aqui, eu dormiria melhor. Não importa. São só alguns dias. – Daniel se lembrava da visão de Laurence e Alex conversando. Precisava de Marissa ali, para dizê-lo o que era real ou imaginação.

– Pobrezinho. Estou aproveitando o tempo para matar a saudade das minhas amigas. Mamãe e eu quase brigamos ontem. Ela queria comprar roupas e mais roupas. Eu precisei dizê-la que eu não precisava de tantas coisas assim, não era como se no meio do nada tivesse algum restaurante ou bar onde você e eu pudéssemos ir. – A maneira que Marissa disse *meio do nada*, fez Daniel perceber que quando ela voltasse, os dois precisariam ter *aquela conversa*. Só agora ele percebia o quanto a mulher estava infeliz. No início ela parecia feliz, agora... Só de ela ter saído de casa, ele não precisava perguntar.

– Espero que você se divirta e volte para casa renovada! Estarei te esperando, bom, se eu não morrer antes de terminar esse livro.

– Que coisa terrível de se dizer, Daniel. Se você não estiver se sentindo bem, pode me contar. Não quero que me esconda nada. – *Tarde demais!* – Pedi para que Laurence cuidasse de você, caso tivesse alguma crise e deixei o número dos meus pais. Ele disse que você não teve problema nos últimos dias. – *É claro que ele disse isso...*

– Tudo está sob controle!

– Fico aliviada. Querido, preciso ir. Mais tarde vou conhecer uma cafeteria nova. Lembra quando adorávamos tomar café, enquanto você escrevia e eu ficava lendo? Estou indo! Te amo!

– Eu também te amo! – respondeu Daniel, mas Marissa já havia desligado.

Ele pensou em quanto tempo mais a mulher aguentaria continuar vivendo ali. *Assim que o novo romance for publicado e se for um sucesso de vendas, poderemos morar na cidade. Uma casa no campo pode ser ótima para um escritor solitário, mas péssimo para uma família.*

Quando se deu conta, imaginou-se com um filho. Ele não sabia o que estava acontecendo, não sabia se era o medo de morrer e não deixar nada para trás. Um filho, por mais que a ideia fosse assustadora no início para ele que nunca se sentiu amado pelos pais, de repente, parecia o certo a se fazer. Era o que Marissa queria. Daniel não podia se tornar um daqueles escritores egocêntricos que não se importavam com nada que não fosse relacionado à literatura.

– Você está bem, Daniel? Estava pálido quando voltou da corrida.

– Obrigado por perguntar. Estou sim. Só preciso tomar um banho, comer alguma coisa e estarei pronto para escrever.

– Ótimo! Se estiver passando mal, me avisa. Prometi a sua mulher que cuidaria de você.

É claro que você prometeu.

Capítulo 22

Laurence tirava uma soneca, quando Daniel foi até a sala. Era uma daquelas coisas que ele fazia sem saber, só precisava. A luz do sol atravessava a janela. O vidro não era o mesmo. Por mais confusa que fosse sua mente, ele sentia que aquela não era a mesma vidraça de sua casa.

Daniel se sentou no sofá e ficou tentando imaginar quem realmente era Laurence Loud e o que ele queria. Ele recordou de como o colega estava lendo Lágrimas Negras mais cedo. *A resposta deve estar em algum dos seus livros.* Ele foi até a estante repleta de livros de diferentes tamanhos, lombadas coloridas e passou os dedos pelas obras de terror escritas por Laurence Loud. Precisava ir a fundo. Não teria tempo suficiente para reler todos os romances de L.L., não, ele iria direto ao ponto: *Laurence Loud: Escrita de Sangue – Uma biografia não autorizada*, escrita por Alexandra Craft.

– Como eu não notei antes... Não pode ser! – bufou Daniel, derrubando o volumoso livro no chão.

Ele olhou para os lados para ver se Laurence havia acordado. O ambiente permanecia silencioso, o barulho vinha de dentro do peito dele, o coração que parecia raivoso, o estômago que comprimia, os pulmões que hiperventilavam. Ele fez um esforço para manter a calma. Suas mãos tremiam ao segurar o livro do chão. Não se sentiria confortável ali. Carregou a biografia embaixo do braço, como se estivesse com um tesouro precioso e secreto, temendo que Laurence surgisse a qualquer instante e o confrontasse.

Ao chegar ao quarto, como se fugisse de uma ameaça invisível, ele girou a chave lentamente. Daniel colocou o livro sobre a cama e começou a ler com calma. Ele abriu uma

gaveta e pegou uma caneta e uma régua, tinha o costume de marcar palavras-chave e trechos. Não podia fazer uma leitura superficial, não era entretenimento o que ele buscava. Se quisesse descobrir a verdade sobre Laurence Loud, precisava ouvir os segredos murmurados nas entrelinhas.

“Laurence Loud é o nome artístico do escritor Lawrence White. Nascido em Nova Iorque, em 1968, ele perdeu os pais quando ainda era jovem. O trauma e a solidão o motivaram a encontrar refúgio, inicialmente, na leitura de livros, depois na escrita”.

As primeiras páginas não mostraram nenhuma informação sobre Laurence Loud que Daniel já não soubesse. Ele precisava de algo concreto. Normalmente, o jovem escritor devoraria várias páginas em poucos minutos, mas ele estava interessado em encontrar algo útil, e por vezes, lia e relia os mesmos parágrafos.

“O início da carreira de Lawrence White não foi fácil. Ele assinava suas histórias com o próprio nome. Seus livros quase não vendiam e não atraíam a atenção de editores nem dos críticos. Depois de sonhar com o próprio sucesso, Lawrence investiu em escrever sobre as memórias e pesadelos que o incomodavam, decidiu mudar o seu nome e passou a abordar somente a temática do terror em suas histórias. Ele investiu em cursos de escrita de ficção, passou a devorar manuais sobre best-sellers e desenvolveu seu próprio estilo. Embora haja algumas ressonâncias em seus livros, como a obsessão pela morte de seus personagens escritores, a confusão entre o real e o imaginário, o sobrenatural e a loucura, cada romance seu é único... Quando seus primeiros livros fizeram sucesso pelo país e pelo mundo, a crítica caracterizou sua escrita como barata, vulgar e imatura... Entre polêmicas sobre a obscuridade e crueldade de seus vilões, e a loucura de seus protagonistas, Laurence Loud foi acusado de ser um pseudônimo de um grupo de escritores que se dedicavam a escrever histórias de terror, devido à diferença da linguagem e recriação entre alguns romances. “É quase como se a cada livro, Laurence Loud incarnasse um escritor diferente. Sim, todos eles têm os mesmos elementos e neuroses do autor, mas tamanha originalidade o tornou alvo de suspeitas a respeito de quem realmente escrevia as histórias ou se ele contratava um ghost

writer, alguém para escrevê-las, algo comum nos dias atuais”, afirmou o agente literário e editor, John K”.

Quanto mais Daniel lia, mais ele ficava impressionado pelos sinais que havia deixado passar. Alex, John K., a ficção e a realidade, tudo estava ali. Ele lutava contra a ideia de se comparar a Laurence Loud. Talvez os dois tivessem problemas com suas famílias, pesadelos e escreviam livros de terror, porém no restante, Daniel Luckman tinha uma vida totalmente diferente. Ele encostou a cabeça no travesseiro e continuou a leitura, até que apagou.

– Daniel? Você precisa acordar...

Quando ele olhou para o lado e viu Alex, Daniel quase desmaiou. A mulher estava pálida, com olheiras roxas e seus cabelos loiros estavam escuros e molhados. A água pingava do corpo. *Isso não é real...* A roupa dela estava toda manchada de lama, como naquela noite chuvosa, quando a viu pela primeira vez. Ela parecia um daqueles mortos-vivos de filmes de baixo orçamento.

– O que você está fazendo aqui? Você está morta...

– Logo você e sua mulher também estarão, se não me escutar. Não tenho muito tempo.

– Marissa... Onde ela está?

– Fica quieto e me escuta. Merda! Tenho poucos minutos, antes que eles venham me buscar... – Daniel teve que se controlar para não rir de nervoso do jeito que ela estava falando, mas ao olhá-la, percebeu que Alex não poderia estar mais séria.

– Eles quem?

– Aqueles que você enxerga em seus sonhos e tiram o seu sono durante a madrugada.

Daniel sentiu um arrepio em suas costas avançar até a nuca. O pânico apertava-lhe a garganta. Desejou não ter escutado nada daquilo e simplesmente acordar. Não queria se meter em assuntos do outro mundo. Queria distância de Laurence e de toda a loucura que ele trouxe

para sua casa, quando tocou os pés lá.

– Foi Laurence quem me matou... Isso você já sabe. O que você não entendeu foi o motivo de eu ter feito o que fiz. Você não é o primeiro nem será o último. Ele precisa ser parado, antes que seja tarde demais. Outros escritores precisam disso para encontrarem a paz.

– Do que você está falando? Não faz sentido!

– Laurence Loud é... – O quarto de Daniel ficou escuro. Mãos seguraram os braços, as pernas e a boca de Alex. Os olhos dela se fecharam e uma lágrima preta escorreu deles. As sombras passaram por Daniel e ele sentiu um medo tão grande que poderia vomitar. Quando as aparições estavam prestes a tocá-lo, ele gritou e se viu de volta à realidade com a biografia sobre Laurence Loud ao seu lado.

Na manhã do dia seguinte, Laurence parecia de bom humor, enquanto Daniel mal conseguia abrir a boca, dominado pelo cansaço.

– Pesadelos, novamente? Talvez você devesse falar sobre eles para mim. Minha analista dizia que isso ajudava. O que acontece de tão assustador em seus sonhos?

Daniel não acreditava que ouvia aquilo. Sua mente era translúcida como a água e Laurence podia enxergar tudo o que acontecia lá dentro? Aquilo o aterrorizou.

– O de sempre. Sombras que tentam me sufocar... Deve ser saudade de Marissa. Não estou acostumado a dormir sozinho.

– Não me dê esse olhar, por mais que você esteja morrendo de vontade, Daniel Luckman, não iremos dormir juntos. – Lá estava ele de novo, Laurence, o engraçadinho. Por trás daquele humor todo se escondia uma imaginação mergulhada em histórias de terror. Daniel tinha que admitir, se Laurence Loud era maluco, ele fingia muito bem.

Eles foram até o escritório para escrever. No início tudo aquilo era muito divertido para

Daniel, agora precisava lutar contra a ideia de ter que se controlar para não demonstrar o quanto a presença de Laurence o deixava desconfortável.

– Sabe, se continuarmos neste ritmo, amanhã o romance estará finalizado e você não precisará me ver tão cedo. Somente no lançamento! – disse Laurence. Daniel não sabia como o outro tinha acesso aos seus pensamentos.

– Não posso negar que os últimos dias têm sido uma loucura, mas também é um prazer trabalhar ao seu lado, Laurence Loud. Confesso, já havia fantasiado essa situação, mas que escritor novato nunca se imaginou trabalhando com o seu ídolo?

– Você se subestima, Daniel! Tenho certeza de que assim que o livro for publicado, outros autores ficarão loucos para escrever um romance com você. Você vai ter que aprender a dizer não durante sua jornada ou jamais desfrutará da solidão. Marissa pode estar sendo bem paciente, mas acredite em mim, logo ela se cansará de tudo isso, se você não der mais atenção para ela.

Daniel queria ser grosso com Laurence, dizer que aquilo não era problema do outro, porém se lembrou de que depois de dois dias não precisaria mais aguentar o ego do colega. Pensou em agradecer, mas pareceria falso demais. Tudo o que ele fez foi se limitar a assentir com a cabeça. *Por trás das boas intenções de Laurence, é como se ele torcesse para que as coisas desandem em minha vida.* Sim, ele admirava a quantidade de livros que Laurence Loud escreveu e publicou e como grande parte deles foi adaptada para o cinema e programas televisivos, no entanto, Daniel não queria ter uma vida pessoal triste como a dele. Se algum dia alguém escrevesse a biografia de Daniel Luckman, ele queria passar uma imagem positiva, para que escritores iniciantes se inspirassem nele, alguém que foi salvo pela literatura.

– Já decidiu como será o meu final? Eu sei como será o seu.

– Pensei em um final revelador, mas só terei certeza mesmo amanhã. Sabe como é, estou deixando a intuição me guiar.

– Interessante! Um dia você vai aprender que é melhor definir o final antes de começar a história, assim você não corre o risco de se perder no corredor escuro. – Daniel nunca sabia se Laurence falava da escrita ou das coisas estranhas que lhe aconteciam.

– É... Tem sido difícil descobrir a verdade sobre L. Seu personagem é tão enigmático quanto você. Estou tentando fazer alguma relação entre ele e A., mas não consigo. Talvez você pudesse me dar uma dica...

– E se A. fosse uma jornalista atrevida? E se ela não soubesse a hora de parar e por isso morreu?

– Fantástico! Adoro personagens sombrios.

– Ou talvez ela seja boazinha. Cabe a você decidir. Enxergar luz ou trevas é uma questão de perspectiva.

– Talvez você tenha razão...

Daniel ficou com aquele pensamento na cabeça, enquanto escrevia os seus capítulos. Naquela fase do processo criativo, Daniel e Laurence não leram o que o outro havia escrito. Era como se houvesse um acordo invisível entre eles, dizendo que no outro dia tudo se revelaria.

Horas e horas de escrita cansavam mais do que o esgotamento físico. Daniel e Laurence jantaram macarrão com queijo, preparado pelo escritor veterano. Quem visse aquela cena, só os dois na cozinha, poderia imaginar até mesmo que fossem amantes.

– Ficou delicioso, Laurence.

– Essa receita salvava o meu casamento, quando eu e minhas ex-mulheres brigávamos. – *Ótimo. Tudo o que eu preciso saber, depois de tantas indiretas de que Marissa vai me deixar.*

Os dois deram boa noite e cada um foi para o seu quarto.

Daniel estava sozinho em casa quando viu uma porta. Não era vermelha, não, era uma porta como qualquer outra – com a exceção de que ele morava ali e nunca a havia visto antes. Aquilo o confundira profundamente. *Eu estou sonhando*. Ele olhava para a porta de madeira e não sabia se devia abri-la ou ficar o mais longe possível dela, até que tudo voltasse ao normal. *Se é um sonho, eu não posso me machucar*.

Ele se aproximou da porta. Estava silencioso. Aquele lugar era uma parede antes e não era possível que a porta levasse para lugar algum. Ele segurou a maçaneta. A imagem de Marissa surgiu em sua mente. Onde ela estaria agora? Fazendo compras, conhecendo alguma cafeteria, fofocando com as amigas, aguentando a mãe insuportável... Com a outra mão, Daniel se beliscou. Sentiu a dor, e nada de acordar.

– Laurence? – gritou Daniel, embora preferisse não ver o colega tão cedo, não depois do sonho perturbador com Alex.

Tentou manter o lado racional funcionando o máximo que podia. *Porta. Uma porta só podia significar uma entrada ou saída para outro lugar. Para onde ela me levaria? O que poderia sair de lá se a abrisse?* Daniel temia que aquela fosse sua Caixa de Pandora e que ao abri-la, todos seus demônios, fantasmas e sombras a atravessariam na velocidade da luz, de forma que nunca mais conseguiria fazê-los voltarem por onde saírem. Ou aquela porta poderia levá-lo a descobrir a verdade. Afinal, não era aquilo o que ele mais desejava: saber quem Laurence Loud realmente era?

Os segundos pareciam horas, tamanha a agonia que Daniel Luckman sentia. *Onde está Laurence?* Era como se o outro sempre aparecesse quando Daniel não esperava e quando precisava, o colega existia somente em sua imaginação, como um personagem. Novamente, aquelas ideias o atormentaram. Desta vez, a sensação era diferente. Ele achava aquilo tão estúpido e não tinha noção de como se permitiu dizer em voz alta, mas arriscou-se:

– E se eu for um personagem dele? E se Laurence Loud me imaginou?

Aquilo estava ficando mais confuso do que a alma de Daniel poderia suportar. Tudo ao seu redor parecia normal, exceto pela porta de madeira, nada estava fora de lugar.

Ele girou lentamente a maçaneta e tentou empurrá-la. Uma mistura de alívio e frustração atingiu seu estado de espírito. *A porta está trancada!* O que ele não entendia era de onde ela havia surgido.

– Alex? Laurence? Marissa? Alguém, por favor, me ajude! – gritou Daniel, ao perceber que a casa inteira estava mergulhada na escuridão e o único elemento brilhante era a porta. – Você só pode estar de brincadeira...

Pense rápido! Onde está a chave da porta?

As sombras se aproximavam dele. Estava perdido. Ninguém poderia salvá-lo. Precisava acordar o mais rápido possível. Se aquilo fosse só um sonho, por que tudo parecia tão real? Ele ouviu suspiros. Uma energia negativa pesava o seu corpo. Era como se as criaturas sugassem sua vida. Para que elas vivessem, Daniel precisava morrer.

Desde o início ele havia pensado que a porta poderia liberar o mal, até descobrir que era o meio pelo qual ele escaparia dali!

– Daniel, você sabe o que precisa fazer toda vez que tiver um pesadelo e eu não estiver por perto... – Ele escutou a voz de Agatha.

– Mãe? Isto não é possível... Você está morta!

– Eu te pedi para ter atenção, Daniel Luckman, mas não, você não podia me escutar.

– Alex? – Daniel parecia em choque. Aquilo tudo era improvável. – Por favor, me diga como faço para sair daqui...

– Tudo o que você precisa saber é descobrir a verdade e ela o libertará.

– Eu não me importo com a verdade. Só quero acordar!

– Você não entende, não é, meu filho? Isso não é um sonho. É tão real quanto isto... – disse Agatha, enquanto o abraçava. – O seu pai também está aqui. Só não sei se você gostaria de vê-lo tão cedo...

Aquele pensamento deixou Daniel mais apavorado. Ele estava imóvel, quando as sombras estavam tão próximas dele, como se elas o lambessem. Arrepios. Respiração acelerada. Coração batendo forte. Dor no peito.

Ele estava parado no corredor, como uma estátua de gelo, quando Laurence se aproximou.

– Daniel, o que está fazendo aí parado? Por que simplesmente não entrou?

O jovem escritor não acreditava no que via com os próprios olhos. Estava em um lugar completamente diferente, parecendo um bobo perto de Laurence Loud.

– Você está pronto para escrever? Os últimos capítulos são os mais difíceis.

– Claro, claro... – Foi tudo o que ele respondeu. Daniel estava piorando.

– Você quer que eu prepare um café para nós dois? Você está com cara de quem precisa de um.

– E quando é que eu negaria uma xícara de café? – perguntou Daniel, tentando fingir que tudo estava de volta ao normal. Não sabia dizer como Laurence não havia percebido a negação em sua voz. Ele temia que se tomasse a bebida, não conseguiria dormir à noite e as sombras viriam buscá-lo. Porém, sabia que não estava a salvo durante os sonhos. Todas as escolhas o levavam para a mesma direção.

Capítulo 23

Daniel deu graças a Deus quando amanheceu. Ele estava uma pilha de nervos. Os pesadelos na madrugada se misturaram à ansiedade que ele sentia pelo último dia de escrita com Laurence Loud, e o faziam pensar em como as horas passavam lentamente – suas ideias voavam, mas a alma estava presa pelas garras do tempo.

Ainda estava em dúvidas sobre como o livro terminaria. O fruto do seu bloqueio criativo era a preocupação com Laurence, o escritor, não o personagem. Ele também mal podia esperar para abraçar Marissa, tocá-la e sentir que tudo ficaria bem novamente. No dia seguinte, Laurence Loud estaria a quilômetros de distância, junto com ele toda aquela confusão sobre Alex, seus sonhos estranhos e situações que não faziam sentido para Daniel.

Aquela foi a primeira vez em que Daniel viu Laurence de mau humor. O colega parecia profundamente perturbado.

– Bom dia, L. L. – Laurence respondeu com um olhar de “Não force a barra, jovem!”.

Não aguentava mais comer as mesmas coisas. Com a volta de Marissa, Daniel esperava pelo apetite também retornar. Ele estava estranhamente alegre, pois sabia que Laurence Loud respeitava as datas de escrita – mais uma das coisas que ele lera na biografia. A biografia desaparecida. Às vezes, Daniel Luckman tinha medo de como funcionava a mente de Laurence.

– Posso te dizer uma coisa que nunca falei para ninguém antes? – perguntou Laurence. Percebendo que Daniel não havia se oposto, ele continuou a falar: – Você é como um irmão para mim, como uma versão mais nova minha.

– Obrigado pela confiança, Laurence. Irmãos confiam uns nos outros, certo?

– Exato. É por isso que eu vou te contar a verdade sobre Alex. Posso ver nos seus olhos brilhantes o quanto isso ainda te incomoda.

Daniel não acreditaria que Laurence contaria tudo o que ele queria escutar. Aquilo só podia ser brincadeira ou uma tentativa de manipulá-lo.

– Alex não era uma fã qualquer obcecada por mim. Talvez ela fosse louca para estar sempre por dentro da minha vida, mas ela era minha biógrafa. Mas você já sabia.

Laurence colocou a biografia sobre a bancada.

Não demonstre espanto.

– Shh... Você está ouvindo isso? – perguntou Laurence.

– Não estou escutando nada. O que é?

– São as sombras vindo.

Daniel se lembrou de Alex na hora.

– Você quer dizer Alex?

– Não. Aquela noite ela não estava sendo ela mesma. Era como se estivesse possuída. Você acha mesmo que eu mataria minha amante?

– Amante... Mas... Eu pensei que...

– Escuta, Daniel. Essas criaturas não vão deixá-lo em paz enquanto você não sacrificar as coisas que mais ama. Elas se alimentam do sofrimento. Aparecem e desaparecem, mas sempre retornam, quando você menos espera.

– Eu não entendo...

– Vamos escrever! Quando a mente está entretida, ela não pode nos alcançar. O problema é quando estamos cansados.

– Eu pensava que eram sonhos, delírios...

– Elas são mais reais do que você imagina, Daniel. Se você se preocupa com a sua esposa, vai ter que aprender a protegê-la.

– E se eu fugir?

– Elas podem te alcançar, não importa onde você esteja, seja dia, noite ou madrugada, seja numa casa do campo, à beira-mar ou metrópole. Ignorá-las não as farão desaparecer.

– O que eu devo fazer, então? Você precisa me ajudar.

– Só o tempo dirá. Você vai confrontar seus demônios e precisará fazer uma escolha. Espero que se lembre do que eu falei. Elas gostam de sacrifícios.

Sacrifícios. A palavra rodopiou pela mente de Daniel e escorregou até a boca deixando um gosto de ferrugem. Era como se as atitudes estranhas de Laurence comessem a fazer sentido. Talvez ele não fosse tão desajustado quanto parecia, talvez ele soubesse que havia coisas desagradáveis que precisava fazer para continuar vivendo. À medida que ele defendia Laurence, ele sentia como se estivesse se defendendo. A ambiguidade de suas frases não eram mero acaso. Desde que recebeu o colega escritor pela primeira vez em sua casa, as sombras ganharam mais força. Nada era coincidência. Estava destinado a acontecer. O universo cobrava um preço dos dois por todas as histórias de terror que eles escreveram. *Alguém precisa pagar. Sempre.*

– Chega desse assunto. Não nos fará bem falar sobre isto, quando precisamos escrever as últimas páginas do romance. Não me leve a mal, Daniel, mas se você não aprender a lutar contra seus demônios, eles vão acabar com você e sua adorável Marissa.

Demônios. Daniel não sabia se Laurence falava das criaturas diabólicas propagadas pelas

religiões, se referia aos conflitos da alma ou uma mistura dos dois. Como poderia definir o indizível? As sombras, ele nem mesmo sabia como era possível que elas o perseguissem durante seus pesadelos e quando estava acordado. Ele queria fazer como quando era mais novo, fechava os olhos e desejava que nada daquilo fosse real, que o deixassem em paz.

– Daniel... – disse Laurence, percebendo que o colega não respondia e parecia perdido num emaranhado de memórias.

Daniel estava sozinho em casa, ele tinha 15 anos. Sua curiosidade sempre fora grande. A livraria estava vazia no dia em que ele foi. O jovem andava pela seção de livros sobre espiritualidade e deu de cara com um livro *A verdade sobre a bruxaria*. Ele começou a folheá-lo e sabia que não teria tempo. Olhou para os lados e não viu ninguém. Ele fez algo que não se orgulhava, mas na época não tinha condições financeiras e nem coragem de contar aos pais para o que precisava do dinheiro. Sabia que seria julgado pela leitura. Daniel colocou o livro dentro da jaqueta preta e fechou o zíper. Fazia um calor infernal na cidade, embora os garotos sempre usassem aquelas roupas escuras e não era motivo para desconfianças.

– Aonde o rapazinho pensa que está indo? – perguntou o vendedor, um homem de cabelos brancos, óculos redondos e expressão serena no rosto.

– Eu... eu...

– Não precisa dizer nada, garoto! Eu já tive sua idade. – Daniel sentiu o rosto queimando. Como poderia ter sido estúpido a ponto de roubar um livro e pensar que ninguém descobriria? – Ande, escolha mais um livro. Serão meus presentes a você! O universo sempre nos devolve o que damos. Quem sabe você não se torna um escritor?

– Outro? – Daniel levantou as sobrancelhas, incrédulo.

Daniel mal acreditava no que escutou. Era como se ele estivesse dentro de um filme. As pessoas jamais o presenteavam. Ele não tinha amigos.

– Acho que vou querer esse... – ele apontou para um livro de Laurence Loud, *O crepúsculo das bruxas*. Naquela época, ele estava acostumado aos livros que precisava ler no colégio, como *Pé na Estrada* e *Romeu e Julieta*. Aquela seria a leitura que mudaria sua forma de enxergar o mundo, que o colocaria na jornada do escritor.

– Boa leitura! E não se esqueça de voltar mais vezes.

– Obrigado.

De volta ao quarto, ele se aventurava na leitura do primeiro livro. Decidiu que só leria o de Laurence, quando terminasse o outro. Teve a sensação de que estava sendo observado por uma sombra na parede. Ela estava se movendo – só de pensar naquilo, Daniel mesmo adulto, se arrepiava. Fechava e abria os olhos, ela continuava, como uma enorme mancha na parede.

De repente, ele ouviu um barulho na porta da frente. Ela batia, batia e batia, como se alguém estivesse desesperado para entrar na casa. Daniel foi correndo para ver se eram os pais. *Devem ter esquecido alguma coisa*. Quando chegou até lá, a porta ainda batia, porém quando ele a abriu, não tinha ninguém. *É só o vento*. Ele retornou ao quarto e tentou se concentrar na leitura, mas não conseguia.

A porta voltou a bater, desta vez, ele ouviu o som da vassoura caindo, não uma, duas ou três vezes, mas com tanta frequência que ele se perguntava como era possível. Então, ele escutou o teclado do velho computador de Nick, como se alguém digitasse furiosamente. Daniel decidiu ignorá-los e pensava que era o suficiente para que tudo parasse. No entanto, os sons continuaram, simultaneamente, como uma estranha sinfonia de Daniel Lucas – na época, ele não havia adotado Luckman.

O que fazer? Quem chamar para ajudá-lo? Daniel era solitário. O pai trocava tanto de casa, sempre encontrando defeito no lugar, que ele havia perdido a esperança de manter amizades. Não havia ninguém que pudesse tirá-lo daquele pesadelo.

Como se seguisse a própria intuição, ele fez a única coisa que podia fazer naquele

momento.

– PARA!

Os sons cessaram.

Ele tentou não pensar no assunto, mas a situação ficou em sua cabeça durante semanas. Quando ele começou a ler o livro de Laurence Loud e se identificar com os personagens, foi como se um lado oculto tivesse se revelado – foi o início do seu relacionamento de amor e ódio pelas sombras.

Irônico como o que tanto o assustava, era o que o fascinava. Depois daquele acontecimento na adolescência, aliás, só um entre tantos casos estranhos que lhe aconteceram, ele quis se tornar escritor. Naquela época, os livros de Laurence Loud eram recomendados pelos jornais, revistas, televisão, não havia uma pessoa que não falasse nele. Ele sonhou que algum dia teria o mesmo destino, e depois de Lágrimas Negras, o sucesso bateu em sua porta. Porém, Daniel sabia que precisava publicar mais livros, não queria ser um daqueles autores de um best-seller só, aclamados por uma obra e fadados ao esquecimento por todo o resto que escreveu.

Então, aqueles demônios precisam de um sacrifício. Ele se perguntou se ele e Laurence entregassem o livro pronto a eles, as sombras os deixariam em paz. Para um escritor, abrir mão de um romance é tão doloroso quanto perder alguém que ama, como ter o seu filho arrancado de seus braços e levado para um lugar onde jamais pudesse encontrá-lo novamente. Eles poderiam reescrever outro livro para publicação, mas sabiam que a história nunca mais seria a mesma.

– E se D. morresse no final e L. continuasse vivo? – perguntou Laurence.

– Não acho que um protagonista morto agradará aos leitores. Ninguém gosta quando o vilão tem um final feliz.

– É aí que você se engana, Daniel. Quando os leitores gostam mais do antagonista do que do protagonista, eles querem mais é que o mocinho se ferre.

Laurence despejava sua acidez, como se fosse a coisa mais natural a se dizer. As palavras acertaram o rosto de Daniel, como um tapa.

– Você sabe que eles são personagens, não é? Não podemos nos apegar a eles, não quando sacrifícios são necessários.

A maneira que Laurence disse aquilo fez Daniel perceber que o colega faria o que fosse preciso para se salvar, nem que para isso precisasse entregá-lo às sombras. D., Daniel, aquilo pouco importava, ele sabia que o romance não era só um livro.

– Tudo bem. D. pode morrer, desde que L. tenha um final justo e não saía vitorioso. Nem sempre todo mundo precisa ganhar.

– Justo – respondeu Laurence. Os dois se olharam por mais uns instantes e voltaram a escrever.

Algumas horas depois, a alegria parecia ter feito uma visita aos dois. Laurence e Daniel lutaram para não deixarem as lágrimas escorrerem pelo rosto.

– Nós terminamos. Não consigo acreditar... – Laurence que era mais velho do que Daniel, naquele minuto parecia uma criança, feliz por ter juntado dinheiro suficiente para comprar uma bicicleta.

– Laurence Loud, foi um prazer trabalhar contigo. Vou ligar para Marissa e amanhã marcamos um almoço de despedida! – disse Daniel, sem se importar em parecer rude. Precisava se afastar de Laurence Loud. Não queria mais nenhuma relação pessoal com ele, nada que não envolvesse o mundo dos livros. *Algumas pessoas despertam o pior nas outras. Assim é Laurence, como um câncer que cresce, sugando a vida, deixando um rastro de morte*

no lugar.

Cada um leu o que o outro escreveu e assentiram com a cabeça. Algumas revisões seriam necessárias, mas nada que os profissionais da editora não pudessem fazer. O mais importante era a essência do livro.

“D. morreu de olhos abertos, como acontece com as pessoas que se sentem traídas. Por mais que ele tivesse suas desconfianças, jamais imaginaria que L. teria coragem de assassiná-lo. Ele sabia que os dois não eram amigos, mas colegas de profissão... L. não só esfaqueou o peito do outro, como arrancou o seu coração. Ele não matou a mulher do outro, como D. imaginaria que ele faria; Não, com o desaparecimento do jovem escritor, ele se aproveitou da fragilidade dela e acabaram se envolvendo”.

Daniel sabia que aquilo era ficção, mas não podia deixar de pensar se havia um pinga de verdade no que Laurence escreveu. Por sorte, ele não o deixaria ter o final feliz que esperava. L. também pagaria o preço.

“Era madrugada, quando L. acordou. Ele olhou para a esposa na cama e pensou em quantas vezes havia imaginado aquilo. L. estava livre não só de D., mas também dos fantasmas que costumavam perturbá-los. Ninguém poderia julgá-lo por seu egoísmo. Às vezes, era preciso sacrificar pessoas próximas, não importava o quanto se gostava delas. Ele estava de olho na mulher do colega desde a primeira vez em que a viu. E se podia juntar o útil ao agradável, L. faria. O que ele não contava era com a perseguição, não das sombras, mas do próprio D. que aparecia em seus sonhos, seus pensamentos. L. estava ficando tão descontrolado quanto o colega.

Foi, então, que ele entendeu: enquanto ficasse com a mulher, jamais teria paz. Pensou em matá-la, mas não tinha coragem suficiente para tal. Não, ela era diferente das outras. Não era como A. Havia certa pureza em M., como aquela encontrada em animais selvagens...

L. fechou a porta e nunca mais voltou. Nem mesmo deixou um bilhete. Sabia que D. já não o incomodaria, e faria companhia para a mulher, até o resto de sua vida”.

Laurence deu um olhar descrente para Daniel. Estava claro que o escritor veterano não esperava pelo final. Era como se tudo o que ele ganhara, ele havia perdido – como se todos os seus sacrifícios fossem em vão. L. matou A., D. e não viveria ao lado de M., como desejava. Por um minuto, ele pensou em relutar e dizer que John K. jamais aceitaria o final, embora adorasse histórias sem finais felizes. O editor sabia o quanto elas vendiam bem, por causa da indignação dos leitores, que reclamavam para uma, duas, três pessoas e quando se davam conta, todos os livros haviam sido vendidos.

– Justo, Daniel Luckman. Amanhã você estará livre de mim. Quanto aos outros, espero que pense no que eu te falei...

Daniel sorriu. Era alívio o que ele sentia? Não sabia dizer. Personagens sacrificados. Daniel e Laurence concluíram o romance, mas não tinham ideia se seria o suficiente para que os seus fantasmas os deixassem em paz.

Parte 2

“Tudo o que vemos ou parecemos

Não passa de um sonho dentro de um sonho”

– Edgar Allan Poe

Capítulo 24

– Dá para acreditar que estamos realmente aqui? – perguntou Marissa.

– É. Se você me perguntasse há alguns meses, eu jamais imaginaria.

– Por que essa cara de triste? Estamos em Paris. O seu último livro está vendendo tanto, que se quiséssemos poderíamos nos mudar para cá.

– Eu pensei que você gostasse dos Estados Unidos. Podemos vender a casa do campo, mas eu não conseguiria viver aqui. Meu francês é *terrible*.

– Não custa nada sonhar, né? Ao menos tente se divertir um pouco.

Marissa estava resplandecente. Ah, como ela ansiava por aqueles dias na capital francesa, passeios até a Torre Eiffel, crepes, cafés. Ela até mesmo sentia vontade de fumar, como se fosse uma regra da cidade. Ela que quase não comia doces, estava se deliciando com os *macarons* rosas, verdes, brancos, amarelos, marrons. Daniel até mesmo perguntou se ela estava se sentindo bem. Vê-la sorrindo desarmava todas suas preocupações.

Um ano se passou desde que Laurence Loud havia ido embora da casa de Daniel Luckman. Naquele dia, Daniel nunca se sentiu tão feliz e assustado ao mesmo tempo. Ele mal conseguia esconder a excitação. O livro estava pronto! Laurence voltaria para o apartamento solitário dele e lidaria sozinho com o fantasma de Alex.

O coração dele mal aguentou de alegria quando viu Marissa colocando os pés em casa.

Ela parecia revigorada. Em compensação, Daniel estava magro, como se não comesse há dias.

– É tão bom estar de volta... – Marissa deixou o pensamento escapar.

– Sei bem como você está se sentindo. Eu também preciso voltar para a minha – anunciou Laurence.

Marissa e Daniel trocaram um rápido olhar.

– Antes de partir, que tal almoçar? Só de olhar para vocês, percebo que mal cozinharam.

– Isso, Laurence! Será um almoço em comemoração ao nosso livro... – Daniel se controlou para não dizer “Um almoço de despedida, no qual estaremos finalmente livres de você!”, mas não queria a antipatia do colega. Ainda dependia de Laurence para que o livro fosse publicado e se tornasse um sucesso. Não havia erro, dois autores best-sellers escrevendo juntos. Ele já podia enxergar o sorriso de John K. com seus olhos refletindo os dólares que ganhariam.

Marissa e Daniel foram até o quarto. O escritor beijou-a, como se aguardasse aquele momento durante anos, e não dias – aquela era a sensação que tinha da última semana, a de que cada minuto durava uma eternidade.

– Alguém está animadinho! – disse Marissa, retribuindo o beijo e olhando ao marido. Ela não queria dizer em voz alta, porém era como se ele houvesse envelhecido cinco ou dez anos de tão exausto.

– Estava com saudade. Juro que enlouqueceria, se você não voltasse logo. Coloque dois escritores numa casa e é a receita perfeita para confusão.

– Eu sei...

Ela sorriu para ele, de um modo tão pacífico que Daniel se perguntou se a mulher não era um anjo, uma criatura de luz. Perto de todas aquelas sombras que o perseguiam, ela era a única pessoa no mundo em que o escritor sentia que podia confiar, mais do que nele mesmo.

– Sei que você não aguenta mais Laurence. Eu também... Não sabe o quanto aguardei o dia em que ele se despedisse. – sussurrou Daniel, sabendo que o colega poderia escutá-lo.

– Para falar a verdade, estou mais calma. Eu estava precisando de uns dias. Não vou esconder, já estava na hora de vocês terminarem esse livro... Por que estamos sussurrando mesmo?

Daniel sentiu vontade de arrancar as roupas da mulher e fazer amor ali mesmo, embora ainda precisassem almoçar com Laurence. Seria melhor esperá-lo partir e ter privacidade. Ah, como ele gostaria de ficar sozinho com a esposa, como se o mundo fosse só os dois. Era aquela paz, aquela solidão, que o permitia imaginar outros universos em suas mentes. Sem aquilo, dificilmente escreveria. Porém, Daniel Luckman não podia mais negar o que sabia: Marissa não aguentava morar no campo.

– Preciso de um banho. Você me acompanha, meu amor? – perguntou ela, desarmando Daniel.

Eles foram ao banheiro. Ela abriu o chuveiro e entrou. Os cabelos castanhos dela escorriam pelos ombros. Ela estava de costas, como uma presa que não sabia que estava prestes a ser atacada por um predador, exibindo sua beleza. Daniel a abraçou por trás, ela se virou e o beijou.

Não havia mais jeito de esperar. Os dois corpos se desejavam e quanto mais se encostavam, maior era a vontade de se devorarem. Ele estava tão excitado que se esqueceu dos dias solitários, de Laurence na casa, dos terrores noturnos. Com Marissa, Daniel se sentia seguro, completo, como se ela fosse um pedaço que faltava nele. Ele queria que aquela sensação jamais acabasse. Os gemidos cederam e tudo o que ouviam era o som de suas respirações e da água caindo.

Uma vergonha mortal se apossou de Daniel ao se dar conta de que Laurence Loud deveria ter escutado tudo, no entanto aquele seria só mais um motivo para que o colega percebesse sua hora de partir. Ele beijou a esposa.

– Você realmente sentiu minha falta, não é? – Daniel sentia falta do jeito atrevido de Marissa. Aquela mulher com quem ele escolheu compartilhar a sua vida, o conhecia bem até demais.

– Mais do que você pode imaginar, minha querida.

– Estou percebendo... Há anos você não era tão, hum... Como posso dizer? Atencioso – Marissa escolheu bem as palavras, pois sabia o quanto Daniel era chato com elas e poderia se machucar facilmente. Ela era a rocha daquele relacionamento, enquanto o marido era a areia.

– Talvez você devesse me abandonar mais vezes... – brincou Daniel. Aquele parecia um dia feliz para o casal.

Capítulo 25

– Você está bem? Está tão distante. Pensando em alguma história para seu livro novo?

– Meu rosto é tão fácil assim de ler?

Daniel olhou para Marissa e sua mente retornou para Paris. Precisava aproveitar um pouco daquele lugar tão bonito, embora ele mal soubesse dizer pequenas frases em francês. A mulher o conhecia bem o suficiente para saber que mesmo sem escrever por ali, todas aquelas experiências e visitas se transformariam em material de escrita para o marido. Ela não se importava, desde que aproveitasse o tempo com ela, e não ficasse preso dentro de seus próprios pensamentos.

Então, esta é a sensação de se sentir realizado? Ele estava com a mulher, quando dois jovens o pararam, mostrando a tradução para o francês do seu romance escrito com Laurence Loud.

– É você... – disse um deles, mostrando a foto de Daniel na orelha do livro. Em seguida, o outro tirou uma foto do escritor. Foi tão inesperado que o homem ficou sem graça e ele não saberia como reagir se estivesse sozinho.

Marissa apertou a mão do marido, pois sabia que se não o mantivesse por perto, ele logo voaria para o universo de suas lembranças.

– Andar tanto me dá fome... – disse ela, e desta vez Daniel não podia negar. Nem mesmo em sua casa de campo ou quando iam para Nova Iorque, os dois andavam tanto assim. Aquela era uma das maravilhas proporcionadas pela viagem.

– Pizza?

A mulher nem precisou abrir a boca. Pelo modo que os olhos dela brilharam, Daniel teve a resposta. Eles andaram até uma pizzaria que por fora parecia bastante comum, até mesmo sua decoração era simples.

O garçom levou os dois até uma mesa no canto.

– Você pode me trazer um cardápio traduzido? – pediu Daniel.

– Merci – respondeu Marissa, e o garçom se afastou.

– Alguma ideia de qual vai querer?

– Que tal essa? – Ela apontou para uma pizza de salmão e *cream cheese*.

– Diferente. Vamos experimentar.

Enquanto Daniel se lembrava de Laurence Loud, Marissa fez o pedido – mesmo não sendo fluente em francês, a esposa falava sem precisar do dicionário o tempo inteiro.

– Teve notícias do Laurence?

– Não. Não desde o lançamento do livro. Ele estava tão perturbado aquele dia.

– Ele aproveitou bem as bebidas do coquetel... Nada que você já não soubesse da vida dele.

– Não sei explicar, mas desta vez foi diferente. Os olhos dele estavam vazios.

– Tenho certeza de que ele está bem. Por via das dúvidas, quando voltarmos, você liga para ele.

O garçom levou uma garrafa de vinho até a mesa e avisou que a pizza já estava quase pronta. Marissa estava às alturas. Ele sabia que quando a viagem acabasse, teria que se organizar para continuar escrevendo e, então, procurar uma casa nova.

Alguns minutos depois, Marissa devorava a pizza. Daniel se arrependeu de ter pedido aquele sabor. O salmão nem mesmo estava grelhado. Era como se eles tivessem colocado o peixe por último. Daniel odiava carne crua. Ele se controlou para não demonstrar o nojo que sentia.

Ele deixou o dinheiro na mesa e o troco como gorjeta para o garçom. Tudo era tão caro ali, que ele se perguntava como os franceses viviam bem, ou se os moradores da cidade tinham um preço diferenciado e os turistas pagavam mais caro. De qualquer jeito, ele não se importava. Depois de dois dias ele estaria bem longe dali, de volta à América.

– Agora confessa, você está morrendo de fome. Mal tocou na pizza... – disse Marissa. Às vezes, Daniel se sentia sem jeito perto dela.

– Tudo bem... Aquela pizza estava horrível!

– Olha, ali tem crepe. – Marissa apontou para um homem que estava em seu trailer de comida, preparando os crepes para uma pequena fila.

O cozinheiro olhou para Daniel e perguntou em francês qual recheio ele gostaria. Quem respondeu foi a esposa. Era terrível aquela sensação de não conseguir se comunicar. Quem poderia imaginar? Um escritor que mal podia elaborar uma frase sem tropeçar nas palavras e seu vergonhoso sotaque.

Assim que o homem entregou o crepe, Daniel pagou e saiu da fila. Não parava de surgir clientes. Enquanto andavam pelas ruas, iluminadas somente pelos postes, Marissa andava de braços dados com o marido.

– Sei que você não gosta, mas vamos tirar uma foto?

Daniel e Marissa se posicionaram em frente a um chafariz iluminado. Assim que uma mulher loira passou, Marissa pediu para que ela batesse uma foto do casal. A francesa apertou o botão bem rápido, devolveu o celular e continuou andando, como se estivesse acostumada com aquele clichê. Só mais um casal de norte-americanos em Paris, querendo uma recordação

da viagem.

– Obrigado, meu amor.

– Por causa da foto? – Daniel levantou as sobrancelhas, fazendo graça.

– Não. Por Paris. Por toda felicidade que você já me proporcionou ao seu lado. Eu sou a mulher mais sortuda do mundo.

– Marissa, olhe para mim... – Daniel segurou delicadamente o rosto da mulher. – Eu amo você! E tudo o que eu puder fazer para que você seja feliz, eu vou fazer.

Naquela noite, depois do passeio, eles foram para o hotel. Talvez fosse o romantismo da cidade, talvez a necessidade. Daniel e Marissa fizeram amor com calma, como não faziam durante um bom tempo. O casal havia reacendido as chamas do relacionamento.

Capítulo 26

Dois meses depois.

Após voltarem de Paris, Daniel Luckman nunca pensou que pudesse se sentir tão feliz em casa. A viagem tinha sido ótima, mas ele não conseguiu se desligar totalmente, ou, pelo menos, o necessário para desfrutar do passeio, como Marissa. Sua mente insistia em preocupá-lo com Laurence Loud e relembra-los os acontecimentos estranhos após sua partida.

A casa parecia iluminada com a presença de Marissa, porém havia um vazio sombrio deixado por Laurence. O alívio inicial se converteu em desespero logo na primeira madrugada em que Daniel não escreveu. Ele se lembrava de algo que o colega havia dito sobre manter os pensamentos em movimento para que os fantasmas não o perturbassem. Arrependeu-se de não ter prestado mais atenção.

Ele desejava que os demônios o deixasse em paz. Aquelas criaturas farejadoras de medo. Daniel sentiu a presença insidiosa, assim que fechou os olhos.

– Agora, eu vou fazer com você o mesmo que fizeram a mim – disse um homem de cabelos lisos e médios, que usava óculos fundos de garrafa e tinha uma aparência frágil. Ele nunca o havia visto na vida.

– Quem é você?

– Só um, entre tantas vítimas. Ele escreveu um romance com o meu sangue. Ninguém descobriu.

Daniel sentiu uma lâmina passar pelo seu pescoço. Do corte fino começou a vazar sua

essência.

– Não se engane se pensa que ele vai poupar você. Ele só está te usando, como usou a nós.

Antes que Daniel pudesse responder, ele sentiu a queda brusca da temperatura, como se estivesse dentro de um frigorífico e o cheiro podre de animal morto.

– Ele vai arrancar tudo o que você tem, assim como fez com o meu coração – disse Alex que estava mais pálida do que nunca. Ela também culpava Daniel pela morte dela.

Alex colocou uma das mãos no peito de Daniel. À medida que ela movia os dedos e a unha, ele sentia uma dor lancinante de sua carne sendo penetrada. Seu grito de terror causou uma crise de risadas no homem de óculos, como se o sofrimento de Daniel lhe desse prazer.

Então, quando ele achou que o pior havia passado, Marissa apareceu e pôs a mão sobre a boca de Daniel para silenciá-lo. Ele olhou para cima e viu uma versão gigante de Laurence – naquele instante, Daniel sentiu-se tão pequeno. Era tão surreal e tão assustador. O escritor veterano puxava fios que moviam os quatro, como marionetes.

– Daniel, é a liberdade que você quer? Faça uma boa viagem ao submundo – respondeu Laurence ao cortar o fio que segurava Daniel, com seus olhos gigantes e um sorriso maléfico.

Ao ser libertado, Daniel se viu caindo e caindo num lugar escuro que parecia sem fim, até que o corpo colidiu contra a cama. Acordou num pulo.

Marissa olhou com pena para o marido. – Você sabe que precisa descansar, né? Seu trabalho está te deixando louco.

Ele respondeu com o silêncio.

Mais de um ano de paz, e ele sabia que não estava livre daquelas forças malignas. Já era

hora de ligar para Laurence Loud. Ele tentou uma, duas, três vezes, e nada. Perguntou-se se o colega estava o evitando. Não era como se Daniel tivesse feito algum esforço para contatá-lo após o lançamento do livro, pelo contrário, assim que os eventos passaram, Laurence desapareceu e o colega não se importou. Só falaria com o escritor sobre assuntos profissionais. Eram como dois estranhos.

– Você viu essa matéria? – perguntou Marissa ao marido, mostrando o jornal. Os olhos de Daniel se arregalaram e ele não escondia o espanto. Queria ter tanto sucesso quanto Laurence, mas jamais pensou que pudesse causar tantas intrigas.

“*Daniel Luckman: Um novo reinado na Literatura de Horror?*”. O artigo do jornal trazia uma foto de Daniel ao lado de Laurence e comparava o estilo de escrita dos dois autores, a contemporaneidade versus o clássico. Aquela seria uma novidade incrível para ele, se o texto não criticasse tanto o colega. Entre os pontos levantados no artigo estavam: Quando Laurence Loud lançaria um novo livro solo? Estaria escrevendo? Havia se rendido aos vícios novamente?

– Que péssimo.

– Daniel, não pense assim... Você sabe que faz parte do mercado escrever artigos assim... Eles inventam uma rivalidade para tornar os autores mais interessantes.

– Ainda assim. Imagine a cara de Laurence ao ler o artigo. Não me admira que ele não esteja atendendo ao telefone.

– Não é sua culpa. Laurence está acostumado. Perto de tantas críticas literárias, este artigo parece mais um daqueles textos de revistas de fofoca. Não se lembra de como foi o lançamento?

A pergunta da mulher fez Daniel reviver aquele dia.

A noite do lançamento do livro na *Booksworm*, uma das maiores livrarias de Nova Iorque, encheu o coração de Daniel Luckman de alegria. Ele mal podia acreditar que o seu sonho estava se realizando. Marissa, John K. e Laurence Loud. Era grato a cada um deles pela publicação do romance, *Linhas de Sangue*. Agora ele torcia para que o livro vendesse bem. Manter uma casa no campo não era fácil. Os custos eram altos. Daniel temeu que se o seu novo livro não fosse um best-seller, ele teria que voltar a escrever para jornais e revisar textos de outros profissionais, atividades que não o agradavam, mas o ajudaram a sobreviver durante anos.

– John K., como será o lançamento? – perguntou Marissa que parecia tão ansiosa quanto o marido. Ela observava Daniel e Laurence posando para as fotos e uma série de leitores sentados nas cadeiras, aguardando o início do evento.

– Daniel e Laurence vão contar como foi o processo de escrever o livro juntos, responder as perguntas dos jornalistas e leitores, tirar muitas fotos e autografar. O de sempre! Espero que o seu marido esteja se acostumando. Daqui para frente, as coisas só vão melhorar. – John K piscou para Marissa.

As mãos de Daniel estavam geladas, embora o rosto fervesse como óleo quente. Ele não imaginava o sucesso que seria o lançamento do livro. Seu primeiro romance ganhou destaque, mas não de maneira tão instantânea. Daniel nem mesmo precisou dar tantos autógrafos. Os olhos de Laurence Loud estavam vermelhos, diferente de Daniel que sentia agulhadas de ansiedade, o escritor veterano parecia entediado.

O primeiro a falar sobre como foi escrever o romance foi Laurence:

– Daniel é um escritor talentoso. Tenho certeza de que vocês vão apreciar muito a história do livro. Não vou contar muito sobre o romance, pois quero que vocês todos fiquem tão surpresos quanto nós ficamos à medida que escrevíamos. Acredite, terminar este livro foi um processo árduo e em alguns momentos, pensei que nunca colocaria o último ponto final.

A multidão aplaudiu Laurence Loud. Não havia uma pessoa na livraria que não ficasse

encantado com tudo o que o escritor dizia – aquilo fez Daniel sentir uma bola de fogo descendo pela garganta, queimando seu estômago. Ele temia que o público não se sentisse tão envolvido com ele.

– Laurence Loud é um escritor maravilhoso. Preciso confessar que ele me inspirou, embora tenhamos processos diferentes de escrever. – Daniel sentiu as palavras presas dentro dele. Foi como se estivesse dentro um quarto branco e tudo ao seu redor tivesse desaparecido. Até que sentiu um beliscão no braço e voltou à realidade. – Como eu estava dizendo, escrever um livro com Laurence foi um prazer. Nós quase enlouquecemos juntos. Imagine a situação, conviver com outra pessoa diariamente, precisando escrever e aquela sensação de que a obra nunca vai terminar. Houve um momento em que a ficção e a realidade me consumiram e senti que se o livro não concluísse logo, me tornaria um dos personagens de Laurence.

Daniel olhou para a multidão batendo palmas. Sua esposa confirmava com a cabeça, para os leitores que a observavam. John K. saiu do lado da mulher e subiu no palco.

– Bom, temos mais alguns minutos para perguntas. Alguém? – O editor apontou para uma mulher loira. – Você. O que quer saber sobre o livro?

– Minha pergunta é para o Daniel. Você ficou com medo de deixar Laurence ficar em sua casa? Dois escritores de terror juntos... – A pergunta arrancou risadas da plateia e logo os olhares curiosos se voltaram para Daniel.

– No início, fiquei sem jeito. Você pode imaginar a minha situação. Trabalhar com Laurence Loud foi uma dádiva. Medo? Por trás do Laurence autor, existe um homem com um humor admirável. Eu acho que Laurence ficou com mais medo do que eu...

Quando Daniel se deu conta do que disse, era tarde demais. Arrependeu-se de dizer que Laurence era engraçado, quando o autor levava anos construindo sua imagem misteriosa. Daniel sentiu os olhares de Laurence o queimando.

– Alguém mais? – perguntou John K.

Um homem japonês alto se levantou e segurou o microfone. A voz dele era delicada, porém as palavras eram afiadas como uma espada:

– Laurence Loud, o que você tem a dizer sobre as dezenas de acusações de plágios? Foi por causa de sua incapacidade de escrever que você trabalhou com Daniel?

Os homens e mulheres presentes no lançamento não podiam acreditar. As pessoas se entreolhavam e em seguida, todos os olhares se voltaram para Laurence.

– Laurence, você não precisa responder. – disse John K. tão irritado que suas bochechas pareciam brasas. – Próxima pergunta!

– Tudo bem, J. K. – respondeu Laurence. – Eu vou responder. Em primeiro lugar, qual é o seu nome? – A voz do escritor estava tão áspera que podia arranhar quem se atrevesse a ficar no caminho.

– Richard. – respondeu o homem com desdém e completou: – Acredito que ainda se lembra de mim. Afinal, foi eu que escrevi o seu penúltimo livro. Eu não sei como você roubou a minha história.

– Bom, Richard, posso te garantir que todos os meus livros foram escritos por mim. Guardo todos os meus manuscritos e anotações. John K. sabe muito bem disso, ou não se atreveria a me publicar. Daniel Luckman me viu escrevendo diariamente. – Ele olhou para Daniel que esboçou um sorriso constrangido de confirmação.

Quando Daniel olhou para o público, o japonês havia desaparecido. Aquilo o deixou intrigado. Ele temia que algum dia algo parecido pudesse acontecer a ele. Quais eram as chances de alguém escrever um livro com a mesma história e ser considerado um plagiador? Daniel não sabia responder. Naquele período com Laurence, foi como se suas escritas estivessem sincronizadas, como se falassem a mesma língua no papel.

Depois de mais algumas perguntas, John K. encerrou o bate-papo e avisou que os livros estariam disponíveis para quem quisesse comprar. Uma fila se formou para quem queria

autógrafo de Laurence e Daniel. Pelo rosto do colega, Daniel percebeu que ele estava desconfortável. Ele tomava uísque, enquanto abriu um sorriso amarelo para seus leitores, perguntava o nome e autografava. Eram tantas pessoas, que mesmo Daniel não gostando de assinar só o nome, teve que fazer isto, por sugestão do editor.

Aquele foi um dia que ficou esculpido na memória de Daniel. Naquela madrugada, quando estava em casa com Marissa, ele a perguntou:

– Você não achou estranha aquela pergunta para Laurence? Eu não sei como reagiria se fosse comigo.

– Ele deve ser um daqueles escritores que nunca conseguiram publicar e têm raiva do mundo. Você sabe como eles são.

– Ainda assim... A maneira que ele disse, parecia que realmente acreditava naquelas palavras.

– Meu amor, você sabe como é aquela frase: “Uma mentira contada várias vezes acaba virando verdade”? Não é porque aquele pobre coitado acha que Laurence roubou o manuscrito dele que é verdade.

A fixação pelo japonês roubou todo o glamour do lançamento. Daniel quase não pensava no livro.

Naquela madrugada, sua mente só saiu daquele espiral, quando Marissa o abraçou e o beijou com aquele odor etílico. Eles fizeram amor até o amanhecer.

Capítulo 27

A última vez que Daniel ouviu falar em Laurence foi na semana em que o jornal publicou uma reportagem com o depoimento de Richard. O escritor insistia que Laurence Loud não passava de uma farsa e alertou para que Daniel tomasse cuidado.

Marissa descansava os pés e assistia televisão, enquanto Daniel lia obsessivamente as críticas sobre o romance escrito com Laurence. Ele estava passando por um bloqueio criativo daqueles. Pensou em escrever uma história de terror em Paris, mas se lembrou da numerosa quantidade de narrativas que se passavam na capital francesa, e não tinha memórias ou afinidade suficientes para usá-la como cenário para um romance. A maioria das críticas que ele leu sobre o livro era positiva, porém alguns críticos afirmavam que a escolha dos autores de se transformarem em personagens era amadora e esperavam mais dos dois autores best-sellers. Alguns fãs de Laurence Loud eram tão obcecados pelo escritor que chegaram a alegar que Daniel havia matado o colega, para roubar o lugar dele, e por isto ele estava desaparecido. Com a ausência de Laurence da mídia, logo surgiram sites com teorias conspiratórias.

Um suor frio correu pela testa de Daniel. Ele sabia que ninguém dava muita atenção para o que os leitores malucos diziam sobre autores, mas o sumiço de Laurence e a história do livro dos dois, o fazia se perguntar onde o outro estava e se ele fazia aquilo como uma estratégia de marketing para vender mais.

Naquela quinta-feira de sol, Daniel sentia o corpo mole, como se os ossos estivessem derretendo e a carne cedesse à força da gravidade. Ele desceu as escadas para tomar água, quando viu a esposa com os olhos bem abertos e pregados na televisão.

“Laurence Loud foi finalmente encontrado. Recebemos um vídeo do escritor bebendo em

um boteco desconhecido, enviado por um cinegrafista amador. Todos os boatos de que ele havia morrido ou desaparecido para divulgar o seu último romance foram água abaixo. Tentamos entrar em contato com o editor dele e com o escritor, mas até agora não tivemos retorno sobre as imagens”.

Daniel se sentou ao lado da esposa. Ficaram em silêncio, como se mal acreditassem no que passara na televisão. Laurence estava todo descuidado, seu cabelo estava mais longo do que o normal e a barba de quem não fazia durante semanas. Um pensamento de culpa se abateu sobre Daniel. Ele não precisou dizer nada, para que Marissa o abraçasse e se adiantasse:

– Não é sua culpa, meu amor. Quem poderia imaginar que Laurence não resistiria e voltaria a beber.

– Esses boatos todos... Surgiram depois que trabalhamos juntos.

– Olhe para ele... – disse Marissa, voltando à imagem do telejornal pelo controle remoto.

– Ele está doente. Laurence sempre foi alcoólatra. Você não pode achar que foi responsável por um problema que veio da adolescência dele.

Olhar Laurence daquele jeito fez Daniel se perguntar se aquela era a maneira do universo dizer que para ser escritor era preciso abraçar a dor, mesmo quando não era a sua. Antes de publicar o livro com Laurence, ele não tinha ideia de como faria para pagar as contas, e agora ele não precisava se preocupar, não até lançar um novo livro. Ele sempre admirou Laurence Loud pela maneira que o outro construía sua carreira de escritor, publicando seus livros e não se deixando abater pelas críticas. Agora ele havia se reduzido ao estereótipo do escritor fracassado, olhado pela sociedade como um vagabundo.

Não conseguiria viver em paz enquanto não fizesse aquela ligação.

– John, aqui é o Daniel. Estou ligando para saber se você tem novidades sobre o Laurence. Acabei de ver a reportagem...

– Laurence? Espero que ele esteja morto. Fechamos outros contratos e ele nunca mais

apareceu. Quando ele parar de bancar o escritor adolescente, usando os livros para impressionar garotas e encher a cara, você me avise.

– Então, ele realmente não está bem?

– Olha, Daniel, tenho centenas de manuscritos para analisar esta semana. Agora não é a melhor hora de conversar. Se está tão preocupado assim com Laurence, por que não experimenta ir ao apartamento dele? – disse John K. e desligou.

Daniel não havia pensado naquilo antes. Houve um tempo em que ele não suportaria ver Laurence tão cedo, na época em que estavam prestes a terminar o romance, porém agora estava preocupado. Perguntava-se se os fantasmas haviam o consumido. Se o fruto da bebedeira não era um simples bloqueio criativo, mas a incapacidade de dormir, com aquelas vozes e imagens atormentadoras na cabeça. Ele devia a visita a Laurence. Lembrou-se de quando estava no hospital e o colega fora até lá checar se Daniel estava melhor e o liberou.

Está decidido, eu vou a Nova Iorque.

Marissa estava de braços cruzados e seus olhos miravam Daniel com impaciência.

– Então, ele está bem, não está?

– Preciso visitá-lo. Irei amanhã cedo e voltarei no mesmo dia.

– Você tem certeza de que quer ir sozinho? Posso ir contigo, meu amor.

– Não. É algo que preciso fazer. Laurence esteve lá por mim quando precisei, agora é a minha vez de retribuir o favor.

As horas passaram numa lentidão. A letargia subia pelas pernas de Daniel e se apossava de cada esquina do seu corpo. Tudo o que ele queria era dormir, acordar cedo, pegar a estrada e conversar com Laurence. Sua mente estava caótica demais para pegar no sono. A inquietação

vibrava dentro dele e não havia nada que pudesse fazer para se afastar daquela sensação horrível de impotência e ansiedade.

Quando ele finalmente dormiu, o relógio começou a tocar uma hora depois. Seus olhos estavam tão vermelhos que assustaria uma criança, junto com seu rosto pálido e o cabelo amassado. Daniel estava tão apressado que tomou somente o café, colocou os óculos de sol e se preparou para sair. Antes de pisar os pés para fora da casa, ele foi até o quarto e beijou com delicadeza o rosto de Marissa. Ele não queria acordá-la.

Assim que saiu de casa e começou a dirigir, Daniel sentiu os efeitos da noite mal dormida. Ele não parava de bocejar e a visão estava embaçada. Arrependeu-se da viagem, mas sabia que não poderia abrir mão de ajudar o colega ou se sentiria culpado, caso o escritor fizesse alguma besteira, como abrir as artérias com uma faca ou misturar veneno em sua bebida, para encontrar a paz e calar as vozes de sua cabeça. Aquela era uma linha que poderia ser cruzada facilmente por um escritor de terror – Laurence Loud não teria medo de se matar, assim como Daniel chegara perto daquilo tantas vezes.

Quando a fome parecia digeri-lo de dentro para fora e a bexiga doía de tanta vontade de urinar, Daniel encostou o carro em um dos postos de gasolina que havia pelo caminho. O lugar tinha uma péssima aparência, porém quando ele entrou no banheiro se surpreendeu com o ambiente limpo e cheiroso. Ele abriu o zíper e se esvaziou. Um arrepio de alívio saltou pelo seu corpo.

Ele entrou na lanchonete e viu um homem velho e careca bebendo cerveja pela manhã. Daniel sentiu uma pontada de culpa ao se recordar de Laurence. Ele comprou dois pacotes de salgados, daqueles bem gordurosos e uma lata de energético. Sabia que se a mente não acordasse, apagaria a qualquer instante, como acontecia com os caminhoneiros que se envolviam em acidentes nas rodovias. Assim que pagou a conta, ele deu uma última olhada para o homem e desejou que as horas voassem.

Colocou um rock pesado para tocar. Precisava de toda ajuda possível para se manter acordado. O som da guitarra estridente e a voz aguda da vocalista chegavam a doer os ouvidos

de Daniel, mas ele se sentia mais lúcido. O cansaço ainda permanecia, junto com as dores no corpo, porém a mente estava mais ágil e os pensamentos corriam tanto quanto o carro. Ele torcia para que Laurence estivesse lá e não perdesse viagem.

Após horas na estrada, quando Daniel chegou à rua em que Laurence morava, ele se sentiu mais calmo. O estômago roncava de fome, mas antes queria conversar com o colega e conferir como ele estava. Bateu três vezes na porta de madeira envernizada. Sem nenhuma resposta, ele tentou novamente.

Estava quase saindo do apartamento, quando sentiu o impulso de abrir a porta. Para a surpresa dele, o lugar estava destrancado. Ele se perguntou se Laurence Loud não se importava com suas coisas ou se algo grave acontecera, como um assalto. Daniel andou lentamente pelo apartamento, esperando dar de cara com o escritor mal humorado a qualquer instante, acusando-o de invadir sua casa.

O lugar estava vazio e sujo. Daniel teve a sensação de que o colega perdera o controle. O apartamento tinha um cheiro forte e nauseante de cigarro, repleto de guimbas e garrafas vazias pelos cantos. Sobre a mesa estavam a máquina de escrever e folhas amassadas. Daniel espiou. *Como eu suspeitava. Laurence não está produzindo nada.*

Ele tentou encontrar pistas de onde Laurence pudesse estar, porém não havia recibos, nada que indicasse onde o colega comprava suas bebidas. *Caso perdido.* A frustração o abraçou como um carrapato que grudava no boi e não o soltava nem quando havia consumido sangue suficiente. Estava prestes a voltar ao carro, porém decidiu dar uma volta pelo quarteirão, para ver se tinha alguma ideia.

Com uma forte dor no estômago, Daniel entrou no tipo de boteco que já havia frequentado no início da fase adulta, quando nunca tinha dinheiro, mas não se imaginava entrando naqueles dias. O lugar era escuro demais, levando em conta que o sol gritava do lado de fora. Ele estava prestes a se sentar próximo ao balcão, quando viu um garçom gritar com

um homem, em seu inglês misturado com espanhol.

– O *señor* precisa ir para casa ou vou chamar a polícia!

– Me deixa em paz. Eu só quero beber minhas lágrimas e fumar minha alma.

O homem estava de costas, mas Daniel sentiu que conhecia aquela voz. Quando se aproximou, seus joelhos quase cederam ao perceber que o bêbado era Laurence Loud. Ele mal podia acreditar na barba dele que cobria todo o seu rosto e seu cabelo volumoso, cheio de fios brancos. Só de ficar perto do outro, o cheiro de álcool subiu pelas narinas de Daniel, acompanhado de uma queimação no estômago.

– Laurence? Você está bem? – perguntou Daniel. Em seguida, se virou para o garçom e disse que levaria o colega para casa.

– Não tenho caneta para autografar... – resmungou Laurence, com os olhos perdidos em outra dimensão e a voz tão arrastada que mal era possível entendê-lo.

Daniel foi até Laurence e tentou levantá-lo, mas não deu conta de mantê-lo em pé sozinho e o deixou sentado. Ele foi até o garçom e pediu uma Coca e uma comida bem gordurosa. O homem assentiu e Daniel observava Laurence sem consciência. Os braços e as pernas de Laurence estavam mais finos, embora a barriga estivesse inchada como um baiacu. O cansaço no rosto, as rugas e olheiras estavam tão evidentes que era como se Laurence tivesse feito uma viagem pelo tempo. Era como se durante um ano, Laurence envelheceu uma década.

Quando Laurence começou a roncar, Daniel se perguntou como faria para acordá-lo. Alguns minutos depois, o garçom apareceu com a porção de batatas fritas tão gordurosa, que o óleo escorria pelo prato e dois copos do refrigerante com gelo.

– Laurence! Acorda...

Ao notar que Laurence abriu os olhos, Daniel sentiu um arrepio na nuca. Ele se lembrou

de quando sua saúde mental não estava boa. *Então, era assim que Marissa e Laurence me enxergavam? Perdido entre os dois mundos, precisando urgentemente ser internado?*

– Coma um pouco. Você precisa se recuperar... Há quantos dias você não escreve? – perguntou Daniel, como se aquela fosse a questão mais óbvia a ser levantada no momento.

– Eu não consigo mais escrever... – foi tudo o que Laurence disse. Seus olhos estavam voltados para si mesmo, e as palavras abafadas. Aqueles olhos vazios, aquela desilusão... Daniel se perguntou se morrer não seria melhor a viver assim, porém sabia que aquilo passava, sempre passava. Como quando tinha suas crises, seus pesadelos constantes e acordava como um verdadeiro morto-vivo. Marissa nunca desistira dele, mesmo quando Daniel nem sempre era gentil o suficiente para agradecê-la pela paciência.

– Beba... Você ouviu o garçom, precisamos ir para casa, antes que ele chame a polícia. Você não quer aparecer nos jornais deste jeito novamente, não é? – Aquela provocação foi proposital e ele sabia que se havia uma coisa que poderia fazer Laurence Loud despertar para a realidade, era tocar no ego dele, na imagem que ele levava anos para construir.

O rosto de Laurence se franziu ao beber o refrigerante. Ele colocou algumas batatas na boca, mas o corpo rejeitava o alimento. Daniel, por outro lado, se deliciava com a fritura de tanta fome que sentia.

– Daniel... – sussurrou Laurence. Ao ouvir o seu nome escorregado pela língua e dentes do homem, Daniel sentiu pena do outro. Naquele minuto, era como se Laurence Loud era um adolescente, frágil e confuso, e o outro era a salvação que ele precisava.

– Não se preocupe. Eu vou te ajudar. É o mínimo que posso fazer, depois de tudo o que você fez por mim. Marissa e eu estávamos preocupados com você.

Os olhos de Laurence tremiam e lutavam para não deixar as lágrimas se libertarem das amarras de sua alma atormentada. Sua expressão era a de um homem que tinha a vergonha de ser visto daquele jeito, mas que não pediria desculpas porque era o único jeito de aliviar a dor

que o engolia. A miséria se espalhara da cabeça aos pés. Uma dor para distrair outra. Ele olhou para a mão de Laurence e percebeu que o homem apertava a unha grande com tanta força contra o polegar, que se continuasse fazendo aquilo iria se cortar. Era o mesmo que ele fazia quando tentava despertar dos terrores noturnos.

– Vamos embora...

Daniel abriu a carteira e deixou uma nota de 50 dólares na mesa. O valor era o dobro do que ele havia consumido, mas era um jeito de demonstrar ao garçom o quanto estava grato por ele não ter expulsado Laurence do bar.

Andaram alguns passos e voltaram ao apartamento de Laurence, enquanto Daniel carregava o colega pelo ombro e o ajudava a se manter em pé. Laurence estava mole e escorregadio como uma gelatina. Com uma das mãos ele abriu a porta e carregou o colega até o sofá que era branco, mas agora estava marrom de tanta poeira.

– Marissa... – balbuciou Laurence.

– Ela está bem. Tive uma ideia e espero que concorde. Você me ajudou uma vez e agora é a minha hora de pagar minha dívida.

Depois de contar para Laurence sua ideia, ele convenceu o colega a tomar um banho. Pensou em ajudá-lo se precisasse, mas só de pensar na imagem de Laurence Loud pelado, Daniel teve que se controlar para não ruborizar, aquilo era constrangedor demais. A vida toda ele sempre evitou banheiros coletivos e sempre dava um jeito de escapar. Preferia ficar com o cheiro de suor misturado ao desodorante barato, a ficar pelado na frente de outros rapazes. Não entendia como os outros poderiam achar aquilo tão normal, quando para Daniel era embaraçoso, tão vergonhoso quanto ver um escritor sem talento declamando sua poesia sobre masturbação em um evento literário e recebendo falsos aplausos pela droga que escreveu.

Daniel Luckman mal podia imaginar quais eram as consequências do que ele estava fazendo. Para salvar um, era preciso destruir o outro.

Capítulo 28

Laurence Loud parecia outra pessoa após tomar banho e fazer a barba. Sim, ele ainda estava com a barriga avantajada e os cabelos precisavam urgentemente de um corte, porém Daniel se sentiu aliviado ao notar que o colega parecia melhor.

– Animado para descansar? Desta vez, nenhum livro pode nos estressar – disse Daniel, enquanto dirigia e virava o rosto para observar o colega.

– Como se os demônios fossem nos deixar em paz.

– Mais uma frase de seus livros? Esta eu não conheço.

– Vai conhecer. Acredite, meu amigo.

Talvez fosse melhor não puxar assunto com Laurence que parecia odiar tudo aquilo. O jovem escritor lutava com seus pensamentos. Parte dele queria não ter visto o colega tão cedo. Porém, havia certa obrigação, um acordo invisível de que se alguém salva a sua vida e a de sua esposa uma vez, você precisava retribuir o favor, equilibrar as coisas.

O locutor da rádio alertava para a tempestade tropical que abateria a região onde ficava a casa do campo de Daniel. Ele aumentou o som e sentiu flechas de preocupação atravessarem seu peito, enquanto Laurence permanecia indiferente.

O volume da chuva será um dos mais altos dos últimos tempos. Para os motoristas que pegarem a estrada, é recomendável fazer uma pausa até que a rodovia não esteja tão molhada e os carros não corram o risco de deslizamentos e acidentes.

Merda! Teria que aguentar mais algumas horas com Laurence, em alguma pousada vagabunda que encontrasse pelo caminho, até que pudesse ir para casa. Aquilo estava saindo

pior do que ele imaginava.

As gotas caíam lentamente, até que as nuvens negras deslizavam pelo céu e vomitavam todo aquele peso que já não suportavam carregar. As pequenas lágrimas deram lugar a uma violenta queda d'água. O barulho era tão alto que mal se podia escutar o rádio que chiava. Laurence desligou o aparelho.

Dirigir com este tempo é como ficar preso dentro de um daqueles terríveis pesadelos e não conseguir acordar. Ele dirigiu por alguns quilômetros, até que Laurence enxergou pelo vidro embaçado um hotel minúsculo na beira da estrada, com um painel luminoso quebrado. Daniel olhou pelo retrovisor e não viu nada. Quando estava prestes a ultrapassar a rodovia, um caminhão passou voando e por pouco não atingiu seu carro. Os dois homens trocaram um olhar. Sabiam que não fazia parte dos planos do destino que eles morressem ali.

Daniel ainda tremia, quando guiou o carro em direção ao estacionamento de terra, onde estavam mais dois carros. Se Marissa era o seu talismã da sorte, Laurence era o seu amuleto de azar.

Antes que Daniel pudesse dizer alguma coisa, Laurence abriu a porta e saiu correndo, deixando-o para trás. *Ótimo. Vou me ensopar todo. Este chão de terra molhado de terra vai sujar os meus tênis.* Ele colocou o celular no bolso, segurou a chave do carro e saiu correndo. Chovia com tanta força que era como se a água o empurrasse para trás. Ele lutava para que os pés não escorregassem e ele mergulhasse numa poça de lama. Quando saiu da chuva, a roupa e o corpo dele pingavam como um velho chuveiro aberto – lembrou-se da adolescência, de quando os outros garotos o jogaram na piscina de roupa e tudo, uma época atormentada de sua vida. Logo estava de volta à realidade.

– Aqui está sua chave... – disse o dono do hotel, entregando o objeto metálico para Daniel. – Seu colega pegou o quarto ao seu lado.

– Obrigado. – *Laurence, seu velho maldito e egoísta.*

Caminhou em direção ao quarto, num corredor protegido da chuva de chumbo que caía sobre a terra. Ele viu Laurence tomando uma garrafa de cerveja e fumando cigarro. Há algumas horas ele ficaria irritado, mas naquele minuto, Daniel que havia parado de fumar, pediu um para o colega. Laurence levantou as sobrancelhas que pareciam dizer para Daniel: O que Marissa vai pensar disso?

Os dois olharam para a tempestade, sem trocarem uma palavra.

Ainda não era hora do almoço e Daniel se perguntara se o céu clarearia antes da tarde. Mesmo com as palavras do meteorologista, ele aprendeu a nunca confiar naquelas previsões, não desde que, certa vez, saiu de casa sem o guarda-chuva, em plena Sétima Avenida, e parecia o único homem patético que não tinha como se proteger da tempestade.

– Desculpa não ter esperado. Precisava mijar urgentemente ou molharia as calças. Não que a chuva já não tivesse feito isso muito bem! – Laurence quebrou a fina camada de gelo que se formara entre os dois.

– Sem problemas – respondeu Daniel que parecia ter perdido a noção do que dizer. Foi como se a tempestade tivesse se alimentado das energias dele e fizesse chover em seu interior. Sua mente estava tão pesada e desconfortável quanto suas roupas molhadas.

– Então, o que acha de nos secarmos e nos encontrarmos para almoçar daqui uma hora?

– Achei que nunca fosse dizer isso! Eu estou morrendo de fome... – De repente, o bom e velho Daniel estava de volta.

Laurence se despediu com um aceno, entrou em seu quarto e fechou a porta. Demorou um pouco para que Daniel fizesse o mesmo. Ele tentava entender qual era o elemento que o unia a Laurence Loud. Teve uma sensação de *déjà vu* e tentou não pensar mais no assunto.

Dentro do minúsculo quarto, equipado com velhas mobílias, Daniel tirou a roupa

molhada do corpo e ficou só de cueca. Ele foi até a janela e conferiu se estava fechada, em seguida trancou a porta. Mesmo sabendo que nunca secaria a tempo, ele ligou o desengonçado ventilador de teto que balançava como se fosse cair a qualquer instante e estendeu a camiseta e a calça sobre a mesa e cadeira.

Daniel caminhou até o espelho. Estava acontecendo de novo. Aquela sensação de que a imagem que ele observava não era a dele, mas de outra pessoa. Suas primeiras suspeitas sempre eram os olhos. Ele se perguntava se os olhos sempre tiveram sido daquele castanho mais claro. Então, ele encarava as pupilas. *Estão maiores?* Era o próprio doutor e paciente. O diagnóstico era inconclusivo. Ainda era Daniel Luckman, mas, ao mesmo tempo, sentia como se fosse um estranho.

Ele respirou fundo, forçando o oxigênio a percorrer lentamente seu organismo e prendendo para que o ar escapasse somente pelas narinas. Aquele exercício o acalmava, não completamente, mas o suficiente para voltar à realidade. Daniel balançou a cabeça, como se assim empurrasse todos aqueles pensamentos demoníacos que grudavam em sua mente e nunca estavam satisfeitos. Eles sempre queriam mais e mais energia.

Abriu o chuveiro. Enquanto a água caía, a mente dele parecia ter ficado em estado vegetativo. Não podia pensar em Marissa, em Laurence, no almoço, em nada. Daniel sentiu-se oco, como se sua alma tivesse escorrido pelo ralo. O vapor embaçava o vidro. A água estava tão quente que a pele de Daniel queimava, num tom avermelhado e ele não se importava. Precisava chorar. Precisava tirar aquelas emoções ruins de dentro dele. Limitou-se a ficar lá, parado, impotente, embaixo da sua tempestade particular. Nem mesmo chegou a abrir a embalagem de plástico do sabonete vagabundo do hotel.

O peito de Daniel estava pesado, como se a pressão do ar o impedisse de respirar. O coração batia num ritmo lento. Os dedos estavam enrugados, quando o homem finalmente fechou o chuveiro. Ele enxugou os cabelos, em seguida os peitos, os braços e as pernas. Era como uma criança novamente, quando a mãe sempre o lembrava: “Não se esqueça de enxugar as costas também!”. Daniel havia se esquecido. Nada parecia importar. Estava fora de órbita.

Deitou-se na cama e os lençóis ficaram úmidos. O frio do tecido. A vontade de se cobrir. A saudade de dormir abraçado a Marissa. Apagou.

– Daniel... Você está aí?

Fora acordado pelas batidas na porta. Estava com tanto sono que foi logo abrindo para ver quem era.

– Por um segundo pensei que você estivesse morto. Fiquei batendo faz um tempo. Vá colocar uma roupa. Estarei te esperando.

Laurence desapareceu pelo corredor. Daniel fechou a porta, tentando se lembrar ao menos um pedaço do que o colega havia dito. Ele colocou a calça e a camiseta que ainda estavam úmidas. As meias e os tênis estavam fedendo, mas ele os colocou mesmo assim. Era como se estivesse no modo automático.

– Acorda... – repetiu Daniel, várias vezes, até finalmente ter energias para colocar um sorriso forçado no rosto e sair do quarto.

Ao andar pelo corredor, ele percebia que a chuva havia diminuído. A tempestade dera uma trégua. Ele sabia que era questão de tempo, até que ela voltasse com tudo, porém não se importou. Desistira de retornar para casa naquele dia.

Quando chegou ao pequeno restaurante que tinha no hotel, Laurence estava sentado à mesa, perdido em devaneios com seu cigarro. Daniel não queria parecer chato, mas odiaria almoçar com fumaça ao seu redor.

– Você demorou para vir. Fiz o nosso pedido. Não há muitas opções. Pedi hambúrguer e batata frita.

Daniel assentiu, sem ter ideia de quais eram os outros pratos no cardápio e com preguiça de perguntar.

Ao se lembrar de Marissa, ele apalpou os bolsos à procura do celular, mas se deu conta de que deixou no quarto.

– Já volto... Vou buscar meu celular.

– Se for para ligar para Marissa, não se preocupe. Eu usei o telefone do hotel para avisá-la. Imaginei que estivesse cansado de dirigir e pegou no sono.

As palavras enroscaram na garganta de Daniel. Não sabia até que ponto Laurence tinha boas intenções ou cruzava a linha de propósito.

– Aqui estão suas fritas. Os hambúrgueres já estão vindo – disse o funcionário do hotel que entrou em cena, salvando Daniel da incompreensão que era pintada em seu rosto. A fome cedeu espaço ao silêncio.

Trocam frases banais. Era melhor ter alguma coisa para disfarçar o desconforto, nem que para isso precisasse encher de elogios àquelas batatas amareladas e oleosas, as piores que Daniel comera na vida.

Depois que os dois estavam com a barriga cheia, Daniel e Laurence se sentaram nos sofás que ficavam na pequena recepção do hotel. O dono olhou para eles e perguntou se eles pensavam em pernoitar. Daniel respondeu que esperavam a chuva diminuir.

– Não seja por isso. Acabei de ouvir um comunicado na rádio de que as rodovias estão liberadas. Ainda chove, mas não traz perigo aos motoristas... – falou o dono, em seguida alfinetou os dentes marrons com a língua. – A não ser, é claro, que vocês queiram me ajudar a pagar as contas deste velho hotel.

– É melhor pegarmos a estrada... – respondeu Laurence, mesmo sendo Daniel quem dirigia.

O dono fez uma expressão de que sabia que aquilo aconteceria e cobrou deles. Quando Daniel percebeu que o valor estava barato demais, mesmo por terem ficado somente horas, ele

entregou duas notas de cem dólares, surpreendendo o homem e acrescentou:

– Obrigado pela honestidade.

O velho dono respondeu com um sorriso e apertou as mãos de Daniel. Ele e Laurence estavam prontos para pegar a estrada.

Capítulo 29

– Finalmente, vocês chegaram! A casa é grande demais para uma pessoa... – disse Marissa, contando as horas para ver o marido novamente.

Daniel a abraçou e explicou o que acontecera, sem se importar se Laurence contara tudo antes por telefone. Ela sorriu e depois cumprimentou o colega. O jovem escritor quase se arrependeu de ter levado Laurence para casa. Daniel achava que podia salvar o outro, porém Laurence parecia melhor.

– E você, Laurence... Estou feliz que tenha vindo. Você é sempre bem-vindo, pelo tempo que precisar.

– Marissa, você é tão generosa. Daniel tem muita sorte de ter uma mulher como você. – O comentário de Laurence fez Marissa e Daniel ficarem vermelhos.

Quando subia as escadas, Daniel teve a sensação de ser observado. Ele não sabia explicar, mas era como se sempre que Laurence estava por perto, a neurose dele piorava. Marissa estava na cozinha, preparando café, enquanto o escritor veterano havia ido para o quarto de hóspedes. Daniel não se sentia confortável em deixar a esposa sozinha perto do colega.

Foi só ele deitar na cama, que a porta se fechou com força. Sentiu o corpo murchar, como uma planta sem água.

As coisas vão mudar. Ele não sabia explicar, mas o pressentimento era forte como a

chuva que havia caído algumas horas e deixara um rastro de destruição por onde passasse. Carros capotados pela estrada, telhados de casas quebrados, inundações... Nada daquilo se comparava ao que viria a seguir. Nada de bom podia vir para aquele que convidava o mal para sua casa.

Sons de espíritos atormentados. Daniel se perguntou se algum dia estaria livre deles, mas sabia a resposta. Quando a porta se abriu, ele percebeu que estava enganado. Não havia nenhuma criatura sobrenatural no seu banheiro. O rosto de Marissa estava pálido, como se ela tivesse visto os demônios que costumavam perseguir o marido.

– Marissa... Por que está chorando? Aconteceu alguma coisa? Foi Laurence, não foi? – A torrente de perguntas escapou pela boca de Daniel que se preparava para defender a honra da mulher.

– Escuta... – Marissa se aproximou e segurou a mão dele. Mesmo com a aparência de quem não comia e dormia há dias, quando ela abriu o sorriso, Daniel viu uma luz nela. Seus olhos verdes cheios de lágrimas ficavam mais bonitos ainda, como se revelassem sua pureza – Eu vou ser direta. Espero que não surte. Sei que não é o momento certo ou talvez nunca vá ser... Eu estou grávida, Daniel.

– Nós vamos ter um filho... Um filho... Eu vou ser pai... – Ele repetia as palavras e abraçava a mulher, como se abraçasse a si mesmo. Sua voz não transparecia alegria. Ele sussurrava como se tentasse se convencer do que escutara.

Se o que Laurence Loud dissera era verdade, ele não havia escolha. Daniel faria o que fosse preciso para salvar a esposa e o filho.

Lágrimas quentes serpentearam traiçoeiras pelo rosto do homem que por fora era um adulto e por dentro era frágil e confuso como um adolescente. A surpresa se misturava à alegria, mas também havia uma gota de decepção – às vezes, uma pequena gota de veneno podia ser letal. Não queria se entregar à negatividade, ao mesmo tempo não podia ignorar o pensamento que gritava em cada canto de sua mente. *Serei um terrível pai.*

– Você precisa ir ao médico, meu amor.

– Hoje não. Vamos comemorar. Amanhã nos preocupamos. Já marquei a consulta.

– Eu amo tanto você. Prometo que vou fazer o possível para te fazer feliz... – *Mesmo que isso signifique abrir mão da minha própria felicidade.* O sabor agri-doce se espalhou pela língua de Daniel.

– Eu sei que a ideia de ser pai te assusta. Sei que você e sua família nunca tiveram uma boa relação. Não é motivo para ter medo. Esta é a oportunidade de você fazer as coisas certas. Ser o pai que você nunca teve...

– Eu não sei se consigo... – sussurrou ele, se dando conta de que aquela não era a hora certa para deixar a insegurança ganhar vida.

– Você conta ou eu conto ao Laurence? A novidade pode animá-lo.

Daniel não queria envolver Laurence em sua vida pessoal, não mais do que já estava. Por outro lado, se ele havia levado o colega para casa, Marissa estranharia. Ele não queria parecer egoísta, o tipo de escritor que só se aproximara do outro por fama: “*Ei, vamos escrever um livro juntos. Eu fico famoso e depois finjo que não te conheço*”. Embora o sonho de consolidar a carreira clamasse dentro dele e após o romance com Laurence, Daniel fechou mais um contrato, odiaria se alguém fizesse o mesmo com ele.

Marissa soltou das mãos dele e desceu as escadas, com a leveza e alegria de uma ninfa. Daniel queria protegê-la das criaturas da noite. Como poderia explicar a ela sobre algo que nem mesmo ele entendia? Ela o acharia maluco. Ninguém nunca dava ouvidos a ele. Os pais sempre o trataram como um pirado, estranho, uma vergonha para a família. Que outro motivo explicaria o desaparecimento de sua mãe após a morte do pai? Ele sentiu certo alívio após Nick morrer, o tipo de coisa que dificilmente admitiria para qualquer pessoa, a não ser para si mesmo. Daniel sabia como era a dor do abandono. Não, os pais nunca haviam o mandado para fora de casa. Porém, a relação com eles era tão fraca e ilusória quanto crescer acreditando no

Papai Noel. *Uma casa com pessoas dentro não forma uma família.* Não, eles mal conversavam, incapazes de se comunicarem. O que os unia além do contrato invisível chamado família? Ele tinha o sangue dos dois. Sempre se perguntou o porquê de tanta indiferença. Até se dar conta de que havia sido adotado. Nunca se interessou em procurar os pais biológicos, nem mesmo tinha certeza se estavam vivos. Não precisava de mais uma decepção para a sua lista.

– Laurence, já está sabendo? Daniel e eu vamos ter um filho! – Marissa disparou as palavras, sem antes prepará-lo para as balas que o atingiram sem chance de defesa.

– Isto é... Incrível! Meus parabéns! – Laurence a abraçou com força e seu olhar se cruzou com o de Daniel. Aquele silêncio gritava algo que o escritor jovem não havia decifrado, mas imaginava. Era preciso um sacrifício.

– Precisamos comemorar... – disse Daniel.

Ele jamais reagiria daquele jeito, mas não podia se dar ao luxo de bancar o infeliz naquele momento de alegria para Marissa. Estava na hora de recompensá-la. Abriria mão da casa do campo. A esposa estava descontente ali. Com um filho, ela precisaria mais do que nunca do apoio dos pais, amigas e um lugar onde não precisaria ficar horas no carro para buscar ajuda, em caso de emergência. *Adeus, velho sonho.*

– O que acham de sorvete? Estou com desejo de pistache...

Daniel e Laurence ficaram em silêncio. Se Marissa não estivesse ali, poderiam conversar sobre aquilo que tanto incomodava os dois.

– Quer saber? Dane-se o que vocês pensam. Hoje é o meu dia!

– Sua esposa é sutil como o beijo de uma viúva-negra – soltou Laurence.

Ficaram os três na cozinha. O clima de alegria era tão gostoso e artificial quanto o gosto do sorvete. Marissa pensava no filho que crescia em sua barriga. Daniel se preocupava com o

que ele precisaria fazer para proporcionar conforto para a mulher. Não tinha ideia de como conciliaria a escrita e a paternidade.

Marissa estava tão feliz com Laurence, que Daniel sentiu uma pontada de ciúme. Preferia não ter compartilhado o momento com o colega. Antes mesmo de o filho nascer, desejava cuidar da criança, e junto de sua mulher, serem os únicos a protegerem-no. Não sabia de onde surgira aquele instinto, porém se pudesse, faria o possível para que o garotinho não passasse pelo mesmo que ele. Ele ainda nem sabia o sexo do bebê, mas algo o dizia que Marissa carregava uma versão minúscula dele no interior dela.

Laurence não deixava o casal em paz. Se Marissa morria de rir das piadinhas insólitas dele, Daniel queria dizer que levá-lo para casa tinha sido um mal entendido e Laurence Loud poderia se virar bem sozinho. Afinal, ele não tinha vivido todos aqueles anos sem Daniel por perto?

– Vocês já sabem o nome do bebê?

– Ainda não tivemos tempo de conversar sobre o assunto – respondeu Daniel, ríspido.

Um silêncio estranho como uma parede se ergueu entre os dois. Percebendo o clima pesado, Marissa segurou a mão do marido e sorriu para Laurence.

– Não leve para o lado pessoal... – ela sussurrou para Laurence. – Daniel nunca quis ter um filho. Sabe como é... Problemas com a família...

– Eu estou aqui. Não ajam como se eu não estivesse escutando!

– Deve ter sido difícil crescer sem o pai biológico. – Assim que Laurence falou aquilo, ele sentiu que estava na hora de se retirar. – Vou ler um pouco. Você se importa se eu pegar alguns livros da sua biblioteca? Estou precisando de inspiração.

– Sem problemas. – Daniel não gostava que mexessem nos livros dele, porém o desconforto de ter alguém bagunçando sua estante era menor do que suportar Laurence com

sua boca grande por mais um minuto.

– Obrigado... E, ah... Parabéns novamente aos papais!

Assim que Laurence saiu, Marissa abraçou Daniel e olhou para o marido.

– O que foi?

– Nada. Tenho a sensação de que você será um ótimo pai.

– Não tenho certeza disso.

– Bom, eu tenho. Eu sei que seus livros são como filhos para você, mas essa criança é uma benção. Você entende a grandeza de algo que nascerá de mim. Um pedacinho do nosso amor?

– Continue dizendo isso até ter que limpar a bunda dele. Ou ficar acordando durante a madrugada para fazê-lo parar de chorar – respondeu Daniel, num tom que era para ser de brincadeira, mas saiu sério.

– Não seja bobo, Daniel. Será mais fácil do que cuidar dos seus livros. Quantas vezes você perdeu o sono escrevendo, cortando as palavras, relendo histórias e reescrevendo? Você terá um filho de verdade, com o seu sangue.

Daniel tentou carregar a mulher nos braços, mas ele não tinha força para isso. Marissa soltou uma gargalhada tão natural e gostosa, que todo o mau humor de Daniel se dissipara.

– Se eu fosse você, aproveitava para fazer amor enquanto eu não estou parecendo um balão.

– Não diga bobagens, Marissa. Você é a mulher mais linda que eu já conheci e sempre vai ser.

– E você realmente sabe usar as palavras certas quando precisa. Tire a tarde para relaxar. Comigo. Na cama. – Marissa mordeu os lábios e fez aquele olhar que ela sempre fazia quando

queria alguma coisa e Daniel não podia resistir.

Eles subiram as escadas entre risinhos, como um casal de adolescentes. Daniel temia que o filho tirasse a magia do relacionamento entre os dois. Conviver com um escritor podia ser intenso. Não faltavam piadinhas sobre esposas de autores que afirmavam ser trocadas pelos livros.

Assim que trancou a porta, ele pulou na cama onde Marissa estava deitada, alisando a própria barriga. Se não fosse pelo teste de gravidez, dificilmente ele notaria que ela carregava seu filho.

Ele deitou a cabeça sobre a barriga dela. Mesmo sem botar fé de que escutaria alguma coisa, Daniel ficou maravilhado ao escutar o som baixinho que o lembrava de um minúsculo tambor batendo.

– Eu escutei... – disse Daniel, com um sorriso no rosto e os olhos brilhantes.

Marissa colocou a mão do marido na barriga dele e respondeu:

– Eu posso senti-lo dentro de mim. É difícil explicar a sensação, mas é maravilhosa.

Delicadamente, ele tirou as roupas da mulher e se aproximou. Daniel viu os pensamentos se dividirem dentro de si. Sentiu uma vontade louca de dar prazer para a mulher e ao mesmo tempo, tinha medo de machucá-la. Ele a beijou. A boca dela era quente e doce, como seu cafezinho. Quanto mais ele a provava, mais ele a desejava.

Eles fizeram amor de um jeito romântico. Daniel se lembrou de quando os dois começaram a namorar e se preocupava com Marissa. Queria satisfazê-la, sem fazê-la sentir dor.

Na manhã do outro dia, Daniel acordou com um sorriso no rosto. O medo de que pudesse ser um péssimo pai se transformou na alegria de ter um filho. Marissa estava certa: ele teria a

oportunidade de fazer tudo aquilo que nunca teve. Nick estava sempre ocupado, com o trabalho, com os malditos programas de auditório e enchendo a cara. Ele nunca parou para pensar como seria sua vida com o pai biológico, até aquele instante. Daniel sempre gostou de se ver como alguém sem raízes. Não porque queria. Era preciso agir daquele jeito ou a verdade o devoraria.

– Bom dia, meu amor! Está pronta para ir ao médico? – Daniel beijou a testa da esposa, enquanto ela se preparava para abrir os olhos.

Quando ela sorriu, foi como se o sol estivesse acabado de nascer, livrando-o de toda escuridão. Seus olhos verdes o lembravam da vida que acontecia do lado de fora da casa e que pulsava no interior dela. Uma semente germinava em Marissa. Daniel não podia acreditar que seria pai.

– Só mais cinco minutinhos... – Marissa fechou os olhos e abraçou Daniel.

Ele ficou fazendo carinho na cabeça dela. Tudo parecia na mais tranquila paz, até ele escutar um grito. *Laurence*. Daniel tirou as mãos de Marissa delicadamente e se levantou lentamente para não acordá-la, embora tenha ficado surpreso por ela não ter se incomodado com o barulho.

Ao abrir a porta, ele viu Laurence ofegante, como se estivesse correndo pela casa. Daniel o seguiu até o escritório e quando ele entrou lá, a porta se trancou. Ele ficou mexendo na maçaneta, tentando abri-la, mas não conseguia.

– O que está acontecendo, Laurence?

– Eu te avisei que eles não o deixariam em paz.

– Isso não é possível... – sussurrou Daniel, ao perceber que mesmo sendo dia, o escritório estava todo escuro. Era como se o dia tivesse virado noite. – O que é isso? Um eclipse solar?

– São eles. Vieram buscar o sacrifício. – A voz de Laurence falhou, como se lutasse

contra as palavras.

Capítulo 30

Daniel pensou em Marissa e no filho que ela carregava na barriga. *Não posso deixar nada de mal acontecer a ela ou nunca vou me perdoar.* Ele estava com raiva. Tinha sido estúpido o suficiente para ignorar Laurence.

– Como posso fazê-los parar?

– Você não pode.

– Tem que haver um jeito.

O desespero tomou conta de Daniel. Ele andou de um lado para o outro. Colocou a cabeça na janela e tentou enxergar alguma coisa, mas uma fumaça preta encobria a casa. Sentiu a culpa deslizar pelos dedos. Se estivessem na cidade, aquilo jamais teria acontecido. Não havia para quem pedir ajuda. Não havia quem pudesse ver aquele fenômeno estranho. Deveria ter escutado Marissa. A casa no campo tinha sido o devaneio bobo de um escritor sonhador. Sua vida estava desmoronando em sua frente. Não restaria um pilar em pé se algo acontecesse a Marissa. Só havia uma coisa que ele podia fazer.

Como se estivesse voltado a si, Laurence começou a chutar a porta. Daniel não entendia porque aquilo acontecia a ele. Desde pequeno, coisas ruins pareciam persegui-lo. Todos aqueles pesadelos com mortes, aqueles vultos que via na madrugada, aquela sensação de que alguma coisa o segurava na cama. Escutar Marissa gritando e estar longe, incapaz de ajudá-la, era algo que o fazia se sentir o homem mais impotente do mundo.

– Você sabia desde o começo e nunca me contou. Você sempre soube e não me procurou.

Isto não é nenhuma loucura que acontece só porque sou escritor. Não, isto vem acontecendo desde que eu nasci.

– Daniel... O que você está dizendo? – Laurence se virou para ele, com os olhos cheios de pavor.

– Agora não importa, não é mesmo? É tarde demais. Você pensou o quê? Que se aproximando de mim, tudo ficaria bem? Você é o culpado por tudo isso estar acontecendo.

– Calma...

– Não me peça para ter calma. Não quando a minha mulher e o meu filho estão prestes a serem levados por criaturas demoníacas. – Daniel vomitava o que ele havia se negado a pensar nos últimos meses.

– Eles sempre perseguiram nossa família. Não havia nada o que eu pudesse fazer para ajudá-la. Você tem que acreditar em mim. Sua mãe fez uma escolha. Ela me pediu para salvá-lo, mesmo que para isso tivesse que morrer.

– Eu não acredito nisso. Não posso acreditar que depois de todos esses meses convivendo juntos, só agora você teve coragem de me contar. Eu não quero escutar.

– Você precisa. Eu gostaria de dizer que existe alguma coisa que você pode fazer para salvar Marissa e seu filho, mas infelizmente não há. Esta maldição está em nossa família há tempo demais e assim como eu, seu avô, seu bisavô e nossos antepassados, você vai ter que aprender a aceitar as coisas como elas são, para que a realidade não o destrua.

– Ah, você está enganado. Há sempre uma alternativa. Você poderia ter me deixado viver com minha mãe, mas em vez disso, me entregou para um casal que não se amava e nunca cuidou de mim, não do jeito que eu precisava.

– Por favor, não diga isso jamais. Fiz o que era preciso.

– Não. Você fez o que era melhor para você. E agora vai fazer o que estou lhe pedindo ou

garanto que sua alma nunca mais estará em paz.

Daniel viu todos os momentos que ele havia passado com Marissa passarem diante dos seus olhos, não como um filme, mas como um livro folheado, em que as palavras saltavam da página e navegavam em sua mente.

– Prometa que vai cuidar deles para mim.

– Filho, o que você está fazendo? – Laurence gaguejou.

– Só me prometa ou eu nunca mais vou te perdoar.

– Eu juro que vou cuidar de Marissa e do seu filho. Não faça nenhuma besteira...

– Obrigado, pai... – Assim que Daniel disse aquilo, ele foi até a janela de vidro e a abriu. Ele deu um último olhar para Laurence e antes que pudesse pensar no que estava prestes a fazer, Daniel Luckman se jogou.

– Não... Vocês o tiraram de mim. – Laurence gritava e chorava, como um adolescente tendo um ataque histérico.

As forças esvaíram dele. Os joelhos tombaram. Laurence queria ficar caído, mas havia feito uma promessa ao filho. Ele foi até a janela e viu o corpo de Daniel no chão que ainda se mexia. Aquilo o encheu de desespero.

Capítulo 31

Sabia que odiaria a si mesmo por isso, mas tentou não pensar no filho em agonia. A porta destrancou. A casa ainda estava mergulhada na escuridão.

– Me soltem! – gritou Marissa. – Daniel, onde você está?

Laurence avançou até Marissa e a puxou.

– Marissa, precisamos sair daqui...

– Essas coisas não me soltam.

Era como se Marissa estivesse presa à cama.

– Deixem-na em paz. Vocês já têm o seu sacrifício! – berrou Laurence.

O velho e a mulher quase tropeçaram. Foi como se as criaturas que a seguravam tivessem a soltado. Laurence viu os vultos passarem pelo quarto. Mesmo sem conseguir acompanhar a velocidade das sombras, ele sabia para onde elas estavam indo.

– O que você quis dizer com sacrifício? Laurence, onde está Daniel? – disse Marissa, com uma expressão confusa e respiração ofegante.

– Você não entende. Ele fez o que foi preciso para te salvar. Agora não é hora para falarmos sobre isso. Precisamos sair daqui o mais rápido possível.

– Não pode ser. Eu não vou embora sem Daniel.

– Você precisa. Prometi a ele que cuidaria de você.

Laurence deu um olhar sério para ela e disse:

– Busque somente o que precisa. Precisamos ir embora desta casa, antes que eles voltem para nos atormentar.

– Quem são eles?

– Não é quem e sim o quê. São criaturas sombrias que têm seguido a minha família durante anos.

– Daniel?

– Meu filho biológico.

– Meu Deus, isto não está acontecendo...

– Marissa, você precisa ser forte.

Marissa foi até o quarto dela e passou os olhos pelos cantos à procura de algo que fosse precisar. Não havia nada que fosse tão apegada que precisasse urgentemente. Havia, sim, uma pessoa. Ela não queria partir sem Daniel, o grande amor de sua vida.

– Vamos.

As janelas da casa se quebraram e uma fumaça escura começou a entrar. Laurence puxou Marissa pela mão e juntos desceram as escadas. A aflição era tanta que o homem tropeçou.

– Meu pé. Merda! – gritou ele, tentando se levantar o mais rápido possível.

– Laurence?

– Continue andando, Marissa. Eu te alcanço. Você não pode deixá-los te pegar. O sacrifício de Daniel não pode ter sido em vão.

Ele continuou andando, sentindo uma fisgada a cada passo. Laurence olhou para as sombras se aproximando dele. Um pensamento de que elas não o fariam mal passou pela sua

cabeça. Aquelas criaturas queriam Marissa e o seu filho. Laurence pagara o seu sacrifício anos atrás.

Laurence tentou correr, mesmo com a dor lancinante.

– Marissa... – sussurrou ele, ao perceber que ela estava saindo de casa e daria de cara com a cena horrível.

Antes que pudesse gritar, Laurence sentiu várias mãos o segurando. Ele tentou se soltar, mas não era forte o suficiente.

– Seus filhos da puta... Me soltem...

– Um sacrifício por geração.

– Eu já sacrifiquei minha esposa. E agora o meu filho...

Laurence sentiu os braços e as pernas sendo puxados contra a sua vontade por aquelas coisas. Ele fechou os olhos e tentou rezar para que Deus o ajudasse. Ele não era religioso, mas sabia de uma coisa: se existiam aquelas criaturas insidiosas, deveria haver algum ser que lutasse contra elas e pudessem ajudar sua família. Sozinho ele não era capaz de enfrentar.

Marissa voltou correndo para dentro da casa e gritou:

– Laurence, temos que levar Daniel ao hospital. Você precisa me ajudar. Ele está vivo.

Ela olhou para ele e não sabia como o homem poderia estar parado, quando as coisas aconteciam numa velocidade louca e Daniel precisava urgentemente de ajuda.

– O que há de errado com você? Não escutou o que eu disse? Precisamos ir agora!

O homem lutava contra a boca que se abria. Ele tentava dizer alguma coisa, mas tudo o que saíam eram murmúrios. Marissa viu com os próprios olhos o que jamais acreditaria se alguém lhe contasse. Mesmo quando lia os livros do marido e de Laurence Loud, ela sempre pensou que aqueles fenômenos não existiam na vida real.

Laurence gemia de dor, quando as sombras entraram pela boca dele. Seus olhos escureceram e lágrimas negras escorriam dele. Ela se lembrou do romance do marido e tremeu diante da ideia de que demônios eram reais. Se era verdade, Laurence e Daniel não só imaginavam as histórias – era mais do que ficção. Eles escreviam o que as criaturas sombrias lhes diziam.

– Corre... – Foi a última frase que saiu da boca de Laurence, antes que ele perdesse o controle.

Marissa sabia que precisava sair dali, mas era como se o seu corpo se recusasse a obedecer à mente. As mãos dela viraram para trás. Os pés grudaram no chão.

Laurence torceu o pescoço para a direita, depois para a esquerda e falou com um tom demoníaco:

– Não adianta correr. Você nunca vai conseguir se esconder de nós. Estamos em todos os lugares, dia ou noite. Nós somos muitos. Nós sabemos o que você pensa, sonha, sente. Você culpou o seu marido por tudo isso, achando que tivesse alguma coisa nesta casa. Ele foi estúpido o suficiente para tentar te salvar. Quem precisa de um homem fraco, quando podemos ter uma criança.

– Vai se foder! – gritou Marissa.

Como se as palavras tivessem lhe dado coragem, ela correu para fora da casa. Ela foi até Daniel e começou a sacudi-lo.

– Daniel, meu amor, você precisa acordar.

– Marissa... – ele gemeu e tentou se levantar, mas o corpo estava pesado.

– O que você fez... Precisamos sair daqui. Laurence está chegando.

– Laurence vai te ajudar.

– Ele está possuído.

Marissa começou a chorar. Ela queria levantar o marido dali e tentar ajudá-lo, mas não tinha tempo. Laurence estava na porta, assistindo tudo aquilo, com um sorriso maléfico.

– Hahaha. Marissa, você está velha demais para brincar de esconde-esconde. – disse Laurence, enquanto a mulher corria pela estrada.

Capítulo 32

Ela colocou a mão no peito. Fazia dias que não corria. Sabia que era muito cedo para se preocupar, mas temeu que algo pudesse acontecer ao bebê. Marissa olhou para trás e viu Laurence se aproximava com calma.

Marissa não sabia por que o marido se jogou da janela ou o que aquelas criaturas que possuíram Laurence queriam. De uma hora para a outra, toda a sua alegria por causa da gravidez se transformara num pesadelo. A imagem de Daniel machucado e indefeso veio em sua lembrança.

Poucas coisas irritavam tanto Marissa quanto à localização da casa. Não havia nenhuma residência a quilômetros de distância ou alguém para quem ela pudesse gritar por ajuda. Ela sentiu vontade de amaldiçoar o marido, mas logo se arrependeu. Aquela não era a hora para ficar com raiva de Daniel. Não quando sua vida e a do filho estavam em perigo.

– Como não pensei nisto antes? – Marissa puxou o celular que estava enroscado no bolso do short jeans. – Merda! Que clichê é esse? Sem sinal.

Ela continuou correndo. Qualquer coisa era melhor do que ficar parada. Poderia se esconder nas árvores se estivesse de noite. Aquilo era confuso para ela. O sol estava no céu, mas nenhuma luz entrava na casa. As sombras estavam em todo lugar.

– Pense, Marissa... Se você fosse procurar um lugar... É isso!

Na velocidade que Laurence andava com o calcanhar machucado, Marissa decidiu o que faria.

Deitado no chão, Daniel forçou os braços trêmulos. Precisava se levantar. Precisava ajudar a mulher. Sentiu-se idiota ao pensar que ao se jogar da janela, aquelas criaturas deixariam sua família em paz.

– Deixe-a em paz, Laurence! – gritou Daniel, ao ver o homem seguindo a mulher.

Ele sabia que não teria algum lugar perto para ela fugir. Marissa não era frágil ou covarde, porém diante do que eles enfrentavam, a coragem pouco servia. Aquelas criaturas queriam um sacrifício. Daniel sabia que Marissa jamais o perdoaria se ele fizesse qualquer coisa contra a vida que crescia dentro dela. Se pudesse escolher entre os dois, ele escolheria a mulher sem pensar duas vezes.

Daniel tentou uma, duas, três vezes, mas estava sem forças suficientes para permanecer em pé. Não podia desistir. Se aquelas coisas que controlavam Laurence machucassem Marissa, mesmo que ela continuasse viva e perdesse o bebê, Daniel sabia que ela jamais seria a mesma pessoa. Assim como as sombras que cobriam a casa, Marissa perderia sua luz, aquela energia que ela tinha e o resgatava do seu próprio inferno.

Quando finalmente se levantou, Daniel andou até a casa. A atmosfera sombria do lugar o provocou arrepios. Teve a sensação de sufocar. Era como nos pesadelos, exceto que aquilo era bem real e ele não tinha a opção de acordar e magicamente se livrar daquelas criaturas.

Ele foi até o telefone. Daniel gemeu de alegria ao perceber que o aparelho funcionava. Ele discou o número da polícia.

– 911, qual é a emergência? – disse a voz de uma mulher.

– Tem um homem louco aqui em casa. Ele vai machucar a minha mulher.

– Senhor, não estou entendendo. Você pode repetir?

O sinal da linha começou a falhar. Entre os chiados, Daniel falou:

– Eu disse que minha mulher corre perigo. Há um homem aqui.

– Você pode passar o endereço?

– Eu estou... – Antes que ele prosseguisse, ele escutou uma voz demoníaca do outro lado da linha.

– Hahahahaha. Você está no inferno!

O telefone estava tão quente que caiu de suas mãos e começou a pegar fogo. Ele olhou para os lados para ver se Laurence estava ali. Marissa correu escadas acima. Ela não se deu conta da presença do marido ali.

– Isto vai ser divertido...– disse Laurence que subiu as escadas correndo, mas o pescoço permanecia virado para a direção de Daniel.

Marissa correu até o escritório do marido. Ela se abaixou e se escondeu sob a escrivaninha. Seu coração batia tão forte que ela temeu que as criaturas escutassem. Ela tentou respirar com calma e logo desistiu. Estava tão desesperada que o ar escapava de sua boca fazendo mais barulho.

– Marissa... Está tudo bem. Vamos sair daqui. – Ela sabia que aquela era a voz de Daniel, mas nem por um segundo chegou a acreditar que pudesse ser ele.

Ela começou a morder a própria mão para controlar a raiva que sentia – maior do que o medo. Aquelas criaturas sabiam como jogar baixo.

– Meu amor, tudo o que eles querem é o nosso filho. Assim que elas tiverem o que querem, vão nos deixar em paz.

A porta se abriu e de onde Marissa estava, não era possível enxergar. Ela viu a caneta tinteiro favorita de Daniel ao seu lado e a segurou com força. Cada passo que a sombra dava

em direção à mulher, ela sentia como se fosse desmaiar de tanta adrenalina.

Eles não querem nos machucar. Você precisa entender. Eles querem o sacrifício. E ele deve partir de sua vontade.

Marissa jamais permitiria que o seu filho fosse tocado por aqueles demônios.

– Eu posso farejar o seu medo. Ninguém pode te salvar.

Laurence estava tão perto de Marissa que ela podia sentir a respiração gelada dele em sua nuca. Quando ele a segurou com as duas mãos, foi como se ela tivesse mergulhado o corpo inteiro num rio de águas congelantes.

– Me solta, seu desgraçado! – gritou Marissa e fincou a caneta na barriga dele. Em seguida, ela começou a correr.

Capítulo 33

Daniel entrou no quarto de convidados sem que Marissa e Laurence notassem. Ele precisava encontrar uma resposta. Nenhum dos livros que tinha o ajudaria. Se havia alguém com mais experiência do que ele e familiarizado com aquele terror, era o seu pai. A ficha de Daniel ainda não havia caído. A vida toda idolatrando Laurence Loud e desejando seguir o mesmo caminho. As coisas seriam bem mais fáceis se o outro tivesse o assumido como filho, em vez de entregá-lo as mãos de um homem que não o entendia nem fazia questão de apoiá-lo.

Ele balançou a cabeça, tentando afastar o pensamento. O pai e a mãe adotivos estavam mortos. Ele não sabia nada sobre a mãe biológica, exceto que ela se sacrificou para salvá-lo das sombras. Tudo estava acontecendo novamente. *De que adiantou oferecer um sacrifício, se a fome que aquelas criaturas sombrias sentem só aumenta a cada geração?* Era injusto ter que lidar com algo que ele não entendia.

Silenciosamente, ele foi até o quarto e revirou a mala de Laurence Loud. Quando ele a abriu, viu um diário com capa de couro. Ele segurou o objeto com pesar. Sabia que a maneira que ele enxergava Laurence se transformaria. Quando ele escutou Marissa gritando, foi o impulso que precisava. Seus dedos estavam tão inquietos que ele deixou a caderneta cair no chão.

– Merda. – Ele se abaixou e pegou o diário.

Daniel não sabia por onde começar. O diário estava todo escrito numa caligrafia apressada que ele precisou fazer um esforço para entender. Páginas amareladas. Tinta borrada. Daniel se perguntou desde quando Laurence escrevia naquilo, até que olhou a data do primeiro texto.

18 de Novembro de 1984

Hoje foi um dia daqueles. Eu estava sozinho, quando escutei uma voz sussurrando no meu ouvido. Cada pelo do meu corpo se arrepiou. Megan estava deitada ao meu lado, num sono profundo. Fui tomado por uma sensação de mal-estar. Era como se alguma coisa estivesse ali. “Você precisa matá-la”, escutei. O pensamento se repetiu na minha mente, como um disco velho arranhado. Como eu poderia fazer aquilo? Megan era a primeira mulher que amei de verdade. Ela estava grávida.

Quando me dei conta, estava apertando o pescoço dela, até ela parar de se debater. De repente, acordei e vi que ela estava bem. Era só mais um estúpido pesadelo. Nunca pensei que pudesse me sentir tão incomodado assim com um sonho. Levantei e fui escrever. Eu precisava colocar as palavras no papel, me distrair. Seja lá quem estivesse naquela casa, eu podia ouvir a criatura rindo de mim. Escrever era a única coisa que me trazia alívio naquelas madrugadas. Eu pensava que se contasse aquela história, as sombras me deixariam em paz.

(...)

6 de Fevereiro de 1985

Não sabia onde colocar a minha cara quando Megan me disse que estava grávida. Nós não tínhamos planejado aquela criança. Meus livros estavam começando a fazer sucesso, mas não o suficiente para sustentar uma família. A cada dia que passava, eu sentia mais e mais aquela presença insidiosa na minha casa. Não havia um canto que ela não estava.

Lembrei-me do suicídio de um tio. Ele havia se matado com uma facada no pescoço. Parecia a atitude de alguém muito desesperado para colocar um fim na vida.

(...)

15 de Março de 1985

Megan estava pálida. Ela sentia enjoo. Era como se o filho que crescia dentro dela estivesse sugando sua energia vital. Pelo menos era o que eu pensava, até escutar aquelas

malditas vozes novamente. A primeira vez em que eu vi uma sombra na parede do quarto, pensei que estivesse sonhando acordado. Seus olhos eram vermelhos. Era como se a própria Besta estivesse ali.

Eu balancei Megan. “O que foi, Lau? Eu estou tão cansada”. Deixei-a voltar a dormir. Saí do quarto. Aquela imagem perturbadora não saía da minha cabeça. Fui até a máquina de escrever. A criatura assombrosa me fazia sentir medo de fechar os olhos. Como eu poderia dormir sabendo que ela estava tão perto de mim? Se aquela era a minha musa inspiradora, eu preferia viver com bloqueio criativo para o resto da minha existência.

(...)

24 de abril de 1985

Eu estava escrevendo, quando escutei Megan gritar. Saí correndo até o quarto e ela estava deitada no chão, com os olhos arregalados, repetindo sem parar: “Eles querem meu filho”. Ela demorou para se acalmar. Estava fora de si. “Você precisa me sacrificar, ou eles vão levá-lo”.

(...)

31 de novembro de 1985

Estávamos no hospital. Megan estava com a parteira, quando as luzes do hospital começaram a piscar. Ela gritava de dor e continuava fazendo força para que o bebê nascesse. Eu assisti tudo e não havia nada que eu pudesse fazer para aliviar sua dor. Nós discutimos tanto antes daquele dia chegar. Como eu poderia ficar com uma criança, sabendo que ela foi responsável pela morte da mulher que eu tanto amava?

A enfermeira levou o bebê franzino para fora do quarto e o levou para a incubadora, quando vi as sombras dançarem ao redor de Megan. Ela me deu um olhar de súplica. Sabia o que precisava fazer, mas simplesmente não consegui. Como se soubesse que eu não teria coragem suficiente, Megan tirou uma faca que escondera sob o travesseiro e mesmo fraca e

trêmula, ela cortou o próprio pescoço.

(...)

05 de dezembro de 1985

Alimentei-me da dor para escrever meus livros. Noite após noite, Megan aparecia nos meus sonhos. Não havia um dia em que eu passava sem beber. Eu nem mesmo quis olhar o bebê. Assinei os papéis autorizando a doação. Na mesma noite em que ele nasceu, o filho de um casal havia morrido. Era tudo o que eu sabia. Não quis contato. Embora soubesse que meu filho não era culpado pelo que aconteceu, antes mesmo dele nascer, eu havia decretado em meu coração que jamais poderia amá-lo.

(...)

Os olhos de Daniel se encheram de tristeza. Laurence o odiava. A vida todo ele desconfiou de que havia sido adotado e não fazia ideia de quem era o pai biológico, só não tinha noção de que ele o havia abandonado. Daniel se sentiu duplamente rejeitado. Ter um pai adotivo frio e distante como Nick, uma mãe adorável e perdida como Agatha e descobrir que a única pessoa que o amava, além de Marissa, estava morta. Por um minuto, Daniel sentiu raiva de Laurence. Desejou que ele estivesse morto no lugar de Megan. A mulher teria cuidado dele, mesmo que sozinha, ou era o que ele achava pelo jeito como ela havia sido descrita no diário.

Marissa não sabia o que fazer para escapar daquela situação. As criaturas que habitavam em Laurence estavam desesperadas para conseguir o seu filho.

– Entregue o seu sacrifício, ou nós iremos matá-la. – A voz em diferentes tons era tão perturbadora quanto o som do giz arranhando o quadro.

– Eu jamais vou deixar vocês levarem o meu filho. Prefiro morrer a deixá-los atormentar a alma de uma criança que ainda não nasceu.

– Se você fosse esperta faria como Laurence. Ele nos entregou Daniel.

– Daniel? Não é possível...

– A semente do mal está crescendo dentro de você. É só uma questão de tempo, até que ele seja velho o suficiente e nos entregue sua alma.

– Vá pro inferno! – berrou Marissa enquanto corria. Ela se sentia cada vez mais fraca, cansada. Laurence não dava sinal de que desistiria daquele jogo de gato e rato.

– Hahaha. Você pode apostar que sim, não antes de terminar o que começamos.

Laurence abriu um sorriso e soltou um grito. Marissa colocou as mãos no ouvido e seus joelhos cederam. Ela podia jurar que seus tímpanos explodiriam. *Então, era assim que terminava?* Depois de todo esforço que tinha feito para fugir. Aquilo não passava de uma brincadeira para as sombras. Elas poderiam tê-la capturado a qualquer minuto. *Não se pode enganar a morte!*

Os pés de Marissa giraram e ela caiu no chão. Seus olhos se fecharam. Ela havia caído no abismo de escuridão.

Capítulo 34

Marissa não sabia onde estava. Parecia sua casa, mas tudo estava tão sombrio.

– Meu amor, você está bem? – disse Laurence e a abraçou.

– Laurence? Onde estamos? Cadê o Daniel?

– Estamos em casa. Você precisa descansar. Tudo será como nós planejamos. Eu, você e Daniel seremos uma grande família.

Ela olhou para um menino que a observava. Marissa não podia deixar de notar o quanto ele parecido com Daniel.

– Daniel... Você não me disse onde Daniel estava...

– A mamãe vai ficar bem, pai? – perguntou o garoto que a observava com curiosidade.

– A mamãe está doente. Ela só precisa de tempo para melhorar.

O menino era como uma pintura borrada com os traços de Daniel e as cores de Marissa. Ele se aproximou dela. Marissa podia sentir pelo estranho brilho nos olhos dele que algo muito errado acontecera a ele.

– Você está pronta, Marissa? – perguntou Laurence, observando-a de braços cruzados.

– Pronta?

– Se você quer que o seu filho continue vivo, precisa fazer uma escolha.

– Este não é o meu filho. – disse ela, sentindo vontade de estrangular Laurence. – O que você fez ao meu bebê?

A criança soltou uma risada de outro mundo. Seus olhos pretos ficaram vermelhos.

– Mamãe, só você pode entregar a minha alma e me salvar.

– Nunca. – Ela cuspiu no rosto dele.

– Como quiser.

O garoto se aproximou dela e usou a unha para desenhar uma estrela invertida de cinco pontas em sua testa. O sangue escuro descia pelo rosto dela. Marissa deu um grito e, de repente, ela estava de volta à sala da casa.

Daniel continuava revirando o diário de Laurence na esperança de encontrar como pôr um fim naquelas forças sobrenaturais. Após a morte de Megan, Laurence descreveu os terríveis pesadelos que tinha. Mesmo casado com outras mulheres, ele continuava sonhando com a falecida mulher.

Depois de um intervalo de anos sem escrever, Laurence contou sobre a ideia obsessiva de que precisava encontrar o filho e encerrar aquela história. *“As sombras me seguem. Não há hora do dia em que elas me deixam em paz. Minha paixão pela escrita se transformou em uma forma daquelas criaturas transmitirem suas mensagens através de mim. Escrever histórias de terror não é tão prazeroso, quando você sonha com tudo aquilo. Sentia a dor dos personagens na minha própria pele. Se escrever aqueles livros era difícil, não escrever era pior ainda. Ao menos quando eu colocava as ideias no papel, sentia um alívio temporário”*.

Era estúpido tentar se convencer de que o encontro entre os dois havia sido coincidência. Desde a primeira vez em que Laurence o viu, até o projeto de escreverem um romance juntos, tudo era planejado. Daniel sentia a raiva gritar em seu peito.

Ele já não se importava com a data. Devorava cada uma das palavras de Laurence, como se não fizesse sentido compreender a ordem de tudo aquilo. Ele só queria entender qual era o real propósito de Laurence.

“Foi uma surpresa até para mim, quando li Lágrimas Negras. Naquele instante eu soube que aquele era o meu filho. Havia uma gota de minha essência em sua escrita, do sangue que corria em minhas histórias. Convencer John K. a nos deixar escrever um livro juntos não foi fácil. Ele não entendia porque eu tinha tanto interesse em um autor que seria reconhecido somente por um livro. “Ele tem potencial, mas, hoje em dia, que escritor não tem? É preciso mais do que isso, Laurence, você sabe. Se faz tanta questão, podemos acertar as coisas”. Escrever um livro com Daniel era mais do que uma oportunidade de conhecê-lo, era um jeito de colocar um fim naquele ciclo”.

(...)

Eu fui fraco. Alex morreu em vão. Ela prometeu me ajudar, arrancar a escuridão do meu peito, e por minha culpa, ela se foi. Eu não sabia que me aproximaria tanto de Daniel e Marissa. Meu plano era terminar de escrever o livro, o último que eu escreveria pelo resto da minha vida, e entregar o material junto com Daniel para as sombras. John K. insistiu tanto no projeto, que eu não poderia dar um sumiço no manuscrito. Era tarde demais.

(...)

O ódio que eu sentia por meu filho começou a se transformar. Eu tinha pena dele. Ele havia sofrido tanto quanto eu. Aqueles terrores noturnos, eu achava que era o único que lidava com as crises diariamente. Com o tempo, as sombras me visitavam com menor frequência. Só agora eu entendi o motivo. Elas buscavam um novo hospedeiro.

(...)

Fiquei espantado quando descobri que Marissa estava grávida. Eu seria avô. Aquela seria a chance de recompensar todo o mal que eu causei a Daniel. Aquelas criaturas não vão descansar até que elas consigam um sacrifício. Elas querem a alma do meu neto.

(...)

A vista de Daniel estava borrada de tanto que ele havia lido. Aquela fora a última vez

que Laurence escreveu no diário. Daniel sentiu as palavras o devorando por dentro.

– Não, por favor! Eu faço qualquer coisa... – Marissa gritava no andar de baixo.

– Entregue o seu filho...

– Nunca.

A dor de Marissa ecoou pela casa. Daniel não podia perder tempo pensando no quanto havia sido privado graças ao silêncio de Laurence. Pouco importava o passado, as decepções, quando Marissa precisava de sua ajuda e o futuro do seu filho estava em suas mãos.

Ele desceu as escadas pisando lentamente, para não atrair a atenção. Marissa estava deitada no centro da sala e ao redor dela estavam desenhados alguns símbolos de magia negra.

Laurence colocou as duas mãos sobre a barriga de Marissa e ela chorava de dor. Era como se os seus braços e pernas estivessem amarrados com um poderoso fio invisível.

Sabia o que precisava fazer. A imagem de Marissa em agonia era o incentivo que faltava. Daniel avançara contra o homem:

– Laurence, seu maldito! Vá direto pro inferno... – disse Daniel, enquanto batia na cabeça do outro com um taco de beisebol.

Os braços dele se paralisaram. Laurence olhou para Daniel. O sangue escorria da cabeça do homem. Ele abriu a mão e sombras empurraram Daniel e fizeram o taco virar cinzas.

– Não! – gritou Marissa, com os olhos cheios de lágrimas. – O que está fazendo? Daniel é seu filho. Seu monstro!

– Em breve seu filho também será meu. – Laurence começou a bater palmas.

Daniel olhou para o lado e viu uma garrafa de uísque. Não havia tempo para pensar.

Laurence começou a lambar o rosto de Marissa, enquanto ela se contorcia de nojo. Sua

língua bifurcada desceu pelos peitos dela.

– Para, seu filho da puta! Deus, por favor, me ajude. – Marissa se contorcia em desespero.

– Ele está ocupado no momento. Seu filho tem o sangue do seu marido. Os dois foram prometidos a mim.

Daniel se aproximou.

– Você não teria coragem de machucar seu próprio velho. Deus não gosta quando suas ovelhinhas matam – disse Laurence, girando a cabeça em direção a Daniel, soltando uma risada debochada.

– Minha alma já está perdida.

Daniel começou a bater com força a garrafa na cabeça de Laurence. O vidro se quebrava, cortava e afundava no crânio do homem. O sangue espirrava para todo lado. Ele continuava batendo e batendo, até ter certeza de que não restasse chance de Laurence permanecer vivo.

Marissa ficou em choque com aquela cena e estava tão fraca que só conseguiu sussurrar:

– Daniel...

– Marissa, olhe para mim! – pediu Daniel, segurando a cabeça dela. – Você precisa sair daqui. É só uma questão de tempo até as criaturas tentarem me controlar.

– Eu não vou a lugar algum sem você. Eu te amo, Daniel Luckman.

– Você tem que me escutar. Agora não é hora para ser teimosa.

– Você promete que vai ficar bem?

– Prometo. – Daniel sorriu para ela e a beijou. – Agora, me obedeça. Você não está a salvo aqui. Vá direto para a casa dos seus pais e leve isto para mim. – Ele a entregou o diário

de Laurence.

– E você?

– Acredite, eu sempre estarei com vocês. É o único jeito. Agora vá, antes que seja tarde demais.

A fumaça negra saía do corpo de Laurence. Marissa foi até Daniel e o beijou com um gosto amargo de despedida. Ela estava saindo da casa, quando escutou Daniel gritando:

– Seus miseráveis, peguem o seu sacrifício.

Daniel sentia que as sombras estavam prestes a entrar em seu corpo, quando ele atirou várias garrafas de bebidas no chão e em Laurence. Ele tirou o isqueiro do bolso, acendeu e o deixou cair. O velho não adorava beber? Teria o que merecia.

As chamas se espalhavam pela casa. Os móveis de madeira estalavam. Daniel sentiu o coração quebrando ao se lembrar do computador no andar de cima. Perderia todos os textos que escreveu até aquele dia. Era como perder a própria vida.

As sombras se misturavam à fumaça. Ele assistia o corpo de Laurence sendo consumido pelo fogo. Aquele jamais seria um sacrifício verdadeiro, não importava o quanto ele o admirava, era simplesmente um escritor. Laurence Loud nunca foi o pai que Daniel precisava. Ele não o perdoava por nunca ter ficado por perto, nunca ter dado uma palavra de apoio quando Daniel se sentiu perdido.

As lágrimas escorriam dos olhos de Daniel. O trabalho de uma vida toda estava perdido. As sombras vagaram ao redor de Daniel, mas pareciam incapazes de tocá-lo. Naquele minuto, ele havia feito sua escolha. Laurence poderia ter sacrificado o que mais amava para salvar Daniel, para não deixar Megan morrer – ele poderia ter se matado, afinal, ele era o canalha mais egocêntrico que Daniel já havia conhecido.

– Nós voltaremos. Nós sempre voltaremos. Um sacrifício por geração. Uma vida

marcada por pesadelos, pela escrita de sangue.

– Deixem meu filho em paz...

Ele tossiu. Pensou em deitar e deixar sua carne ser lambida pelo fogo. Morrer ao lado de um escritor que tanto admirou, para depois descobrir que ele não passava de um estranho. Laurence poderia tê-lo procurado antes, mas nunca o fez. Havia tantas coisas que ele poderia ter feito por Daniel. Não podia negar que parte dele gostou de ter matado Laurence. Não sabia se eram as influências das criaturas demoníacas ou se era a angústia que sempre carregara dentro de si.

– Daniel, o que você está fazendo? – Escutou a voz de uma mulher.

Ele nunca havia a visto, mas sabia quem ela era. *Megan*. Ela usava um vestido branco que brilhava de maneira fantasmagórica. Aqueles olhos cheios de vida, aquele sorriso. Aquela era sua visão nos últimos minutos de vida? Era o mais perto do paraíso que Daniel poderia chegar.

– Megan?

– Daniel, você precisa sair daqui agora. Você tem uma mulher e um filho para cuidar e amar. Laurence não sabia demonstrar o que sentia por você, mas ele te amava. E eu te amo! Jamais pense que o seu pai foi responsável pela minha morte. Eu fiz a minha escolha e agora você precisa fazer a sua. Você será egoísta em abandonar aqueles que te amam.

– Eu não consigo... Não é justo que o meu filho pague o preço. Nada disso foi justo.

– Você é o único que pode ajudá-lo e guiá-lo para longe das trevas. Você gostaria que ele tivesse o mesmo destino que o seu? Uma criança sem um pai que o ama?

– Eu jamais seria um bom pai. Como eu poderia ser algo que eu nunca tive?

– Não diga bobagens. Você teve Nick, Agatha, Laurence e a mim. Eu sempre estive te observando. Agora não é hora para covardia. Você não entende, não é mesmo? A maldição de

sua família nunca vai parar. Os sacrifícios só servem para uma geração. A próxima nunca estará livre. Quem vai ajudar o seu filho a lidar com algo que ele nunca entenderá?

– Marissa é mais forte do que eu. Ela sempre foi. Eu sou um derrotado.

– Daniel, jamais diga isso! – Megan deu um tapa na cara de Daniel e ele sentiu. – Você enfrentou seus demônios e é o único que poderá ajudar o seu filho. Nem mesmo Marissa terá a capacidade de fazer a criança entender os pesadelos, as criaturas sobrenaturais, o terror e a morte.

Em seguida, ainda sem entender, Daniel sentiu quando Megan o abraçou. Ele olhou para Laurence e sentiu uma pontada de culpa. Havia matado o próprio pai.

– Daniel! O que você ainda está fazendo aqui? – Ele escutou a voz de Marissa. Seus pelos se arrepiaram, pensando nas palavras que a mãe acabara de lhe dizer.

– Marissa... Eu te disse para partir.

– Por um segundo, você chegou a acreditar que eu iria embora sem você? Eu te amo!

– Eu também te amo... Minha mãe...

A imagem de Megan desvaneceu. Marissa andou até Daniel. Naquele minuto ele entendeu tudo. Ela sempre o salvaria das sombras. Marissa brilhava e o guiava para fora da escuridão. Incapazes de encostar neles, as sombras tentavam se alimentar dos seus medos.

Marissa e Daniel percorreram o caminho até a entrada da casa. Ele se sentiu o homem mais seguro do mundo ao lado dela. As criaturas não tinham poder sobre eles. Ela era sua chave para a liberdade.

– Precisamos sair daqui agora!

– Nossas coisas... – lamentou Daniel.

– Eu te disse que sempre odiei essa maldita casa. Vamos morar bem longe daqui.

Uma risada libertadora escapou pela garganta de Daniel. Ele sentia vontade de chorar e sorrir ao mesmo tempo. Marissa era a criatura mais bela e radiante que ele conhecera. Não poderia agradecê-la o suficiente por voltar para ele.

Quando estavam quase saindo da casa, ele deu uma última olhada para trás e viu Laurence Loud e Megan abraçados. Na escada da casa, ele viu Agatha. Sentado no sofá, Nick. E parada em frente à janela, Alex. Todos eles estavam ali. Todos que de alguma forma fizeram parte do seu passado. Ele estava livre.

– Adeus... – sussurrou Daniel e acenou com a mão.

– O que você está fazendo, Daniel? Precisamos ir.

– Me despedindo.

Marissa correu até o carro que o motor já estava ligado e assim que Daniel fechou a porta, ela acelerou. Daniel observou pelo retrovisor a fogueira gigante que se transformara sua casa. Não havia nada lá que ele fosse sentir falta. Ele tinha tudo o que precisava ao seu lado: Marissa e o filho que crescia na barriga dela.

– Sinto muito que seus escritos tenham queimado. Seus livros... Tudo... – disse Marissa, segurando o volante com uma das mãos e apertando a mão de Daniel com a outra.

– Está tudo bem, Marissa. Nós vamos ficar bem... Eu sei porque tenho você.

– Precisamos ligar aos bombeiros. O fogo da casa pode se espalhar pelo campo.

– Daqui algum minutos... Quero ter certeza de que não vai sobrar nada.

– Como quiser. Eu odiava aquele lugar mesmo.

Marissa continuou dirigindo pela estrada, até que a casa não pudesse ser visto pelo retrovisor.

– O que é isso...

Daniel sentiu que estava sentando em alguma coisa. O diário de Laurence Loud. De todos os textos escritos e publicados pelo escritor, aquele seria o favorito de Daniel.

Capítulo 35

Um ano depois...

Daniel acordou na madrugada. Não eram os pesadelos que o incomodavam desta vez, mas o filho que chorava dia após dia.

– Sua vez ou minha? – perguntou ele.

– Sua. Estou exausta... – balbuciou Marissa.

Ele beijou o rosto da mulher e foi até o berço que estava encostado em um dos cantos do quarto. O filho era tão pequeno, tão frágil. Daniel que jamais se imaginou um dia gostando tanto de uma criança, estava surpreso como não havia uma gota de mau humor dentro dele. Estava mais preocupado com a felicidade de Lukas.

– Vai ficar tudo bem... – sussurrou Daniel, segurando o filho nos braços e o balançado de um lado para o outro.

Marissa assistia tudo da cama, com uma alegria genuína. Ela sabia que Daniel seria um ótimo pai. Tudo o que ele precisava era de um filho para se conectar.

– Você quer escutar uma história? – Assim que ele perguntou, Lukas começou a rir e Daniel acariciou a cabeça do filho e a contar lentamente: – Era uma vez um garotinho chamado Lukas. Ele era a criança mais linda que o seu pai, Daniel havia conhecido e o melhor presente que Marissa, sua mãe poderia criar. Esta é uma história sobre o encontro entre a lua e o sol, e do nascimento da estrelinha mais brilhante do universo da família Luckman, uma família de sorte...

Assim que ele terminou de falar, Lukas dormia em um sono profundo.

– Bom garoto...

Daniel ficou cuidando do filho mais um pouco e pensando se sua vida teria sido diferente se Laurence não o tivesse abandonado ou se ele fosse adotado por um pai mais carinhoso do que Nick. Ou como seria se Megan não tivesse morrido. Ela o abandonaria como Agatha? Eram tantas perguntas sem respostas.

Desde o dia horrível em que Daniel descobriu mais sobre o seu passado e o viu queimando diante dos seus olhos, os pesadelos desapareceram. Sem inspiração para escrever seus livros, ele tinha uma carta na manga. Saiu do quarto e foi para o escritório.

Após perder todos os seus textos no computador, ele decidiu que seria melhor renovar o próprio processo criativo e para isso, deveria dar alguns passos para trás. Havia tanto que ele ainda não sabia, tanta coisa que a escrita havia revelado. Aquela era a magia de contar histórias, sem ela Daniel jamais teria sobrevivido. Ele não se escondia atrás dos livros, pelo contrário, era onde ele se fazia presente. Onde podia entender as pessoas através dos seus personagens, misturar a imaginação com suas experiências, sonhos e ver o milagre da vida acontecendo.

Quando ele percebeu o fardo que carregava nas costas, de escrever por meio das criaturas sombrias que o inspiravam, Daniel Luckman pensou em desistir. A decisão durou menos de cinco minutos, tempo que levou para de se dar conta de que não sabia fazer outra coisa. Ele nasceu para se tornar escritor. Era filho de Laurence Loud.

Sobre sua escrivaninha repousava a máquina de escrever que pertencia ao pai. Para se tornar tão bom quanto Laurence, Daniel Luckman precisava usar tudo o que aprendera naqueles meses juntos. Ele não podia negar, trabalhar com o pai tinha ajudado a abrir suas portas, afinal, ele ainda nem havia firmado um contrato formal e John K. já aceitara o seu novo projeto. Daniel pensou que seria melhor guardar para si mesmo o seu segredinho, não queria que as pessoas continuassem o comparando a L. L. – precisava seguir o próprio caminho.

O velho diabo Laurence, por outro lado, sabia como ninguém dominar a arte de não deixar pontas soltas. Ele havia deixado o nome de Daniel Luckman em seu testamento e mesmo sem consultá-lo, a informação foi divulgada pelos jornais do mundo todo.

Uma vez que marcado como filho de Laurence Loud, Daniel sabia que não podia ficar se lamentando e devia criar seu próprio estilo. Como toda polêmica, ele logo começou a receber cartas de leitores: algumas diziam que perceberam semelhanças nas escritas, outras o alertavam que ele jamais seria bom o suficiente como o pai. Havia aqueles que nunca tinham ouvido falar nele e comprariam suas obras, como uma forma de continuar acompanhando a tradição de um dos mestres do terror. Depois de Edgar Allan Poe, H. P. Lovecraft, Laurence Loud permanecia na lista de melhores escritores de terror da revista *Black Cats*. Daniel esperava, algum dia, alcançar o seu lugar ao sol.

Daniel olhou para a própria estante. Ao lado de *Lágrimas Negras*, estava o romance escrito com Laurence Loud, *Linhas de Sangue*. Sabia agora que não era coincidência, mas talvez jamais tivesse aceitado a escrever com o pai se soubesse antes quem ele realmente era. Ao lado da máquina de escrever, estava o diário de folhas amareladas.

Ele havia lido e relido aquelas páginas. *Não há pessoa melhor do que você para escrever uma biografia sobre Laurence Loud. Os dois tinham fascinação pelo terror, e, afinal de contas, ele era o seu pai* – as palavras de John K. giravam na memória dele. Daniel jamais poderia escrever um livro biográfico sobre o pai, pois mal o conhecia de verdade. Em troca, ele prometeu ao editor que escreveria um romance de terror, mais uma mistura de ficção e realidade, e Laurence seria o antagonista do livro pela última vez. John K. não perdia a oportunidade de publicar best-sellers e aceitou. Ele devia aquilo a Daniel, a Laurence Loud e aos leitores. O velho já imaginava a republicação de livros que não fizeram tanto sucesso do falecido amigo e escritor. Para Daniel, escrever o livro ia além de ganhar dinheiro, afinal, com o que Laurence o deixara e os direitos autorais que receberia, ele poderia deixar de trabalhar até o resto da vida. Era uma maneira de honrar a memória de Laurence Loud, agradecê-lo pelo sacrifício e se perdoar por ter matado o próprio pai, mesmo que ele estivesse possuído por criaturas sobrenaturais e quisesse machucar sua família.

Escrever era a única coisa que poderia salvá-lo, mas também era doloroso demais pensar nas lembranças que ele gostaria de ter apagado. Daniel sentiu uma mão em seu pescoço. Ele quase soltou um grito, quando se virou.

– Você não vem para cama?

– Em alguns instantes, meu amor. Perdi o sono.

– Sei de uma coisa que nós podemos fazer... Já faz um tempo... Lukas já está dormindo no quarto dele.

Ela saiu do escritório, e quando Daniel chegou ao quarto, percebeu que a mulher estava dormindo. *Como isso é possível. Ter chegado tão rápido.* Ele viu um vulto próximo ao seu filho.

As sombras se moviam pela parede. Daniel sentiu os membros congelados. Ele olhou para Marissa deitada na cama e seu coração quase parou por um minuto, ao perceber que uma mulher se aproximava de Lukas. De costas, ela era idêntica a Marissa, mas quando ela se virou e abriu seu sorriso escuro, Daniel pôde ver em seus olhos, aquela era Alex. Ela começou a rir, como se tivesse lido o pensamento dele.

– Eu pensei que você tivesse entendido... Não há nada que você possa fazer. Sua família está condenada.

Alex segurou o menino no colo e Daniel sentiu as palavras queimando em sua garganta:

– Deixe o meu filho em paz. Se você quer alguém, me leve.

– Você já pagou sua dívida. Agora é a vez do seu filho. Não se preocupe, nós não vamos levá-lo até que ele entenda o que precisamos...

– Por favor, não faça mal a ele.

– Isto é para você nunca se esquecer. – Alex tocou a testa do menino e desenhou uma estrela. Daniel se lembrou do símbolo, o mesmo que Laurence fizera na testa de Marissa, naquele terrível dia.

– Não! – gritou Daniel.

Naquele instante, Alex desapareceu. Marissa levantou assustada da cama quando viu o marido parado próximo ao berço. Ele e o filho choravam ao mesmo tempo. Aquilo a deixou inquieta. No fundo, ela sabia do que se tratava.

– As sombras... Elas vieram... – Daniel estava tão desesperado, que sua voz falhava, como se ele mal pudesse respirar.

– Eu sei... Tudo vai ficar bem. Nós conseguimos uma vez.

Marissa o abraçou. E assim que Daniel se acalmou, ela segurou o filho e o ficou balançando de um lado para o outro, até que ele adormecesse.

Nós nunca estaremos seguros. Sabia que não havia lugar para onde fugir. Aquelas criaturas não conheciam limites. A casa do campo havia virado cinzas e mesmo com a morte de Laurence, as sombras não estavam satisfeitas.

Epílogo

Os anos voaram. A cada dia que passava, Daniel se sentia mais velho. Ele se perguntava onde estava o jovem escritor cheio de energia que ele fora um dia. Com as sombras por perto, ele jamais dormiu em paz. Embora Marissa sempre tentasse o animá-lo, Daniel começou a beber e perder a vontade de viver.

– Daniel, você precisa voltar a escrever. Não quero que Lukas te veja desse jeito.

– Lukas...

Daniel havia prometido que seria um bom pai, mas como poderia quando não tinha ideia de como cumprir? O filho estava condenado graças ao seu maldito sangue. Aquilo o enchia de culpa todos os dias. O último livro vendera bastante. As pessoas ficaram fascinadas com a narrativa sobre Laurence Loud e sua luta contra demônios. Ninguém tinha ideia de que aquilo tudo estava longe de ser ficção.

Lukas entrou correndo pela sala. Ele já tinha 8 anos de idade.

– Papai, olha o meu desenho! – O menino entregou a folha para Daniel.

– Você fez o papai e a mamãe? – perguntou Daniel, tentando se ajeitar no sofá, enquanto Marissa assistia tudo ao lado.

– Não. Este é o vovô e a vovó.

– Como... – Antes que ele pudesse completar a pergunta, Lukas continuou falando.

– Às vezes, eles me visitam. Ah, e esta é a tia Alex! – Ele apontou para o desenho de um

bonequinho de cabelos loiros. – Ela disse que o dia em que todos nós vamos nos reunir está chegando.

– Lukas, vem aqui com a mamãe! – Marissa puxou o filho.

Daniel olhou para o desenho, se perguntando onde estavam ele e Marissa. Quando ele virou a folha, viu dois túmulos pintados com seus nomes e uma criança de mãos dadas com a mulher loira. A visão fez um arrepio subir pelos seus braços.

Isto não é possível... Daniel queria evitar que o filho passasse por todos aqueles pesadelos horrorosos. Parecia que a criança não só não tinha medo, mas gostava de Alex. Era como se as criaturas sombrias tivessem garantido sua vitória naquela batalha sem fim.

Queria ele ter o poder de recriar sua própria história, fazer tudo ficar bem. Infelizmente, toda a alegria que ele proporcionava aos leitores não era a mesma que sentia, não mais. Era como se sua fonte de criatividade tivesse secado. Depois de descobrir que sua musa e toda sua inspiração vinham da escuridão que habitava não só nos cantos da sua mente, como pensou inicialmente, mas eram reais e o seguia não importava para onde ele fosse, o que mais ele podia fazer? Como continuar escrevendo histórias de terror, se aquelas criaturas se alimentavam do medo?

Lukas e Marissa brincavam na sala. Daniel foi até o quarto. Ele não sabia por que se mudou para aquele lugar. Algo naquele apartamento lhe trazia uma sensação de conforto. Cansado, ele foi até a cama e encontrou embaixo do seu travesseiro o texto de um livro digitado na máquina de escrever. Ele começou a ler o material e não acreditou no que lia. Estava ali, toda a história de sua vida, desde a morte de sua mãe, Megan, o fim de Laurence Loud e o nascimento de Lukas.

À medida que ele lia e folheava as páginas, ele percebeu que a tinta ainda estava fresca. Pensou se Marissa se arriscara a escrever, mas não tinha certeza.

De repente, ele viu o apartamento mergulhado na escuridão. Marissa dormia ao seu lado. Ele não sabia se estava acordando ou se era um sonho, mas parecia real demais. *Que barulho é esse?* Daniel escutou o som da máquina de escrever. Ele andou até o escritório e viu o filho sentado diante da escrivaninha, apertando as teclas em um ritmo frenético e violento.

– Lukas? O que você está fazendo acordado a essas horas?

Vendo que o garoto não respondia, Daniel se aproximou dele.

– Lukas? – perguntou Daniel, desta vez colocando a mão no ombro dele. – Filho, o que você está escrevendo?

O garoto parou de escrever e olhou para Daniel. Ele inclinou a cabeça para um dos lados, seus olhos castanhos estavam pretos, pupilas dilatadas. Um sorriso maquiavélico se formou em seu rosto e Lukas soltou uma risada. Ele já a havia escutado em algum lugar... Parecia com a de Laurence.

As paredes do escritório giraram. Daniel perdeu o equilíbrio. Ele tentou se segurar em Lukas. O filho abriu a boca e mordeu a mão dele com tanta força, que rasgou sua pele. O pequeno demônio correu para fora e Daniel desmaiou no chão.

Ele acordou na própria cama, mesmo sem ter ideia de como havia chegado lá. *Marissa, eu preciso avisá-la.*

A mulher sorria para Daniel.

– Você deveria estar exausto. Lukas te encontrou dormindo no chão do escritório.

– Lukas... – sussurrou ele. – Há algo que você precisa saber.

– Daniel, quando você planejava me contar? – Lukas apareceu no quarto e abraçou as pernas da mãe.

– Mamãe...

– Agora não, Lukas. Seu pai e eu estamos conversando.

– Mas...

– Só um minuto, filho. – Marissa foi até Daniel e encostou seu rosto no do marido. – Ficou incrível, amor. Eu não sabia que você tinha voltado a escrever.

– Não foi eu... – As palavras escaparam da boca dele.

Daniel e Marissa trocaram um olhar rápido. De repente, Lukas gritou:

– Eles estão vindo!

Eles. Não houve tempo de perguntar. As luzes do apartamento se apagaram e a família se viu cercada por sombras. Era como estar preso dentro de um pesadelo. Laurence, Megan, Alex, Nick, Agatha, todos eles estavam ali.

– Tia Alex! – Lukas se aproximou da mulher loira.

– Você sabe o que precisa fazer... Se você quer reunir sua família, antes é preciso pagar o preço.

– Saia de perto do meu filho! – gritou Marissa, se aproximando de Lukas.

– Desculpa, mamãe... – Assim que Lukas disse aquilo numa voz chorosa, ele perfurou a barriga de Marissa com uma faca.

Os joelhos de Marissa cederam e ela caiu no chão, com a mão sobre a barriga, como se de alguma forma aquilo pudesse parar o sangramento. Daniel se abaixou até ela, com os olhos cheios de lágrimas.

– É tudo minha culpa... Se você não tivesse me conhecido, isso nunca teria acontecido. Nunca vou me perdoar por isso...

– Eu te amo...

Daniel olhou com descrença para Lukas. Como uma criança poderia fazer aquilo com a própria mãe? Ele sabia a resposta. Aquela criança não era comum, como nem ele, Laurence ou qualquer descendente de seu sangue. Ele poderia tentar fugir o quanto quisesse. As criaturas nunca se cansariam até conquistarem o que desejam. Um último sacrifício.

Lukas foi até o pai e, sem dó, enfiou a faca várias vezes em seu estômago. A última coisa que Daniel enxergou foi Alex assentindo com a cabeça para o filho dele e o som de sua voz:

– Guarde este manuscrito. Ele será a porta para os seus sonhos. Agora, faça exatamente o que eu disser. Vá para baixo da cama e ligue para a emergência. Não se preocupe com seus pais. Eles estarão conosco, cuidando de você. Vamos encontrar um lar adotivo para você e vai poder continuar o trabalho de sua família.

O sangue escorria da boca de Daniel, enquanto lágrimas negras caíam de seus olhos. As sombras cobriram o corpo dele e de Marissa.

FIM

Este livro foi disponibilizado pela equipe do [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)